

O INIMIGO

ANO IV — N° 12 — CR\$ 30,00 — SET/OUT 1980
SALVADOR — RIO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

UM JORNAL ANTIAUTORITARIO

DO REI

FIGUEIREDO FATURA COM AS BOMBAS

TRAFICANTE DE COCA
ASSUME O PODER NA BOLÍVIA.

AUTOGESTÃO
NA POLÔNIA(?)

FIGUEIREDO FATURANDO

Quem assistiu «Z», de Costa Gavras, está entendendo muito bem o que está acontecendo no Brasil ultimamente. O terror de direita assolando de ponta a ponta e as investigações — quem falou em investigações? — a passo de cágado. Em «Z» eram os militares que fabricavam atentados.

Na verdade, o que está acontecendo é um ressuscitar do AI-5, na clandestinidade. Quem precisa de AI-5 quando tem o CCC, a Falange Pátria Nova etc.? Para que pensar em usar as salvaguardas agora, se as bombas estão aí? Mas, por outro lado, é claro que o governo tem de manter a sua imagem. Tem de fingir que investiga, esbraveja contra a violência (logo quem! Figueiredo, chefe do SN em um dos períodos mais negros da história da repressão no país) e se oferece — devidamente cercado de agentes de segurança — para alvo das bombas.

E, indo mais além, o governo fatura tranquilão em cima das bombas. Não foram poucas as donas (e donos)-de-casa que ficaram com os olhos úmidos de lágrimas ao ouvir o presidente Figueiredo, enfático, dramático, chamar os terroristas de facinoras, logo após o atentado contra a OAB/Rio. E quando Said Farhat descobriu que o negócio dava certo, foi um tal de faturar com demagogias em cima do assunto que não acabava mais.

Enfim, aí está o quadro. Os atentados são da direita. Pouca dúvida restaria acerca disso. E por que a direita combate a direita? Bem, por um lado também não se tem dúvidas de que existem ainda alas mais direitistas do que esta que está aí. E que andam por aqui com essa história de abertura política, vaginas a cores em páginas duplas de revistas etc

e tal. E aí, por certo quer fazer tudo para atrapalhar o processo.

Do outro lado, então, estariam os santinhos? Não. Nada disso. Do outro lado está o governo, a direita que está no poder «legal», deixando o barco correr pra ver como é que fica. Controlando a situação. Enquanto as bombas forem em cima dos setores tidos como de esquerda, oposição etc. Tudo bem. Quando a coisa engrossar e neguinho quiser tomar o poder, aí isola Figueiredo na Granja do Torto, mantém-se dois dedos de prosa com os figurões que devem estar por trás da vergonhosa «Operação Cristal», e tudo se acerta. É mais ou menos assim.

No governo do general Médici, nunca se ouviu falar tanto em «aparelhos» desmontados pela Polícia Política. Todo o dia os jornais noticiavam «aparelhos terroristas» ou «aparelhos comunistas» ou ainda «aparelhos subversivos estourados». Agora, com esta história do terror de direita, fica parecendo até coisa de comadre. Todo mundo sabe, mas, discretamente, faz de conta que não. Onde está a capacidade dos órgãos de repressão, que tão bem funcionaram contra a esquerda?

Até parece que este é um país sério, quando as autoridades vêm a público dizer que estão «investigando», como nos tempos de Médici, que investigava, sem aspas, a esquerda. Agora não. De manobra em manobra, o governo está é aproveitando-se politicamente dos atentados para capitalizar recursos políticos e viabilizar seu projeto. Tanto isto é verdade que os oposicionistas estão todos cercando fileiras ao lado do general Figueiredo.

A única coisa que se pediria era um mínimo de compostura, já que ninguém vai descobrir coisa nenhuma sobre os jogadores de bombas.

OPINIÃO DA IMPRENSA

Polônia, Ano Zero

MAURICIO TRAGTENBERG

Promovendo uma greve fundada na ocupação dos locais de trabalho os trabalhadores dos estaleiros de Gdansk, Szczecin e Gdlnia, secundados pelos mineiros da Silésia, varreram a hegemonia dos burocratas do Partido Operário Unificado Polonês (POUP), amparados pelo Estado «operário», durante as últimas semanas.

São os legítimos herdeiros da Primeira Oposição Operária nos anos 1920-21, e dos marinheiros de Cronstad, imortalizados por Eisenstein no seu «Encouraçado Potemkin», que, de 3 a 18 de março de 1921, se levantaram contra a ditadura do partido único, o atrelamento dos «Conselhos» ao partido dominante e ao Estado, pela construção de um socialismo fundado na liberdade.

Quais são as reivindicações dos operários poloneses perante aqueles que exercem a ditadura em seu nome? Os grevistas de Gdansk, Szczecin, Gdlnia e os mineiros da Silésia levantaram-se para lutar por: 1) melhor abastecimento de gêneros alimentícios; 2) direito de greve e segurança aos grevistas; 3) liberdade de expressão oral e escrita, abolição da censura; 4) liberdade aos presos políticos; 5) liberdade de organização sindical independente do Estado e do Partido; 6) abolição dos privilégios na previdência social.

Quais eram as reivindicações da Primeira Oposição Operária na Rússia nos anos 1920/21? Liberdade de imprensa e de organização dos trabalhadores; dar fim à perseguição a opiniões que colidiam com as oficiais, no âmbito do Partido e dos soviets (conselhos); rechaçar a noção segundo a qual qualquer opinião que colida com as elites do partido, emitida por um trabalhador, seja tachada de «anarcossindicalismo»; autonomia e liberdade sindical ante o Estado.

Ao mesmo tempo, os membros da Oposição Operária opunham-se à direção individual da empresa por meio de um diretor nomeado pelo topo, em detrimento da direção colegiada, e a introdução do sistema Taylor, efetuada por Lênin, fundado no salário por produção, estímulo material e cronometria de tempos e movimentos, a última forma requintada de exploração do trabalho surgida nos EUA e posteriormente universalizada, atingindo atualmente todos os países do Leste Europeu.

Os membros dessa Oposição Operária foram dizimados, alguns presos, outros removidos pelos altos escalões do Partido e do Estado «operário» e outros cooptados pelo poder. Alexandra Kollontai, uma das ideólogas do grupo, terminaria seus dias como embaixadora da URSS na Noruega sob Stalin.

Porém, é em Cronstad que se dará o conflito aberto entre o Estado Proletário e os marinheiros, que desde a revolução de 1905 atuavam na primeira frente da luta por um socialismo libertário e antiautoritário. Que reivindicações eles? Segundo seu jornal «Izvestia» («A Verdade»), editado em Cronstad («La Commune de Cronstad», Ed. Belibaste, Paris, 1979), lutavam por: 1) reeleição aos Conselhos por voto secreto e campanha eleitoral com liberdade ampla; 2) liberdade de palavra e imprensa para os operários e camponeses; 3) liberdade de reunião para os sindicatos operários e as organizações camponesas; 4) liberdade de todos os socialistas prisioneiros políticos, assim como operários e camponeses, soldados e marinheiros encarcerados durante os diferentes movimentos populares; 5) eleição de uma comissão encarregada de examinar o caso dos aprisionados e internados em campo de concentração; 6) supressão do «departamento político» do Partido; nenhum partido deve ter o privilégio da propaganda ideológica, nem receber por ela a menor subvenção governamental.

A questão sindical ocupava posição central no conflito. Enquanto Trotsky era favorável e realizou a militarização dos sindicatos, Cronstad denunciava, a 3/3/1921, que «sob a ditadura bolchevista, os problemas de direção dos sindicatos foram reduzidos ao mínimo estrito. Durante os quatro anos do movimento revolucionário na Rússia socialista, os sindicatos jamais puderam tornar-se organismos de classe, devido ao Partido no poder educar as massas pelo método centralizador. Daí a atividade sindical reduziu-se unicamente a recensear — tarefa inútil — os membros de tal ou qual sindicato, a profissão de tal ou daquele aderente ou o partido a que pertence. Isso levou as massas operárias a se afastarem dos sindicatos e os gendarmes do bolchevismo serviram-se deles como aparelho auxiliar para explorar as massas. Os sindicatos reorganizados, assim como suas comissões, resolverão o problema da educação das massas em consonância com a construção cultural e administrativa do país. Deverão animar suas atividades com sopro inovador, tornando-se intérpretes dos interesses do povo.» («Izvestia» de Cronstad, pg. 51).

Em resposta, Trotsky jogou as tropas do Exército Vermelho contra Cronstad, não sem antes utilizar a mentira como arma política; agentes do estrangeiro e defensores da «liberdade de comércio» foram a justificativa da repressão aos marinheiros. A utilização da mentira como arma política transpareceu na Polónia por ocasião da repressão aos levantes de 70, quando as tropas tiveram ordem de marchar sobre Gdlnia para combater «um desembarque imperialista no litoral de inimigos fantasiados de operários de estaleiros»!

Sem dúvida que o sindicato independente de Leszek Walessa chocar-se-á inevitavelmente com o monopólio do poder de Estado pelo POUP, eis que é incompatível a ditadura do partido único com a existência de liberdade sindical.

É incompatível a existência da democracia de trabalhadores com o monopólio estatal pelo partido único. É um dado elementar: a medida que o partido único cresce, a distância entre a direção e as bases aumenta. Os líderes, além de se converterem em «personagens», perdem o contacto com as bases.

Quando mais o partido busca a eficiência na hierarquia, nos quadros burocráticos e na centralização, tanto menos reflete os interesses de quem diz representar. Ele somente é eficiente num sentido: o partido único molda a sociedade de conformidade com sua própria imagem hierárquica, cria a burocracia, a centralização e o Estado. Daí, em vez de desaparecer progressivamente, o chamado «Estado Operário», controlado pelo «glorioso partido», preserva as condições de existência de uma burocracia central. Na Polónia, os Conselhos (soviets) substituíram os trabalhadores e seus delegados de fábrica, o Partido substituiu os soviets, o Comitê Central substituiu o Partido e este foi suplantado pelo Birô Político; os meios suplantam os fins.

No caso russo, suprimindo os comitês de fábrica na indústria, aniquilando a «Oposição Operária» e os marinheiros de Cronstad, Lênin e Trotsky garantiram o triunfo da burocracia sobre o operariado. Na Polónia, a emergência do sindicato independente de Leszek Walessa, a existência das comissões de fábrica como suporte, marcam a maior vitória do operariado após a revolução de 17. Assim também indicam os futuros caminhos do operariado brasileiro na sua luta pela autonomia e liberdade sindical, base da dignidade do trabalhador.

Mauricio Tragtenberg é professor do Departamento de Ciências Sociais da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas/SP, e da Unicamp.

«Polónia, Ano Zero»: Folha de São Paulo de 11 de setembro de 1980
«Por Que «Sim»?»: Tribuna da Bahia de 13 de setembro de 1980.

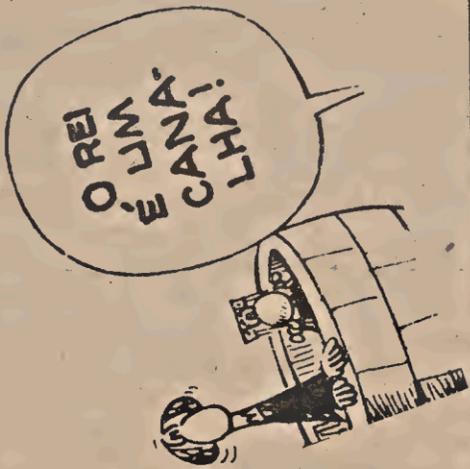
CONTATOS LIBERTÁRIOS

Se você deseja entrar em contato com o pessoal de O Inimigo do Rei escreva para:

Caixa Postal — 2540, CEP 40.000, Salvador, Bahia.

Caixa Postal — 11.277, CEP 05.421, São Paulo, Capital.

Caixa Postal — 10.563, CEP 90.000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.



Os jornalistas d'O Inimigo do Rei são também jornaleiros

Aos colaboradores e a todos que desejam escrever para O INIMIGO DO REI: este é um jornal autogestionário. O que significa isto?

Significa que todas as tarefas são divididas igualmente entre todos os pertencem ao corpo editorial; todos participam das tarefas administrativas, intelectuais e, principalmente, braçais.

Significa que o indivíduo que publica qualquer coisa no «O INIMIGO DO REI», terá como obrigação vender o jornal de mão-em-mão em bares, praias, cursinhos, universidades, teatro, etc. Ou então colocar o jornal em bancas se responsabilizando por uma quantidade «x». Esta é a maneira que encontramos de acabar com a diferença entre trabalho intelectual e braçal, uma das hierarquias que perpetuam a dominação de um homem pelo outro.

Aos espertinhos que utilizam-se da sessão de Cartas para não necessitar trabalhar pelo jornal, avisemos que não serão aceitas cartas-editoriais a não ser daqueles que vendem braçalmente o jornal.

Por outro lado, não temos nenhuma censura. As pessoas não precisam ser formadas em universidades para escrever no O INIMIGO DO REI. Podem até nem ter frequentado escola primária. Basta que saibam escrever. Não procuramos nível nos textos; isto é censura da criatividade. Cada um escreve o que quer, como quer.

Agora, não nos sujeitamos a que ninguém nos apresente trabalhos para serem publicados sem que o interessado esteja disposto a trabalhar na vendagem e distribuição do jornal. Senão seríamos explorados por pseudo-intelectuais maravilhosos que são tão exploradores quanto a burguesia.

Finalmente, convidamos a todos os interessados a participarem do nosso jornal, pois está aberto a todos, sem distinção.

A todos os que queiram ser jornalistas e jornaleiros.

EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é feito pela seguinte equipe em ordem de sorteio: Zé Weis, Geraldo Barros Filho, Edgar Rodrigues, Lidio Barros, Carlos Augusto Rodrigues, Alexandre Ferraz, Antônio José Lopes, Antonio Carlos Pacheco, Zéca, Maurício Tragtenberg, Renato Carvalho Almeida Filho, Ailton, Aurélio Vellame, Augusto César Maia, F. Silva, Cláudio Miranda, Antônio Fernandes Mendes, Maísa Ferreira, Ricardo Liper, Nelson Tangerini.

Capa: Carlos Augusto Rodrigues.

Diagramação: Antonio Carlos Pacheco.

O INIMIGO DO REI é uma publicação da Editora e Livraria «A» (CGC/MF 14727871/0001-63, Rua 21 de Abril, n. 8, sala 21, Relógio de São Pedro, Salvador, Bahia, Brasil).

Preço do exemplar avulso: Cr\$ 30,00. Assinatura anual: Cr\$ 220,00. Exterior: US\$ 20.

POR QUE «SIM?»

A vitória do general Pinochet e de seu projeto de «democracia autoritária» (segundo suas próprias palavras), lança novas suspeitas sobre as consultas populares realizadas por regimes autoritários. E, ainda mais, torna claro o controle que o Estado moderno tem sobre a população através de instrumentos de propaganda, tal como previram Huxley e Orwell.

O regime chefiado pelo general Pinochet enviou um avião ao governo dos Estados Unidos, advertindo ao presidente Carter sobre o novo caráter da ditadura chilena: de agora em diante, segundo os militares de Santiago, o general Augusto Pinochet Ugarte é presidente constitucional do Chile, e não mais o chefe de uma junta governativa, filha de um golpe de Estado.

Em verdade, nem mesmo os membros da Junta Militar chilena acreditam realmente no que estão dizendo. Basta ver as rabéas do spolio maciço da população (67,54 por cento) ao projeto de Constituição do regime.

Primeiramente, a campanha política que precedeu o plebiscito durou apenas 30 dias e durante todos estes 30 dias sob o regime de «Estado de Emergência», com toque de recolher e todas as características do controle militar da população instaurado em 11 de setembro de 1973 e que vem sendo prorrogado «ad infinitum», como ocorreu no último dia 10. Só este dado já invalida totalmente a consulta feita pelos militares. Mas ainda há outros dados importantes. A oposição não foram garantidas condições materiais de efetivar sua campanha pelo «Não». Os letrados cedidos à oposição nas rádios e TV eram cronometrados, enquanto o regime desencadeou uma onda de pronunciamentos de autoridades, ininterruptamente, nos meios de comunicação lembrando o «caso anterior», sem nenhum limite de tempo. Além disso, membros da corporação de carabinieri (Polícia Militar), pertencentes a grupos de extrema-direita, perseguiram com inusitada violência todos aqueles que saíam às ruas para protestar contra o plebiscito. Eduardo Frei,

ex-presidente democrata-cristão, foi impedido de fazer comícios enquanto o general Pinochet se fez em todo o país a favor do «Sim», sem qualquer impedimento.

Não houve também permissão para que membros da oposição fizessem parte das mesas de apuração dos votos, nem tampouco permitiu-se fiscalização de organizações internacionais, o que lança nuvens de desconfiança sobre possíveis fraudes nos resultados. Até mesmo a cédula para os analíftos foi deliberadamente instrumentalizada pelo regime: o quadrinho correspondente ao «Sim» vinha com uma estrela colorida; o correspondente ao «Não» vinha com uma bolinha escura.

A partir destas constatações, concluídas internacionalmente, será muito difícil para o general Pinochet sustentar que seu regime tem respaldo popular. Quem venceu não foi o projeto constitucional e sim a fraude, a manipulação de consciências e a repressão.

EsSES macabros visitantes Anônimos...

Lúcia Barreto (São Paulo)

Quem são os macabros visitantes anônimos que proliferam como amebas, disseminando o terror, o medo e a violência por todo o país?

Inútil perguntar aos órgãos encarregados da «ordem». Ninguém sabe. Ninguém se empenha em apurar os fatos; nem a polícia, nem os departamentos encarregados. O Exército se diz satisfeito em colocar-se na posição de observador do quadro político e as Forças Armadas como um todo, dispõem — se apenas a combater a radicalização, se necessário for!

Entretanto, a sabedoria popular existe, senhores responsáveis, e diante de provas e indícios reais, ela nos aponta para caminhos pouco tranquilizadores. A prisão de Dalmo Dallari e outros no DEOPS, por ocasião da greve do A.B.C., indica que não foram grupos de «marginais comuns ou subversivos», que a realizaram, pelo fato banal de que jamais os levariam para «tão digno» local. Igualmente seu sequestro pode ser atribuído a tais grupos; as razões são por demais óbvias.

O assassinato de Santo Dias, ocorrido no ano passado, e o do «Gringo», em Goiás, há poucos meses, ambos não devidamente apurados; a bomba lançada no Cebrap; o incêndio provocado na residência do líder sindical metalúrgico de João Monlevade; o ataque às bancas de jornais de quase todo o país; a violência dos acompanhantes do inverossímil governador de São Paulo, em seus giros pela periferia da cidade; etc., etc., nos levam a insistir: quem são esses macabros visitantes anônimos que incendiam, atacam e sequestram pessoas, desaparecendo como que por encanto? Serão fantasmagorias populares? Ou serão grupos de pessoas concretas que trabalham para um regime cuja razão de ser é a luta contra o fantasma subversivo?

A segunda possibilidade é de longe, a mais lógica. Neste caso, como entender que a repressão seja exercida por grupos de pessoas, cuja ligação com os órgãos oficiais são veementemente negadas? Isto é, como compreender esta descentralização da repressão em um Estado incrivelmente centralizado?

Deve haver um motivo razoável. In-

clino-me a pensar, acompanhando o raciocínio de Alvaro Abas, exposto em um artigo intitulado «A Racionalidade do Terror» (*), que através desta descentralização da repressão, o Poder tenta fragmentar sua culpa, constituindo este fato um reflexo da má consciência, uma concessão às manchas da aspereza repressiva. Para justificá-la, a idéia fartamente utilizada pelo Poder no Brasil, da existência de «incontrolados», que cometem atos excessivos, individuais, etc., etc., (o rosário é longo), que se articula com a idéia da «inevitabilidade de toda guerra suja». Isto, trocado em miúdos, significa que se considera perfeitamente normal que diante do perigo subversivo (que aliás até agora ninguém viu, salvo os donos do Poder e sua seqüela de «incontrolados»), que alguns elementos da sociedade mais precavidos se defendam como podem.

Mas diante disto, surge uma dúvida: e o Estado? Como fica? Ele não detém o monopólio da força e da vigência da justiça? Não é o que dizemos manuais de Moral e Cívica? Sendo assim, como é que pode tolerar tais acontecimentos, ou melhor, tal socialização da prática punitiva?

Ingenualmente poderíamos pensar que tais acontecimentos colocam o Estado em uma posição profundamente embaraçosa, pois se a repressão é exercida por elementos «incontrolados» — que jamais são punidos — isto poderia manchar a honra do mesmo. Ora, em um regime onde a defesa da honra constitui a «desonra» do indivíduo, onde a Razão de Estado não é o Direito como um dia sonharam os liberais, mas sim, o Terror, esta preocupação configura nada mais que desvios românticos e tolos não pragmáticos.

Na verdade, o que importa do ponto de vista do Poder, é que a descentralização da repressão é extremamente rentável, especialmente em época de «Abertura», isto tanto em tempo, como em repercussão pública, como em mão-de-obra. Vários grupos com licença para matar, sequestrar, incendiar, intimidar, «rendem» mais do que ajustar-se aos procedimentos legais, pois isto exigiria para cada detenção ou punição, uma investigação prévia, uma ordem judicial de prisão e, até um processo legal com direito da vítima se defender.

Certamente levaria tempo e se correria o risco da vítima ser absolvida. Não — este caminho sob o regime vigente é impraticável, pois aqui não se trata de punir delitos ou transgressões, mas sim de freiar qualquer tipo de ação popular que coloque em cheque toda a sorte de arbitrariedades de que vem sendo vítima a grande maioria da população brasileira, nestes últimos 16 anos. Daí a ação violenta sobre qualquer pessoa ligada a associações populares, sejam de que tipo for; sindicato, associações de bairro, pastoral, etc.

Neste sentido, a técnica da perseguição indiscriminada e da intimidação (vide o exibicionismo das ações terroristas) são as mais rentáveis para assegurar uma «paz armada». A intimidação e amedrontamento da população gera determinados comportamentos sociais que o Poder precisa capitalizar. Na medida em que se faz ostentação do terror, na medida em que se verifica a sua impunidade, aqueles que o denunciam, que o repudiam, correm o risco de perder a vida. Por outro lado, o silêncio dos que se calam, o regime contabiliza como consenso e a ausência de protesto como cumplicidade.

Tudo isto, dificulta uma ação concreta mobilizadora, através da qual a classe trabalhadora pudesse produzir fatos políticos novos que viessem preencher o vazio existente, imposto a ferro e fogo. Dificulta a organização da população para que esta possa proteger-se de seus protetores, tarefa, hoje, mais urgente que nunca.

Outro fato a ser considerado é a lembrança dos atos praticados em 68, por grupos como o C.C.C. que em nada diferem dos que hoje presenciamos. Sem dúvida alguma ajudaram sobremaneira a inflacionar a repressão. A população alarmada diante do clima terrível imperante, clamando pela «Ordem», não importando de que natureza fosse, nem tampouco a legitimidade que ostentasse. Faltava-lhe a organização necessária para impôr-se à ditadura e a seus caros amigos «incontrolados».

A tragédia já vivemos em 68, estaríamos nos umbrais da farsa?

Lúcia Barreto.

(*) Revista «El Viejo Topo», n. 39, julho de 1979 — Espanha.

«As ruínas não nos assustam. Vamos herdar a terra inteira; sobre o que já não pode haver a mínima dúvida. A burguesia pode destruir, fazer ir pelos ares o seu mundo, antes de deixar o palco da História. Trazemos um mundo novo em nossos corações; um mundo que cresce neste preciso momento».

BUENAVENTURA DURRUTI

“O fascismo não passará!”

Inscrição nos muros de Salvador

Co-gestão é tapeação

Rio de Janeiro

É frequente a confusão que se faz entre co-gestão, co-operativismo, controle operário, participação operária e Autogestão.

Para tornar claro as diferenças essenciais vamos tratar das características principais de cada um dos termos. Princípios pela co-gestão, que ultimamente vem abrindo espaço nos jornais, apresentada como bandeira de luta de alguns partidos, como o PDS, famoso Arenão, dirigido pelas camadas mais reacionárias e autoritárias do país.

É uma isca saborosa para atrair o desprevenido trabalhador. Esta envolta confusamente com a envelhecida e virgem participação nos lucros das empresas, ainda que nada tenha a ver com ela. Os patrões, assustadíssimos, a estão repudiando, mas na realidade, nada sabem de seu funcionamento na prática diária.

A co-gestão seria, em última análise, a gerência de uma empresa através de uma comissão composta de patrões e operários.

Assim apresentada poderia parecer o fato mais democrático e desejável da Terra. Empresários e trabalhadores regeriam de comum acordo, por intermédio de uma comissão de gestão, um empreendimento capitalista.

O absurdo e a impossibilidade se revela de imediato. Duas classes distintas e opostas em seus interesses, o empresariado detentor do capital e dos meios de produção, e o operariado possuidor da força de trabalho, se uniriam num esforço comum para benefício de todos. Duas classes antagônicas e irreconciliáveis em extranhíssima lua de mel.

Conceituada assim, a co-gestão, teriam os empresários que ceder a parte do leão, harmonizar objetivos e angelicamente produzir para o bem de todos, repartindo benefícios para com os próprios operários.

Os patrões, em pânico, não indo na conversa, botaram a boca no mundo, pedindo que governo desse o exemplo da co-gestão com as empresas estatais, não com as de capital privado.

Deixando assentar e apoiar do ôba-ôba, do alarido e voltando do sonho à realidade, vamos tentar esmiuçar quais as modalidades de co-gestão que sobrevivem no mundo contemporâneo do capitalismo selvagem e estudar praticamente seus limites e significados.

MODALIDADES DA CO-GESTÃO

A co-gestão possui duas modalidades bem diferentes. Uma que se verifica na organização prática e técnica do trabalho e outra que se processa na administração global da fábrica.

Examinando a primeira modalidade, vemos que dentro de uma empresa o operário, de um modo geral, funciona praticamente como um robô, executando ordens vindas de escalões técnicos, sem saber o porquê e para quê, sem a mínima possibilidade de contribuir com sua criatividade na melhora do processo produtivo e de sua própria situação dentro do complexo fabril. Sua opinião nunca é ouvida, suas sugestões jamais solicitadas.

A execução monótona e desmotivada de tarefas rotineiras, leva-o a uma apatia, desinteresse e ódio por tudo que o rodeia dentro da fábrica. Sua produtividade é de nível discreto e a indiferença quase que total, o que não é satisfatório do ponto de vista patronal.

Constatado este fato, o neo-capitalismo dos países desenvolvidos industrialmente resolveu aplicar determinadas técnicas de manipulação psicológica dos trabalhadores, com o objetivo de aumentar a produtividade sem criar resistência por parte do trabalhador.

As técnicas já haviam sido elaboradas por Henri Fayol (1845 a 1925), Frederick W. Taylor, e mais precisamente por Elton Mayo com as famosas experiências na fábrica de Hawthorne, da Westerh Electric.

Num grupo de operárias que efetuavam um trabalho rotineiro, mecânico, alienante, foram introduzidas melhoras, como períodos de descanso, redução do horário de trabalho, refrigerantes durante o período de descanso etc., e a produ-



tividade individual foi aumentando. Numa segunda etapa, de comum acordo com as operárias, foram suprimidas todas as regalias e surpreendentemente a produtividade continuou em ascensão. Na terceira etapa foram reintroduzidas as regalias com pequenas modificações e a produção continuou em alta. Mais um fato positivo, o índice de faltas por motivos de doenças caiu ao indicador mínimo.

Conclusão que resultou da experiência: o aumento de produtividade não era derivado dos fatores materiais, mas da motivação despertada nas operárias pela participação no ensino, o ser parte opinativa, o poder declarar nas entrevistas o que tinham observado, o saber que estavam sendo observados princípios que iriam melhorar a situação de todos os trabalhadores. A partir dessas constatações nasceu as técnicas de Relações Humanas.

Ora, a co-gestão na organização prática e técnica do trabalho, estimula a criatividade do operário no processo de produção. É permitido ao produtor decidir na escolha dos melhores meios para atingir os fins propostos. Sua participação é solicitada. Sua opinião ouvida. Entretanto as decisões finais ficam a cargo dos empresários, assim como todos os lucros auferidos. Apenas de um modo inteligente os trabalhadores são induzidos a uma participação, que não redunde em lucros materiais, porém em satisfações do tipo psicológico. Na realidade e mais precisamente teríamos que falar num processo de participação do trabalhador e não em co-gestão.

O segundo tipo é a co-gestão na administração global da empresa. Ela tem como exemplo prático o Mitbestimmung, da Alemanha Ocidental, onde uma lei de 1951 instituiu a co-gestão paritária, ali aplicada às siderurgias e indústrias extrativas do carvão do Ruhr que ampararam largamente o regime nazista.

Este sistema teoricamente implica uma representação paritária (em partes iguais) dos trabalhadores e acionistas no Conselho de Fiscalização (Aufsichtsrat): cinco representantes para cada parte.

MEMBRO "NEUTRO"

A lei define que dos representantes do capital, quatro serão designados pelos acionistas da empresa, o quinto será externo à ela. Os representantes dos trabalhadores: dois eleitos pelo Conselho da Empresa e os outros três propostos pelo sindicato.

Entretanto, um décimo-primeiro membro "neutro" é designado para servir de árbitro, o que na realidade torna a paridade falsa, um verdadeiro engodo, pois em caso de empate nas decisões, esse membro optará pelo lado do capital, contra os trabalhadores.

A empresa é dirigida por uma Comissão de Direção composta de três membros (Vorstand), na qual o diretor de trabalho é nomeado e revogado segundo acordo dos representantes dos trabalhadores. Ele nada pode decidir se não tiver o assentimento dos outros dois diretores e fica em situação conflituosa entre defender o interesse dos operários e os interesses da empresa.

Este sistema abrange atualmente, na Alemanha Ocidental apenas 450.000 trabalhadores, 2 por cento da população assalariada, o que é uma pequeníssima amostragem.

A lei de 1952 estendeu a todas as empresas o sistema, porém de forma alterada. O Conselho de Fiscalização ficou composto de seis representantes dos acionistas e apenas três representantes dos trabalhadores. A diferença de forças tornou-se, mais do que evidente, inteiramente favorável aos empresários.

Em todas as empresas alemãs, os trabalhadores designam por voto direto um Conselho de Empresa (Betriebsrat). A lei afirma que: "O Conselho de Empresas dá direito a deliberações nas questões de licenciamento, condições de trabalho, contrato de serviço. Em caso de greve o empregador não tem que submeter sua política às deliberações do Conselho".

O estudo do funcionamento e da prática de co-gestão nas empresas alemãs após vinte anos, pôs em evidência alguns fatos:

1º — A integração parcial ou total dos representantes dos trabalhadores aos objetivos das empresas e o reforço das oligarquias sindicais, deixando de lado o interesse da classe e se transformando em verdadeiros "pelegos".

2º — Perda crescente da confiança dos trabalhadores em seus delegados. A participação dos trabalhadores nas diferentes instâncias de decisão da empresa, torna inevitável a integração na sua estrutura de direção o favorece a aquisição de uma "mentalidade" de dirigente. Mais preocupado com a boa marcha da empresa, do que sua filiação ideológica.

3º — Desinteresse marcante dos trabalhadores na participação das instituições de co-gestão e crescentes reivindicações de uma participação maior nos locais de trabalho.

O descontentamento com o processo de co-gestão aparece claramente nas greves qualificadas de "selvagens" que explodiram em 1969 e que visavam colocar em cheque o patronato e também as oligarquias sindicais, unicamente preocupadas em negociações de Estado-Maior. Os trabalhadores lutaram por suas reivindicações independente dos sindicatos, porém não contra eles. Não exigiam mudanças sociais radicais, mas medidas para adaptar a realidade social às promessas da própria sociedade. Entretanto, essas greves terminaram com a paz social, provocando reações e debates políticos.

Na realidade, a prática da co-gestão na Alemanha, contribuiu para desenvolver uma desconfiança e uma vigilância dos trabalhadores frente a seus representantes e os aparelhos sindicais, que os pode conduzir a se distanciar da regra do jogo instituído e favorecer a fórmula de uma consciência social e de um projeto político resolutamente anticapitalista.

Abaixo comunismo e capitalismo e viva a verdadeira libertação

Alexandre Ferraz

(Bahia)

Nos sombrios tempos do terrível general Médici, lá por volta de 1972/73, contava eu cerca de 18 anos e ingressava na minha primeira ação política. Razoavelmente bem falante, e contestador, cheguei à presidência do grêmio do colégio onde estudava e, a partir daí, cair nas mãos dos comunistas foi um passo.

Tive, portanto, o desprazer — mas que se traduziu numa lição de como não fazer revolução — de trabalhar com este tipo de gente que se diz de esquerda (alguns pensam mesmo que são, coitados...). Nunca tinha ouvido falar de anarquismo mas, confesso, durante aquelas reuniões pesadas, sisudas, pseudo-sérias, sabia que alguma coisa estava errada.

Não sabia bem por que, mas sempre voltava a sentir a sensação opressiva que, quando menino, sentia ao ser obrigado a assistir missas. Assim como se fosse proibido dar uma boa risada, quando a vontade pedia. Tentel escapar inúmeras vezes.

Tentel escapar inúmeras vezes. Como não sabia exatamente as razões da minha repulsa, criou-se o drama de consciência. Mas, mesmo assim, era cada dia mais intolerável trabalhar com os comunistas. Eles pressionavam, mentiam, conchavavam, puxavam o saco do pessoal lá em casa (mãe, irmãos etc.) para ter garantido o seu agitadorzinho

profissional. Diziam-me sempre o que deveria ser feito. Não discutiam, não explicavam nada. Eram ordens. E eu, felizmente órfão de pai desde que nasci, sempre odiei ordens.

As coisas começaram a se complicar quando ganhei minha primeira radiola e, a partir daí, comecei a gostar cada vez mais do rock, da música de uma forma geral. Eles só ouviam Chico Buarque de Holanda (um grande compositor, sem dúvida, mas que não basta). Vandrê (do qual só conheço uma coisa bonita: "Para não dizer que não falei das flores") e alguns clássicos, dos mais comuns e exatamente por serem os mais comuns.

Falar em diversão, cinemas, sexo, era pecado. E pecado feio. Aos sábados, o máximo permitido era a cachaça ("bebida do povo") e ouvir chatíssimas e intermináveis transmissões da Rádio Tirana. Aliás, nessas horas, aí de quem quebrasse o silêncio. Era reprimido, massacrado, texado de alienado e ponto final.

Outra obrigação era a de andar sempre andrajoso, esfarrapado, fantasiado de proletário. Uma roupinha melhor, que delineasse mais as formas do corpo e era um Deus nos acuda: "Burguês", "alienado" etc. Enfim, um comportamento altamente neurótico, insuportável. Não se podia falar em outro tipo de arte que não fosse o repugnante "realismo socialista". Um quadro só prestava se mostrasse um camponês sendo açoitado; um operário trabalhando numa fábrica etc; aí de

quem falasse em Paul Klee, Salvador Dali, surrealismo, essas "maluquices" ou "desvios da burguesia".

Em fins de 1973, depois de fugir — literalmente — da perseguição a mim imposta por este tipo de gente e sempre em busca de uma forma livre de atuar politicamente, dei de cara com o anarquismo. Entendi uma coisa, a partir de então: se você, pessoal e individualmente, não tem liberdade total de agir, pensar, divertir-se, gostar, enfim, não há como querer defender libertação das massas e coisas do gênero. Você fala, fala, mas nunca crê no que está dizendo, pois não experimenta aquilo.

"FAZENDO A CABEÇA"

O pior (ou melhor) é quando se constata que aquelas pessoas estavam (e aqui vale uma explicação: este passado é relativo a mim. Mas eles continuam, hoje, em plena década de 80, agindo da mesmíssima forma e "fazendo a cabeça" de dezenas de milhares de jovens, que acabam totalmente neuróticos, repetindo frases pseudo contestadoras, sem lhes conhecer o significado) agindo corretamente, de acordo com a ideologia que professavam. O comunismo é assim: sisudo, pardo, sem cor, sem vida, opressivo tanto quanto o capitalismo, mas só que em nome do estado, da — argh! — ditadura do proletariado. Então, o erro vinha de cima. E sempre que há coisas vindo de cima eu prefiro tirar o meu corpo de baixo.

Pois bem. Esses são o que hoje em dia se chama de "cururus", "marxóides" etc. São sempre rapazes barbudos que, quando se divertem (ocasiões raríssimas) o fazem no mais autêntico estilo de machão latino-americano, contando piadas machistas e encharcando-se de cachaça. A maior parte do tempo passam a conchavar, a elaborar planos para a "salvação" do proletariado, a encher o saco de trabalhadores, mulheres etc. em congressos.

Se há um congresso de trabalhadores, lá estão eles, dirigindo as discussões, ditando palavras de ordem; se há um encontro de mulheres, eis que aparecem, estabelecendo diretrizes, boicotando discussões de interesse imediato (como prazer sexual, libertação sexual das mulheres etc. — sem saberem, coitados, que é em cada pessoa que começa a revolução); se há um congresso de estudantes, quem aparece de repente carregando bandeiras da Rússia e berrando chavões panfletários, desgastados e autoritários? Adivinhem! Os comunistas, os marxóides, os cururus.

Essas coisas todas já tive a oportunidade de dizer a alguns deles. E é claro que, por mais que as minhas ações concretas demonstrassem exatamente o contrário, fui taxado de reacionário, alienado e outras coisas mais.

Pois bem. Depois desta pequena confissão, é possível que alguns imbecis tentem me queimar, mas isso é cada vez mais difícil. Não por mim, mas pela consciência generalizada de que os marxóides não diferem muito dos nossos atuais opressores. Os paraísos de Cuba, Albânia, China, Rússia etc. estão cada vez mais desmistificados, desmoralizados. Vive-se tão "livremente" ali como aqui no Brasil, ou no Chile, ou em qualquer outro Estado. Por isso é cada vez mais difícil ouvir esta gente falar de liberdade. Eles costumam é torcer o nariz e esmurrar mesas quando se fala, por exemplo, em homossexualismo; é cada vez mais difícil crer em jornalecos como o "Hora do Povo", que diz que a URSS está democratizando o Afeganistão (era só o que faltava!).

Honestamente, não sei qual a diferença desta gente para um Delfim Neto, um Médici, um Mussolini, um Hitler, um Stálin. São todos do mesmo saco. Autoritários, reacionários e verdadeiros refradores do avanço de uma verdadeira revolução.

AS DUAS FACES DO FASCISMO

O caso polonês

Ao escolher o nome de Associação Independente e Autogerida para o primeiro sindicato livre de um país comunista, os operários dos Estaleiros Lenin, de Gdansk (Polônia), asséstavam um duro e definitivo golpe na Ideologia marxista que diz que o Estado, em sistema de ditadura do (?) proletariado, pertence e é administrado em nome dos trabalhadores.

As greves na Polônia demonstram que a teoria na prática é outra: em verdade, a burocracia do Partido Comunista (que na Polônia toma o curioso nome de Partido Operário Unificado Polonês), desfruta de bens materiais, que não estão ao alcance das classes trabalhadoras, através de uma rede de lojas onde só se compra em dólares, rublos ou outras moedas fortes. E como só quem consegue divisas fortes é quem viaja ao exterior e como só quem viaja ao exterior são os burocratas do PC, então o círculo fica fechado. Só a burocracia compra nas grandes lojas de artigos sofisticados.

Mas, com toda esta corrupção (marca registrada de todos os regimes marxistas, vide a ostentação luxuosa de um Fidel Castro, as limusines de um Brejnev, a ilha particular do falecido Tito, o palácio-residência de um Enver Hoxha), os burocratas marxistas não conseguem ter força para sufocar as manifestações trabalhadoras.

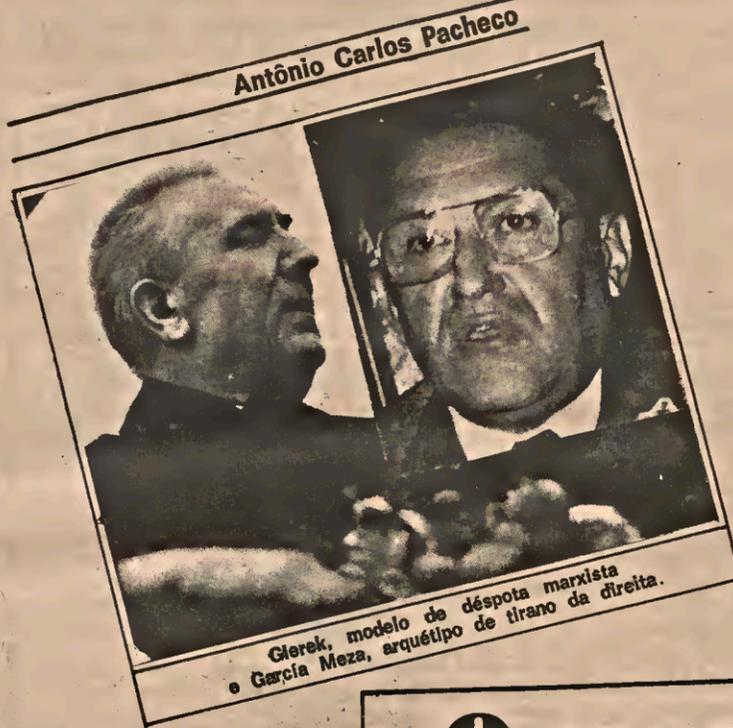
Ao contrário do que Orwell descrevia em seu livro "1984" (uma burocracia se dizendo socialista oprimindo a população mundial que se "acostumaria" a viver sem liberdade porque o totalitarismo seria "definitivo"), o ser humano, enquanto puder pensar por si — mesmo sob a influência dos órgãos de alienação —, sempre reagirá. A prova concreta desta afirmação é o caso das greves de meio de ano na indústria automobilística da Fiat em Togliattigrado (União Soviética), onde os operários fizeram um boletim de greve escrito à mão, já que o governo marxista impede que qualquer pessoa ou organização tenha qualquer meio de impressão de comunicados, até as máquinas de escrever são controladas. No entanto, pacientemente, corajosamente, revolucionariamente, os operários da multinacional Fiat, instalada no coração da maior nação marxista do mundo, fizeram seus boletins de greve manuscritos e tiveram suas reivindicações de abastecimento alimentar atendidas.

Na Polônia ocorre o mesmo. Um Estado totalitário marxista que detém todos os meios de decisão, controla absolutamente o rádio, a imprensa, a TV, o telefone, o telex, enfim, todo e qualquer meio de comunicação. Um Estado que mantém uma polícia política com agentes em todas as unidades de produção (fábricas e minas), nas escolas, nos órgãos da administração burocrática, nas ruas, enfim, em toda parte. Pois bem, nem com todo este aparato orwelliano, os burocratas marxistas poloneses conseguiram impedir que 300 mil operários poloneses entrassem em greve.

Os marxistas não podem culpar a CIA pelas greves, simplesmente porque os operários em greve não colocaram em questão, nem sequer uma vez, os fundamentos da propriedade coletiva, pelo contrário, reforçaram-na exigindo participação operária nos meios de decisão, coisa que é privilégio dos burocratas marxistas. Ao exigir o direito de greve, o direito de organizarem-se em sindicatos livres, a liberdade de informação, a libertação dos presos políticos e ao colocarem o nome de sua primeira organização sem o controle do PC de Associação Independente e Autogerida, os poloneses mostraram que ninguém pode deter o curso da História. Por mais bem aparelhada que seja uma ditadura, a sua corrupção interna (gerada justamente pelo controle absoluto da sociedade que leva os ditadores ao delírio de poder e a fazermos o que quiserem) leva-a ao apodrecimento que precede o avanço das classes oprimidas. É a Autogestão, etapa avançada do Socialismo onde são os operários que controlam os meios de Produção e os meios de Decisão, que caminham inexoravelmente sobre o autoritarismo burocrático dos regimes marxistas.

CORRUPÇÃO

A Autogestão é o único remédio para evitar a corrupção. Se fossem os operários que controlassem a Polónia, jamais ocorreria o que acontece na Rádio e Televisão Polonesas. O diretor da RTP, Maciej Szczepanski, 52 anos, amigo íntimo do ex-chefe do PC, Edward Gierek, estava à frente de um bando de burocratas do Partido que passavam as suas férias de verão em uma ilha



Antônio Carlos Pacheco

Gierek, modelo de déspota marxista e García Meza, arquétipo de tirano da direita.

O caso boliviano

Falar dos militares bolivianos chamando-os apenas de fascistas é um ato generoso. Na Bolívia, muito mais que uma questão de fascismo, o que campela no Exército, e nas Forças Armadas em geral, é a mais absoluta falta de vergonha e dignidade, basta dizer que o Senado dos Estados Unidos (um organismo que deveria ser, naturalmente, um aliado do fascismo), denunciou no dia 9 de setembro, através do senador Dennis Deconcini, que os militares bolivianos não só estavam envolvidos no tráfico de cocaína como também um destes militares era o chefe da Junta Militar, o general Luís García Meza.

Todos hão de convir, é demais! Um chefe de Estado ser acusado publicamente de estar envolvido no tráfico de cocaína e não ter como replicar porque isto é a mais absoluta verdade, é realmente demais. Já não entram mais considerações a respeito de suas posturas políticas, os militares bolivianos são facinoras e deveriam estar na cadeia onde colocaram seus inimigos políticos. Mas apenas xingar o Exército da Bolívia não é o bastante, é necessário ver quem está por trás deste enésimo golpe de Estado que derrubou a presidenta constitucional provisória Lidia Gueiler, porque nós brasileiros temos culpa no cartório (vejamos que o Brasil foi um dos pouquíssimos países do mundo que reconheceram a gang de traficantes como os novos governantes).

O que ocorreu na Bolívia foi que um agrupamento, não de esquerda, mas de centro-esquerda, a União Democrática Popular elegeu seu líder, Hernán Siles Zuazo como presidente do país em eleições limpas no mês de junho passado. Apesar de não ter obtido a maioria de 50 por cento dos votos mais um, como exige a Constituição, Zuazo seria eleito no Congresso a 6 de agosto porque o Movimento Nacionalista Revolucionário (centro), de Victor Paz Estenssoro, já vinha fazendo acordos com a UDP para evitar um impasse e eleger o líder desta última organização.

A perspectiva de Zuazo presidente não incomodava aos militares bolivianos por causa de suas posições centro-esquerdistas, mas havia uma coisa que estava incomodando demais: Zuazo prometera, em campanha (e continuou falando nisto, imaturamente, durante o período pós-eleitoral) que acabaria com o tráfico de cocaína no país e também com o contrabando.

Ora, para quem não sabe, o comércio de cocaína significa recursos da ordem de 1 bilhão de dólares anuais, que entram para os bolsos de comerciantes, plantadores e chefes da polícia e do Exército bolivianos. Só para se ter uma idéia do que significa este 1 bilhão de dólares, o Produto Nacional Bruto da Bolívia não chega a 3 bilhões de dólares: por aí se pode tirar o que significa a cocaína para as classes dominantes bolivianas.

Em 1979 uma questão semelhante à da coca já tinha provocado um outro golpe. O Congresso boliviano mantinha reuniões públicas onde procurava apurar o envolvimento dos militares com o contrabando no país, principalmente através das fronteiras com o Brasil e o Chile. Em outubro apareciam diversas declarações de parlamentares dizendo que estava quase provado que o ex-presidente

te Hugo Bánzer (general-de-Exército), era o chefe de uma quadrilha de contrabandistas, a mais forte de todas. A 1º de novembro, um fiel coronel banzerista, Natusch Busch dava um golpe de Estado para impedir a continuação das investigações e cerca o Congresso com tanques. Manda metralhar a população com aviões da Força Aérea e diz que fará um governo "de esquerda nacionalista" (dentro do sistema de prostituição linguístico-política que tomou conta do mundo neste século).

Natusch Busch demorou pouquíssimos dias no poder porque os Estados Unidos apoiaram, financeira e moralmente uma Greve Geral decretada pelos trabalhadores bolivianos. Mas o golpe de Busch serviu para advertir os congressistas de que não tocassem mais no sagrado nome de Bánzer, afinal, desmoralizando Bánzer, o Exército também estaria desmoralizado.

Foi eleita, no Congresso, Lidia Gueiler como presidenta constitucional e esta marcou eleições para junho deste ano. Quando chegou o mês de maio, o primo da presidenta, Luís García Meza, pediu à presidenta e ao Congresso que adiassem as eleições porque "o povo boliviano não estava preparado" para o pleito. O problema é que Meza, chefiando os setores militares ligados ao tráfico de cocaína, já temia a vitória de Zuazo que estava gritando nas praças públicas que acabaria com o tráfico de coca.

O embaixador Martín Weiss, seguindo ordens do Departamento de Estado, faz uma declaração pública em La Paz dizendo que os Estados Unidos cortariam sua ajuda econômica e militar à Bolívia caso as eleições fossem adiadas. Meza exige a expulsão de Weiss, mas a presidenta Gueiler não considera aquilo uma interferência nos assuntos internos do país, e sim uma defesa da democracia. Os militares engolem em seco e vão buscar auxílio na Argentina, que dá assessoria política, ajuda financeira e apoio logístico aos traficantes de cocaína que por coincidência, e apenas por coincidência, são também fascistas, isto é, professam as mesmas idéias de extrema-direita que hoje fazem o coro de generais no Cone Sul do continente.

Os argentinos começam a aumentar sua presença em diversas unidades militares, discretamente para não chamar a atenção e tal como derrubaram a presidenta Maria Estela Martínez de Peron em seu país, ajudam Meza e seus companheiros de tráfico de drogas, a derrubarem a presidenta Lidia Gueiler no dia 17 de julho.

BOENAS AIRES — LA PAZ

A repressão que se segue é fielmente calçada na repressão desencadeada na Argentina em 1976. Grupos paramilitares, de civis extremistas de direita, especialmente treinados e armados com material sofisticado, ocupam todas as organizações sindicais e políticas. O líder do Partido Socialista e candidato nas eleições presidenciais, Marcelo Quiroga, é assassinado a sangue-frio na sede da Confederação Operária da Bolívia. O chefe desta organização, Juan Lechín, torturado violentamente pelos grupos paramilitares e por estar numa idade avançada, não resiste e vai à TV e pede aos trabalhadores que não resistam ao golpe. Na sua face vê-se que ele não acredita no que está dizendo, que suas palavras foram arrancadas à força pela técnica de tortura trazida pelos argentinos.

Na região das minas descobre-se que 900 operários mineiros foram assassinados friamente por tropas regulares, enviadas para a área a fim de reprimir os que ainda resistiam.

O Congresso é fechado, as universidades são ocupadas, as aulas suspensas e centenas de pessoas "desaparecem", tal como na Argentina do general Videla onde os presos nunca são presos, eles "desaparecem", ou seja, são detidos por grupos paramilitares ligados ao governo, os quais torturam indiscriminadamente como se não estivessem ligados ao aparato do Estado. Isto tira a culpa, pelo menos de fachada, dos militares que estão governando o país. Eles declaram que "não têm controle" sobre estes grupos extremistas de direita. Na verdade são agentes de segurança do Estado que engrossam as fileiras destes agrupamentos fascistas.

O Brasil é um dos primeiros países a reconhecer o novo regime militar dos traficantes de cocaína, e um possível envolvimento do governo brasileiro é levantado pela imprensa. Para desmanchar esta impressão, as autoridades brasileiras começam a achar traficantes de cocaína por todo o país, e isto continua até hoje. Desmantela-se no Brasil, coisa que não se via há muito tempo, redes de tráfico de cocaína no Amazonas e no Rio de Janeiro, com prisões de pessoas e confisco de grandes quantidades de cocaína. Não se sabe para onde foi a droga: os traficantes, teoricamente, estão "presos".

Para se ter uma idéia da "simpatia" despertada pelos militares bolivianos, os países que reconheceram o regime baseado no tráfico das drogas são Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Chile, Filipinas e China Nacionalista. Estes foram os primeiros, todos eles governados por regimes ditatoriais de direita: "Elementar meu caro Watson!"

do Mediterrâneo especialmente alugada. Além disso, uma conta bancária secreta, mantida por esta súcia marxista, contava com um milhão de dólares (Cr\$ 57 milhões), para financiar as férias dos burocratas. Além disso, Maciej era proprietário de uma fazenda no Quênia, onde seus amigos de partido faziam safaris. Fora isto, o amigo do "manda-chuva" do país, Gierek, também comprou um avião para a RTP que ele usava para resolver seus assuntos particulares; mantinha uma sauna em seu escritório com uma "massagista" em regime integral de "trabalho"; comprou uma "cama mágica" de 120 mil dólares (Cr\$ 6.840.000), além de manter um mobiliário luxuoso que lembra o caso do secretário-geral do PC soviético em Leníngrado que mandava buscar os cristais de Catarina, a Grande, no museu, para usar em suas recepções aos outros membros da burocracia. E para fechar o círculo, Maciej tinha 900 filmes pornográficos em sua videoteca: não que isto seja deplorável, pornografia é uma coisa ótima. O problema é que os poloneses são totalmente proibidos de ver um seio de mulher de fora, quanto mais pornografia mesmo. No entanto, o chefe da Rádio e TV estatais se deliciava com a putaria, ele e seus amigos. Finalmente, Maciej, à frente de um grupo de burocratas marxistas, deu um desfalque de milhares de dólares para a compra de casas luxuosas.

Isto tudo foi denunciado na própria Polónia, não foi em Washington não (para os que pensam que só a CIA revela este tipo de coisa). Foram os operários da RTP que exigiram o afastamento do corrupto.

Infelizmente, pegaram Maciej para "Cristo" e não revelaram a corrupção de outros membros da burocracia. E a denúncia serviu para afastar Gierek do poder, justamente ele, que mostrou-se acessível ao negociar com os operários em greve. Sua substituição é, sem dúvida alguma, o "dedo" da União Soviética na crise, pois os russos jamais admitirão a existência de sindicatos livres em quaisquer de seus países satélites e, se o Exército Vermelho está encharcado da lama do Afeganistão e por isto não pode invadir a Polónia, nem isto impedirá que vença, nesta primeira etapa, a conspiração antioperária que já está em gestação no Kremlin. Os russos farão tudo para impedir que os sindicatos autogeridos poloneses realmente funcionem.

BAKUNIN E PROUDHON

Os fatos poloneses deixarão no entanto uma lição já lembrada por Mikhail Bakunin e Pierre-Joseph Proudhon. O segundo foi convidado por Karl Marx para "assumir altas funções" na Primeira Internacional, e respondeu que o Socialismo jamais nasceria de uma associação autoritária, desvinculada das bases. O mesmo ocorreu com Bakunin, que, dentro da Primeira Internacional com Marx, sempre recebeu cantadas deste em troca de cargos. No entanto, Bakunin advertia, no Século XIX, que o "socialismo" de Marx jamais libertaria a classe trabalhadora porque não partia da premissa básica de que para a verdadeira libertação dos trabalhadores é necessário que se destrua a propriedade privada burguesa: se destrua o Estado como forma de organização social e se construa organizações de trabalhadores em regime de Autogestão para colocar nas mãos dos operários os meios de decisão.

Avança luta antinuclear



Renato Carvalho de Almeida, Filho (SP)

Apesar de seu baixo nível organizativo e de sua fragilidade, a luta contra a instalação de Usinas Nucleares ganha força em São Paulo. O movimento foi inicialmente levado por grupos de proteção à natureza, de forma difusa — o que fazia com que se perdesse a força que a união desses grupos poderia conseguir em ações concretas. Isso levou à necessidade da unificação para **Ações Conjuntas**. Ações que, embora ensaiadas, não eram o reflexo do grau de organização necessária para enfrentar a força do Estado, que a qualquer custo quer semear, no Brasil, a energia da morte. Assim sendo, no Dia Nacional de Defesa do Meio Ambiente, foram realizadas manifestações em São Paulo e nas cidades do interior ameaçadas pela morte atômica. Dessas manifestações nasceu a forma embrionária de organização desses grupos todos que vinham atuando em defesa da vida — se constituiu o Mocun (Movimento Con-

tra as Usinas Nucleares), que deveria ser uma organização federativa dos grupos envolvidos na luta e deveria também ser o pólo aglutinador das forças sociais que viessem a se unir. Na prática, o Mocun falhou devido a uma visão burocrática de determinados grupos e/ou pessoas (PT e PMDB), que impediam que a unidade saísse da única forma em que poderia sair: na ação. Pretendiam tirar uma direção única, resultado de discussões teóricas...

Assim sendo, por paradoxal que pareça, a sua incapacidade se colocou claramente quando se sentiu a necessidade de uma manifestação de rua no dia 6 de agosto, dia da explosão da bomba atômica em Hiroshima. A questão colocada e aprovada em plenário do Mocun,



não foi organizado por ele (Mocun), pois o secretariado era contra. Assim sendo, os grupos que eram na prática o Mocun, organizaram a manifestação, e não o Mocun.

DA MANIFESTAÇÃO

A manifestação — cortejo fúnebre — se iniciou no horário marcado (16 horas) e seguiu pelo trajeto anteriormente divulgado. A polícia vigiava ostensivamente sem, contudo, nada poder fazer. Inicialmente as pessoas olhavam meio perdidas a manifestação, que começou com umas 300 pessoas saindo da praça da Liberdade. Foi na praça da Sé que ela começou a ser engrossada e, depois de percorrer todo



Ilustração extraída da revista libertária "Bicicleta" (Espanha).

o centro da cidade, às 18 horas, chegando o Viaduto do Chá, já atingia a casa dos 2.000 manifestantes, sendo encerrada no largo de São Francisco.

Depois de terminada a manifestação, resta aos grupos — ecológicos ou não —, que hoje estão comprometidos com a luta contra a morte atômica, retomar a sua organização, tentando superar a incapacidade que o Mocun apresentou — criando uma verdadeira federação dos grupos interessados.



Balançando o coreto da pelegada - II

Coletivo Libertário de Oposição Sindical (SP)

A recente greve dos metalúrgicos do ABC deixou uma série de questões e lições importantíssimas para o movimento dos trabalhadores no Brasil. As lições de que falamos são, as que os trabalhadores já tentam aprender com a realização do I Entoes (Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical) que vem sendo preparado com a realização de encontros preparatórios nos Estados (em + ou - 16).

Então, é no contexto do crescimento do movimento de trabalhadores num momento em que avança a crise geral do capitalismo e que uma corrente dentro do próprio movimento dos trabalhadores — comprometido que está com a burguesia (via PMDB e Frente Popular) tenta controlá-lo e retirar dele seu conteúdo revolucionário que o Entoes surge como perspectiva de uma outra composição. Então a distinção é clara: de um lado a parcela de trabalhadores que já percebeu as limitações do sindicalismo oficial e que apontam para a sua ruptura em sua luta contra a exploração e pela livre organização (Entoes), do outro lado está a parcela que se comprometeu com o capitalismo, os politiquêiros pelegos e reformistas (Unidade Sindical). Apesar de ambas estarem dentro do movimento dos trabalhadores são, na realidade, duas posições distintas e irreconciliáveis. O que está em jogo é a democracia/unidade pela base "versus" cupulismo/unidade das siglas. Com essas duas posições em luta, em seu bojo se debate o proletariado acuado pela ditadura. É dentro disso que devemos localizar a importância do Entoes.

ENTOES — SP

Em São Paulo foram realizados dois encontros preparatórios para o nacional. No segundo, com a adesão de alguns sindicatos importantes que não haviam participado do I; o número de inscrições atingiu os 1.000 delegados de diversas categorias. Logo no início dos trabalhos se eliminou um possível problema em sua

democracia interna: a proposta inicial para tirada de delegados nos grupos de discussão a partir de posições políticas (o que abria espaço para delegados tirados a partir do discurso) foi substituída pela escolha direta da categoria (a partir da prática de cada um). É claro, isso somente não tornou o encontro totalmente democrático e os 20 por cento dos presentes tirados como delegados para o Nacional foram o resultado, em alguns casos, de conchavos entre os grupos. De qualquer forma o Entoes/SP foi importante e as suas deficiências deverão ser corrigidas para o II Entoes.

AUTO-ORGANIZAÇÃO

Já na abertura a preocupação constante era a democracia interna e então um companheiro da Oposição Metalúrgica de São Paulo propôs a mudança na forma tirada dos delegados e que terminou sendo vitoriosa.

Nos grupos de discussão essa preocupação era constante. Assim sendo nas discussões em grupo ela se repetia das mais variadas formas como por exemplo, quando um grupo discutia no ponto "avaliação" a necessidade que o movimento dos trabalhadores aponta: a Greve Geral. Quando se discutia isso um companheiro colocou que hoje não é o momento e que nós não podíamos discutir porque não era o momento, ao que um outro companheiro, da Oposição Metalúrgica de São Paulo, respondeu que "não somos nós que decretamos a Greve Geral, nós temos que perder a mania de decidir pelos outros..." Esse mesmo companheiro, ao falar da Unidade Sindical, a denuncia como "uma corrente no movimento sindical que são os reformistas aliados com a direita", sem dúvida ele pode falar isso — foi um dos operários espancados pelos verdugos da US. E é a partir da necessidade de se preparar a Greve Geral que "só será conseguida com uma atuação constante", fala uma professora, que se apontam as lutas tanto eco-

nômicas como pela estabilidade e desde já pela liberdade sindical. "É criar um sindicato vivo, desde as fábricas...", com propostas que apontam a unificação dos trabalhadores como: Comitês de Solidariedade Intercategoriais, realização de assembléias no mesmo dia, das categorias que têm o dissídio na mesma época, e a criação de um Fundo Permanente de Luta para todos os trabalhadores. E essa unificação, como disse um companheiro funcionário público, deve começar "a partir das campanhas salariais que serão levadas já este semestre".

A preocupação com a unificação das lutas, na perspectiva da Greve Geral, puxou a preocupação da organização dos trabalhadores assim; a Unidade Sindical foi considerada divisionista e se denunciou que "o reformismo é um grande obstáculo, pois está unido com o governo". E que é necessário derrubar os pelegos e denunciar constantemente os limites da atual estrutura sindical. Sobre a questão da organização colocaram propostas que possibilitassem a organização autônoma, desde a base, dos trabalhadores. Para isso se propôs a criação e incentivo às Comissões de Fábricas Autônomas em relação ao sindicato e que se relacione com ele numa forma federativa. Se propôs também a organização em bairros e Intercategorias, pois como disse uma companheira — "só como uma organização independente dos sindicatos é que se poderá lutar contra a estrutura sindical, contra o Estado e os patrões". E o sindicato inclusive o nacional, deveria ser o resultado dessa organização e portanto denunciando a "autonomia dos trabalhadores", como colocava a tese da Oposição Metalúrgica de São Paulo. E esse sindicato deveria ser independente do Estado, da Igreja e dos partidos políticos. Para não ser correia de transmissão de ninguém, deveria ser só dos trabalhadores.

Nesse sentido foi positivo o Entoes/SP.

JORNALISTAS BAIANOS

As demissões começaram. E agora, Sinjorba?

Segunda e última parte da matéria «Sindicalismo fascista ameaça trabalhadores», que saiu no n.º 11.

CENSURAR. Acaso existe ato mais vergonhoso que possa ser cometido por um jornalista? A nosso ver, não. Mas foi exatamente isso que a atual diretoria do Sindicato dos Jornalistas do Estado da Bahia (Sinjorba) fez: censurou a charge do cartunista Hélio Lage, encomendada pelo próprio sindicato para a capa do jornal "O Nosso", mais conhecido como "O Deles".

Ocorre que a charge, reportando aos recentes acontecimentos envolvendo a diretoria do Sinjorba e os jornalistas não-registrados baianos (cerca de 60 por cento) — de que tratamos na edição anterior d'O INIMIGO DO REI — mostrava dois lutadores de boxe. De um lado, o presidente do Sinjorba, Anísio Félix. Do outro, o jornalista Dailton Mascarenhas — um dos grevistas de fome pelo direito ao trabalho dos jornalistas não-registrados. Na luva de Anísio estava escrito: "LEI"; na de Dailton, lia-se "DIREITO AO TRABALHO". A charge não saiu. Por quê? Porque a diretoria do Sinjorba não acredita que os 60 por cento da categoria, apenas por não terem registro, sejam profissionais e tenham direito ao trabalho. Claro que houve uma "explicação". Segundo membros da diretoria do sindicato, a charge não saiu porque "não queríamos personalizar as coisas em Anísio e Dailton".

Perdão pelo baixo nível, mas: chupem aqui pra ver se sal lelte...

DEMISSÕES

Enquanto isso, as demissões de jornalistas não-registrados — e não incluídos no acordo firmado com a DRT baiana e Sinjorba (que o rompeu, mais tarde) — já começaram. O Jornal da Bahia, por exemplo, aproveitou a primeira pressão da DRT para "se livrar" de uma meia dúzia e "aliviar" a folha de pagamento. Tal o Sinjorba a serviço dos patrões. E que fazem os

demitidos? Nada. Estão sozinhos, desamparados e a última coisa que lhes passaria pela cabeça seria procurar o Sindicato. Para que, se foi este quem os pôs na rua?!

O BEIJO DE JUDAS

Na edição passada — em razão de problemas técnicos não satisfatoriamente resolvidos — a reportagem sobre a greve de fome dos jornalistas não-registrados da Bahia teve de ser interrompida com um clássico "continua no próximo número". Continuemos, pois.

Falávamos da assinatura do acordo entre DRT/Ba., Sinjorba e o então presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Washington Melo (atual presidente da Federação Nacional dos Jornalistas).

Para comemorar este acordo, o presidente do Sinjorba chegou mesmo a beijar nosso colega Dailton Mascarenhas. Todos "felizes". Havia "chegado ao fim" o impasse. Entretanto, 24 horas depois o sindicato rompia o acordo, alegando "não ter condições de cumpri-lo legalmente". Ora, ora. Por que assinaram, então? Por que empenharam a palavra? Simples: um golpe, no mais baixo estilo, para acabar com a greve e tudo ficar como estava.

Atualmente, os jornalistas não-registrados — repetimos: cerca de 60 por cento dos profissionais que atuam nos jornais baianos — estão encaminhando sua luta no sentido de conseguir garantir ao menos o direito de continuarem trabalhando.

Aqui, faremos um parêntese para que se entenda melhor a situação: esses jornalistas sem registro exercem funções tais como de repórter, editor, secretário de redação, copy-desk etc. Entre eles se encontra uma parcela do total dos jornalistas baianos tidos como profissionais de reconhecida competência. Pois bem. O Sinjorba, sob a alegação de fazer cumprir a lei, não considera que esses jornalistas sejam realmente JORNALISTAS, entrega-os de mão beijada nas mãos do Estado, através da Delegacia Regional do Trabalho/Ministério do Trabalho e, depois de lavar as mãos, fica de fora instigando uma fiscalização mais rigorosa para que, quem o Sindicato chama de "picaretas" sejam demitidos.

ESCLARECIMENTO

Ao Jornal "O Inimigo do Rei"

Estranhei muito as acusações contra a minha pessoa no último número de "O Inimigo do Rei". Estranhei porque elas vão de encontro à própria filosofia que o jornal diz possuir: o comprometimento com a verdade. Um jornal que se diz, se considera, se posa como um jornal anti-monarquista não deveria jamais falar por falar, porque aí estará baseando-se unicamente na sua autoridade de Rei. Provas? Não foram apresentadas provas. O que se pôde sentir das afirmações do jornal foi um desenfreado ímpeto emocional. E convenhamos: um jornal não pode ser feito de emoções, mas de fatos.

Provas tenho eu e a principal delas estou enviando à redação de O Inimigo (?) do Rei: são recortes de todas as matérias publicadas pela "Tribuna da Bahia" à época de cobertura da greve de Fome dos Jornalistas, ditos irregulares. Apelar a então para a honestidade profissional dos jornalistas do "Inimigo" no sentido de atestarem o equilíbrio que caracteriza o material. Houve uma preocupação em se ser o mais imparcial possível e isso é revelado na cobertura dada aos dois lados da questão. Na minha opinião, isso é jornalismo. Não interessa (jamais interessou) a minha posição particular sobre o problema. Como também acho que não interesse aos repórteres que comigo trabalharam quando assumi interinamente a chefia de reportagem da "Tribuna da Bahia".

Ninguém melhor do que eles para comprovarem que, ao contrário do que afirma "O Inimigo do Rei", não houve dirigismo da minha parte.

Ninguém melhor do que eles para atestarem que receberam pautas equilibradas, procurando, evidentemente, focar a questão jornalisticamente. Ou seja: mostrando o lado dos jornalistas irregulares (aglutinados em torno da greve de seus representantes) e dos jornalistas regulares.

Ninguém melhor do que eles para atestarem que não houve coação de minha parte acerca do enfoque a ser dado nesta ou naquela matéria.

Ninguém melhor do que eles para atestarem que optei pelo revezamento dos profissionais na cobertura dos acontecimentos, justamente para evitar futuras acusações de oportunismo contra a chefia de reportagem, ainda que tivesse absoluta certeza da honestidade profissional de cada um deles.

Ninguém melhor do que eles para atestarem que, em momento algum, censurei (ou tentei censurar) declarações desfavoráveis a um suposto posicionamento meu sobre a questão.

— A nota acima nos foi enviada pelo jornalista José Antônio Moreno e veio assinada por cito repórteres além de acompanhada de recortes do jornal "TRIBUNA DA BAHIA".

O burguês, esse marginal.

ZÉ WEIS (P. ALEGRE)

Tem-se falado tanto, ultimamente, em luta de classes, sem se pensar se nas classes de luta, acho que todos estão esquecendo de algumas coisas.

Por exemp'lo, nunca se pensou o seguinte: o burguês também é uma minoria!

É claro que vocês já devem ter percebido o quanto o burguês tenta ser diferente dos outros — aliás, ele faz isso tão bem que às vezes pensamos que somos nós as minorias discriminadas. Senão vejamos: na alimentação, o burguês, como minoria discriminada, jamais será capaz de comer o mesmo tipo de comida todos os dias, está sempre inventando uma coisa diferente. Onde já se viu?!

Sempre dando uma de diferente, enquanto a grande e esmagadora maioria se alimenta com o que — inventando os mais variados macetes, pra se alimentar — de forma precária e causando não rudo, uma irreversível desnutrição; tu te prestas a comer de forma sofisticada, e até ousas ter um vinho diferente para cada um dos teus — só de pensar já me repugna gostos tão medíocres. Vais comer arroz à grega hoje, só porque ontem comeste um suculento salmão recheado e amanhã vais comer uma laranja. Naturalmente, estamos fazendo menção apenas a uma das tuas três refeições diárias: seu, seu... diferente! Um dia ainda morrerás de superalimentação: seu gordo, seu idiota...

Ele bem que poderia deixar desta e vir o feijão com arroz e carne? de segunda, como todo mundo, né? Pra não falar daquela farinha com água, dos "breakfeaster" nordestinos...

Mas pulando de mala pra saco, ou melhor, de alimentação pra transporte, vemos que também aí o burguês continua como minoria discriminada, pois ao invés de dividir o espaço, apertadíssimo e desconfortável, dos nossos, já por si só, lamentáveis transportes coletivos. Pois enquanto todos procuram se apertar o máximo, e muitos trabalham o dia todo, sem sequer se darem ao luxo de um simples banho de sais aromáticos antes e depois do trabalho, tu burguês, preferes enfiarte num luxueto automóvel, às vezes — pasmem! — até com ar condicionado. Insiste em usar sua



anti-econômica banheirinha: um dodgezinho, um alfazinho, ou até mesmo um mercedinho. Mas que cara murrinha, qual é a dele?!

Como no transporte e na alimentação é no trabalho que ele mais procura distância de todos nós, é tão discriminado que é incapaz de trocar a sua segurança individualista pela insegurança coletiva de seus operários. Bem poderia, se quizesse, dividir com todos a insegurança do trabalho, a mão-de-obra e se nós permitíssemos, até mesmo teria a mesma chance, na hora de dividir a produção com os seus lucros. Mas ele não quer, insiste na posição de minoriazinha...

Assim, enquanto minoria, ele também se organiza, só ao de reunir nas associações comunitárias de vilas e favelas, por exemplo, ele frequenta clubes fechados, mora em lugares de difícil acesso, se esconde em lugares chamados "grandes mansões". Quem sabe um dia trate de trocá-las por barracos — desses que se vêem nas nossas favelas — para sentir a natureza de perto, pelo menos uma só vez? Assim como o frio, ou o calor, um sol torrante ou quem sabe um atorrencial chuva?

Nunca fostes picado por mosquitos, nestes bairros das partes baixas da cidade? O que! Nem mesmo naqueles teus camping's?! Estás mal comadre. Ele até poderia vir morar como todos nós, em simples apartamentos e quem sabe até em favelas, vilas ou até — lógico que na revolução tiraríamos isto em assembleias — nos Alagados, no Campo da Tuca, Baixada Fluminense, ou...

Francamente, depois de tudo isto ainda ousas dizer que tu és quem sabe viver. Onde já se viu, minoria ser dona da verdade! Minoria como tu és tem mais é que calar a boca, pedir o boné, botar a viola no saco, enfiar o rabo entre as pernas e dar no pé...

Apesar de todas estas diferenças, que ele insiste em preservar, muitas vezes se iguala a nós. Por exemplo, quando está nu, ou quando sente tesão, quando trepa com alguém numa boa, como às vezes se sente brocha, ou até mesmo o machão, ou simplesmente, quando sente que se dá melhor com pessoas do mesmo sexo. Sei lá, em tanta coisa ele é igual aos outros, que até penso, como é que esse cara — um ser humano — pode ser meu inimigo? Pois ele até deve peidar como a gente...

Mas eu sinto algumas diferenças, nunca se viu falar que ele foi alguma vez reprimido, discriminado, assim como se fosse um negro, um bixa, ou maconheiro, lésbica, ou como um — perdoem a palavra, mas acho que até foi ele quem o inventou — um louco. E por falar nisto tens um analista, que quando tu deixas o consultório, fica dando uma de louco, de doente mental, de neurótico, logo tu! Ora, pois fica sabendo que loucas são aquelas pessoas que tu mesmo veneras, em grandes rituais, que vão desde uma simples internação — que pode ser pra vida inteira se for pelo inamps — até os choques elétricos: os que sofrem isto, seu, seu... a-normal, é que deves chamar de louco...

Ah! Mais uma coisa: vê se pára com estas manias de ficar por aí com pena dos homossexuais. Onde já se viu! Um machista como tu que tendo se comparado a estes reprimidos seres humanos. Fica na tua, seu machão! E também não vale conseguir "status" nenhum — muito menos cadeia cativa no paraíso, ao lado do Papai do Céu — com estas tuas manias de promover anos internacionais de Mulher, Criança, ou da Ecologia...

Pára com isto! Seu puxa-saco, não é assim que vais deixar de ser minoria, tá bem?!

Acho até que ele só foi reprimido, mesmo, na sua infância, felizmente as crianças quase não fazem discriminações. Acho até, que já se pode tirar uma conclusão: o burguês é a minoria que não é reprimida, e isto é a nossa diferença fundamental. O resto como a propriedade, os monopólios, fortunas e corrupção, ele poderia dividir conosco, para se tornar um pouco mais igual a todos. E de uma vez por todas deixar de ser esse rico marginal, da nossa pobre sociedade.

PARTIDO É PARTIDO

Ihering Guedes Alcoforado (Bahia)

Um aspecto chave da reorganização política brasileira, ao passar de um bipartidarismo para um pluripartidarismo, é a superficialidade do debate dentro da «esquerda» em torno de uma questão fundamental: a organização da classe trabalhadora.

O partido é aceito acriticamente. Este ente responsável pela coesão dos seus ativistas em torno de sua direção, autodelegando-se o papel de representante da classe operária, adicionado a um pomposo adjetivo: vanguarda. Outras formas de organização, tais como anarcosindicalismo, conselhos operários, comunidades etc., não passa jamais na cabeça de um militante da esquerda marxista-leninista, como uma forma de organização alternativa ao partido.

Não é por coincidência que as organizações de inspiração marxista-leninista, sejam trotskistas ou stalinistas em suas diversas variações, esforçam-se a cada instante em identificar-se como sendo o partido da vanguarda operária, ou algo semelhante, criando em torno desta disputa um folclore, caracterizado pelos rótulos normalmente utilizados em tom depreciativo: reformistas, populistas, esquerdistas, porra-loucas etc.

ORGÁSMICO RÓTULO

Aqui no Brasil, esta luta pelo monopólio do orgásmico rótulo, entre outros motivos tais como: o do partido ser incapaz de exercer o papel que lhe é determinado, interpretações conjunturais e estruturais falhas etc., levou tais organizações a perderem (se é que algum dia tiveram) a ligação orgânica com a classe a qual dizem representar, em outras palavras, isolando-se.

No momento da reorganização partidária, aproveitando-se do espaço político criado pela dita «abertura», tais organizações julgam necessário utilizar subterfúgios para reaproximarem-se do «campo da luta de classe», sem questionar a já desgastada forma de organização, isto é, o partido.

E considerando a existência de duas «frentes oposicionistas» ou partidos, que mostram-se viáveis no momento, um grupo de organizações que têm como seus porta-vozes na imprensa alternativa, respectivamente, a Voz da Unidade, Hora do Povo e A Tribuna da Luta Operária, embarcam na «frente oposicionista majoritária», onde buscam legitimar-se através de «bases populares» e/ou da «unidade», revelando em ambos os casos um certo desprezo à alternativa classista.

O outro «balaio de organizações» (eu escrevi organizações e não gato) busca igualmen-

te reaproximar-se do «campo da luta de classe» colocando temporariamente suas rixas folclóricas em segundo plano e entra na frente oposicionista minoritária».

BALAIO DE GATOS

Frente na qual o «balaio de organizações» busca um apoio/(con) fusão com o movimento sindicalista emergente e com uma fração da Igreja, a dita «progressista», que entra no «rolo» com o cacife das Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais, tipo de organização política heterodoxas na fauna política brasileira. Sendo que nesta empreitada apenas o movimento sindicalista não dispõe no «colete» uma forma ideal de encaminhar a luta, perceptível pelas declarações contraditórias do seu líder carismático de maior evidência em curtíssimo espaço de tempo.

grande esforço de viabilizar-se como um partido, o que é sua luta cotidiana (com exceção dos períodos de reajuste salarial) o que poderá ter como consequência lógica desaguar suas lutas na transformação de sindicalistas em deputados, padres em senadores e revolucionários em secretários de Estado.

Retirando, dessa forma, a luta dos trabalhadores de seu habitat natural e levando-a para o da pequena burguesia, isto é, do sindicato para o Parlamento. E então, graças à «equipe

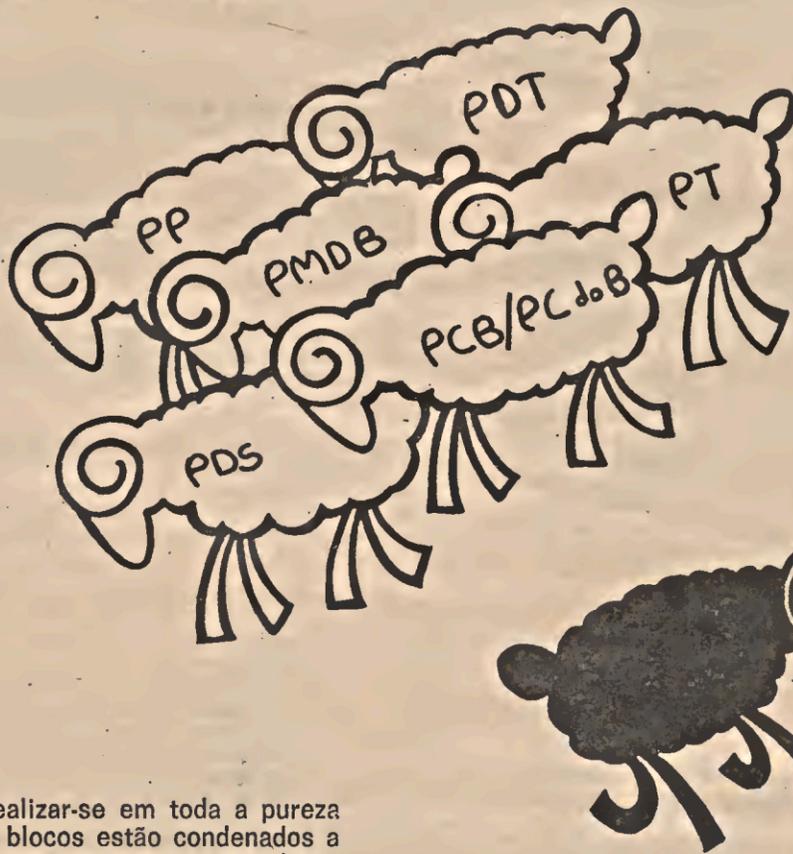


Ilustração extraída e adaptada da "Revista Anarchica" (Itália).

Não podendo realizar-se em toda a pureza de seus ideais, tais blocos estão condenados a completarem-se uns aos outros em seus diversos elementos, o que cristaliza-se na formação de um partido que se apresenta com boas perspectivas eleitorais, no qual é perceptível uma tendência ao parlamentarismo, e um consequente reforço do processo de ideologização pequeno-burguês, definindo um espaço de atuação, no qual seu papel propende a ser uma «correia de transmissão» de tal ideologia numa versão social-democrata-cristã tupiniquim.

POUCA ENFASE

Tal vocação identificamos, entre outras, na pouca ênfase/comprometimento dado por tal «frente» na luta pelos sindicatos livres, e o

Figueiredo» e a «quem a carapuça cair na cabeça», teremos alcançado o sonho da Abertura.

Partido é partido, nada mais que partido e da Polônia não vem apenas o Papa, vem o exemplo dos trabalhadores que por coincidência estão execrando a tutela do partido e têm como símbolo de resistência: seu local de trabalho e como reivindicação: sindicatos livres e auto-gestão.

Rápidas e Caceteiras

ECOLOGIA MARXISTA — Os ecologistas metidos em partidos marxistas devem estar tendo trabalho para explicar a seus companheiros de militância o porquê da União Soviética ter votado em agosto passado, a favor da continuação da caça indiscriminada à baleia Moscou (marxista) e Tóquio (uma das capitais do capitalismo mundial), estão de acordo em que as baleias devem ser dizimadas e ambos os países estão utilizando navios-fábricas no Pacífico: a baleia é assassinada e enlatada pelo mesmo barco.

FRAUDE CHILENA — O general Pinochet, não bastasse ter ficado famoso por liderar um regime de carneiros, responsável pela morte e desaparecimento de milhares de pessoas, resolveu ser presidente «constitucional». Convocou um plebiscito onde a

oposição era perseguida por grupos paramilitares (formados pela própria polícia do regime) de extrema-direita. Na campanha pelo «Sim» à sua ditadura, Pinochet viajou de Norte a Sul, no entanto, proibiu Eduardo Frei de fazer comícios fora de Santiago. Não bastasse o fascismo imperante durante a campanha, o general chileno impediu a fiscalização internacional do plebiscito e proibiu a oposição de participar do escrutínio: só quem podia contar os votos eram as pessoas ligadas à ditadura — a vitória foi de 64 por cento a favor da ditadura. Mas assim também, até nós, que somos mais bobos, ganhamos plebiscitos...

MARINHA INFORMADA — O ministro da Marinha do Brasil, Maximiliano da Fonseca, veio a público dizer que conhecia os autores dos atentados terroristas que já causaram uma vítima fatal no Rio de Janeiro. Mas disse também que não pode fazer nada porque não tem provas. Ora, como é que ele sabe e não tem provas? No tempo do terrorismo de esquerda no Brasil, as Forças Armadas não precisavam de provas para prender os esquerdistas: era só

suspeitar e o suposto terrorista era preso, «desaparecia» ou era assassinado pela repressão. Quando se trata, como agora, de atentados de direita, os militares ficam cheios de dedos, com medo de quem eles vão encontrar jogando as bombas...

MARXISMO/FASCISMO — A União Soviética é um país que não precisa que se façam campanhas contra ela para que o marxismo fique definitivamente desmoralizado. Ela mesma encarrega-se de desmoralizar-se a si própria, como o fez no último dia 15 de setembro, quando reconheceu o regime fascista do general boliviano, Luís García Meza, líder, junto com seu ministro de Interior, Luís Arce, de uma quadrilha internacional de tráfico de cocaína, como denunciou o Senado dos Estados Unidos. Só quem tinha reconhecido o governo ditatorial de Meza, até agora, tinham sido as ditaduras de direita como Brasil, Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, Filipinas, Taiwan. Mas os marxistas russos, mostrando que estão mais pra lá do que pra cá, deram seu reconhecimento ao regime boliviano junto com a Alemanha Oriental.

CAPITALISMO

Ricardo Líper (Bahia)

O que me impressiona no capitalismo não é sistema em si, é sua capacidade de desenvolver tudo que o homem tem de pior.

Não pretendo hoje fazer uma abordagem sociológica ou mesmo econômica porque acredito que os leitores deste jornal já tiveram a oportunidade de travar conhecimento com o pensamento socialista e entenderem que, no mínimo, o capitalismo é uma etapa superada do desenvolvimento humano. É muito mais do que isso e esse conceito pode até ser revisto. Mas é assunto para outro dia.

De uma maneira geral, entende-se por capitalismo uma sociedade onde uma classe detentora dos meios de produção, a burguesia, investe capital explorando o trabalho de uma imensa maioria de assalariados. A posse do capital dá à burguesia o direito de explorar o trabalho daqueles que não tendo nada o que vender, **vendem-se**.

É um sistema que, para início de conversa, transforma o homem em mercadoria. Aliás, uma das mercadorias principais do capitalismo é o trabalhador.

Entretanto, o que é talvez pouco abordado quando se fala do tema é a qualidade de vida gerada pelo capitalismo. Quer dizer, até que ponto o homem foi degradado e a vida alterada para o que tem de pior em todos os setores.

Sendo basicamente a compra da mão-de-obra para ao explorá-la e ganhar lucros em cima dela, o capitalismo está assentado na imoralidade pública. Não pretendo fazer um tratado moral. O problema não é esse; mas sim que o resultado disso para toda a sociedade é um padrão medíocre e doente de vida. O capitalismo é a gestação do inferno.

Para os pouco avisados pode parecer que as grandes cidades, as grandes indústrias, a tecnologia avançada, em última instância, o desenvolvimento da ciência, pode justificar o capitalismo até como necessário. Por outro lado pode-se confundir isso tudo com progresso.

O que ocorreu, entretanto, foi exatamente o oposto.

A incapacidade das pessoas de mudarem até o hoje o capitalismo, e por outro lado sua capacidade — a do sistema — de adaptação a novas situações — superando assim suas contradições periféricas mas mantendo as principais —, fez com que ele inchasse. A sociedade capitalista é uma sociedade inchada. Não existe progresso, existe desespero e holocausto.

Quem olha para Nova Iorque, Xangai e Tóquio e vê progresso ou é maníaco ou possui segundas intenções. Ali está a representação humana do inferno, com todos os demônios e sofrimentos possíveis. Não quero falar do mundo subdesenvolvido porque não atinjo — a metáfora religiosa clássica — nada pior do que o Inferno e o mundo da América Latina — com os seus militares, torturadores, jogadores de bombas — é um para-inferno.

Quero me deter na qualidade de vida e no comportamento diário das pessoas.

A primeira impressão que temos é que todos estão desesperados.

O dia a dia é uma luta miserável e mesquinha para sobreviver. Envolve aí todos. Do pivete ao executivo.

Essa luta tem um compasso e suas regras prefixadas a depender do nível de inchação do capitalismo e da sociedade em que se vive.

Como subdesenvolvido, minha ótica reflete essa sociedade bizarra que é a sociedade brasileira. Aqui, o capitalismo ainda coexiste com atitudes bárbaras e selvagens que as vezes custa-nos crer que possam existir em país dito civilizado. Não estou me referindo ao governo. Estou falando das empresas. É comum, por



Ilustração extraída da revista libertária "Bicicleta" (Espanha)

exemplo, não se pagar nem férias nem décimo terceiro a funcionários, que assinam documentos falsos como se recebessem o que a lei manda. Recentemente, uma empresa que lida com educação — vejam só! — obrigou todos os seus empregados a assinarem um pedido de diminuição «voluntária» de salário. É comum existir um capitalismo mais selvagem operando ao lado das próprias leis do governo. A Carteira de Trabalho é, para empresa, uma dificuldade a ser vencida e onde o empresário tenta driblar de todas as maneiras possíveis, fazendo aflorar na sua personalidade o que a espécie humana tem de pior em termos de caráter e moral.

A maioria desses miseráveis que trabalham no Brasil sofre todo tipo de pressão das empresas no sentido de abrir mão de seus direitos, dados pelo próprio governo burguês. O capitalista brasileiro comporta-se como um vampiro.

JOGO DO VALE TUDO

Nesse jogo vale tudo. Corrupção, compra de consciências, compra de fiscais, jogadas... esquemas... Surge um novo homem: egoísta, mau caráter, mesquinho, intrigante e, o pior, faz isso tudo por hábito, sem muita noção do que está fazendo, e escorado na necessidade cega de sobreviver, onde tudo vale. Todo gesto de bondade no capitalismo é uma aberração. O normal é o cretino, o mentiroso, aquele lutador que usa todas as armas e mesmo assim termina por sucumbir. Não estou falando só de empresários e capitalistas. Estou falando de todos. Sem nenhuma exceção. Os intelectuais ditos de esquerda também estão no samba porque só ocorreu aí uma mudança intelectual — anarquistas no meio — e não constitutiva e psicológica. É claro que se pode, com uma lente de aumento muito forte, encontrar-se entre alguém da esquerda uma pessoa humana mas a cada dia que passa a lente tem de ser aumentada.

Teoria é uma coisa e constituição psicológica de caráter é outra. O sujeito pode falar coisas lindas, ter uma cultura social grande, ser um bom militante para o fim do capitalismo, mas ser ele próprio o resultado do capita-

lismo. Carrega cicatrizes que fazem — talvez até por reflexos condicionados — agir da mesma maneira torpe até na sua prática política. O capitalismo corrompe a todos. Em graus diferentes, é claro, mas o menor grau já é suficiente para mudar a face do humano para o reverso.

É isso aí!

O resultado é claro. A medida em que se luta pela vida, vamos dizer assim, e perdemos a dignidade, o caráter, a palavra, e participamos do jogo, vamos adoecendo. Se o problema fosse apenas moral, tudo bem. Não iria apenas condenar o capitalismo sob o ponto de vista de uma ética mas o problema maior é a doença que vai se alastrando no novo homem que vai surgindo daí, transformando a sociedade numa coisa infernal. Estou me referindo ao dia a dia. Ao nível de vida diária.

No Brasil, com a inflação, o dinheiro sem valer coisa alguma, o aumento louco do custo de vida, a irresponsabilidade gritante dos responsáveis por tudo isso, e ainda o capitalismo selvagem ao qual já me referi anteriormente a doença se alastra.

A legião de maus caracteres aumenta e é compreensível que aumente.

O que se quer? Queixotes? É ridículo, atualmente, uma pessoa de caráter. É a convivência diária que vai ensinando as pessoas a fazer mal umas às outras. Todas estão imbuídas até os cabelos do que poderíamos chamar do espírito do capitalismo.

Inclusive todos já estão acostumados à maldade humana crescente, à selvageria da luta pela sobrevivência e que no circo em que vivemos, cada um tenta, dentro da sua inteligência e capacidade, ver pior do que o outro. Como capitalismo é sinônimo de exploração desenfreada e irresponsável em direção do nada, ele voltou-se agora com toda a garra para a destruição física do planeta. Já destruiu o homem, como vimos acima, há muito tempo; agora visa a eliminar os animais que ainda restam, as florestas, os mares e rios e tudo aquilo que torna o planeta habitável. O capitalismo quer espelhar na terra a sua visão infernal de mundo. Diz a ideologia oficial que isso é desenvolvimento. Destruição do planeta e do homem = desenvolvimento. Em realidade é o que conduz à última etapa das contradições não resolvidas do capitalismo: o holocausto.

Não quero prever nada. Apesar de tudo, compreendo e acredito na capacidade de alguns de conseguirem superar o capitalismo, não em nível pessoal, mas através de uma mudança social.

Mas, enquanto, o que existe é doença. Na maioria, as psicossomáticas, com os seus mais variados sintomas. O stress e sua legião de enfermidades. A vida de baixa qualidade das grandes cidades, com suas angústias, edifícios, espaços limitados e pessoas engaioladas. Isto as leva em busca de amenizarem os sintomas. Alguns buscam psiquiatras e médicos. Nos Estados Unidos e a União Soviética, dois centros do capitalismo mundial, é onde existe o maior número de psiquiatras. A quantidade de anti-distônicos consumida é enorme. Para poder aguentar o chefe, o colega mau caráter, o amigo traiçoeiro, o Inamps, o síndico e conseguir rir, manter-se calmo ante as agressões de todos os lados, a perspectiva de perder o emprego, por simples jogada da empresa. Outros procuram o espiritismo, a yoga, as seitas orientais. Seicho-No-Iê está aí pra isso. É normal que nessa busca desesperada de paz ou pique para aguentar o dia a dia as pessoas procurem a depender de suas vivências, suas muletas. O álcool (vide Moscou), a maconha estão aí também as drogas e a hipocrisia dos poderes constituídos, prendendo os maconheiros, quando deviam prender os executivos... Mas deixa pra lá...

O CAMPO BRASILEIRO ESTÁ EM GUERRA

Antônio Fernandes Mendes (Bahia)

Antes de entrar no mérito da questão, farei um pequeno esboço histórico do problema fundiário do Brasil. Este vasto país de natureza exuberante teve a infelicidade de ser explorado por aventureiros europeus, principalmente pelos portugueses, ávidos de lucros fáceis, como se pode averiguar em qualquer livro de história do Brasil em que os historiadores não escondem o nome de suas personagens, dando-lhes os títulos bombásticos de conquistadores e aventureiros, como no caso das capitânicas hereditárias, desde então seladas de cima para baixo com o ranço anti-social pelas autoridades portuguesas daquela época, sem o mínimo de respeito aos povos primitivos que aqui habitavam, que em 1534 somavam uma população de 6 milhões de seres humanos, ocupando este vasto continente: Desde as nascentes do rio Amazonas às Coxilhas do Rio Grande do Sul.

Numa síntese histórica da colonização do Ceará, publicado no Anuário do Ceará de Raimundo Girão Barroco e Antônio Martins Filho, Pág. 31, lê-se: "O Oitavo Governador Geral do Brasil, Diogo Botelho, no reinado de Felipe III intenta uma nova conquista do território do Ceará devido ao fracasso do primeiro aventureiro português, Antônio Cardoso de Barros, que havia sido titulado com uma imensa área do território cearense, com poderes absolutos, inclusive com posse hereditária com fins exploratórios e a conquista dos índios ali existentes. Com o abandono do território pelo mesmo, o Oitavo Governador Geral do Brasil, nomeou o aventureiro Pero Coelho da Sousa, um nobre açoreano que residia na Paraíba do Norte e que recebeu a patente de capitão-mor do Ceará, por suas façanhas draconianas na Paraíba e já havia feito mil séria com a população indígena daquele território e seguiu com uma escolta de índios que haviam sido aprisionados naquele território marchando com os mesmos para a conquista dos povos livres que habitavam o território do Ceará, com o fim exclusivo de escravizá-los e tomar as suas terras".

Estes conquistadores reforçavam o seu poderio doando sesmarias áquelas que compactavam com suas condições e assim surgiram os primeiros latifúndios no Brasil. Desta maneira, o país caiu nas mãos de uma pequena minoria desalmada e despidada de tudo que era humano e este espírito selvagem se arrastou por quase cinco séculos de exploração do solo brasileiro, quase unicamente para fins especulativos e não no interesse da comunidade brasileira.

Este grave problema agrário vem se avolumando a cada década, principalmente com a instalação da República e o reforço do capitalismo e consequentemente, o aparelho de Estado tornou-se mais repressivo. Esta crise se aguçou com o bárbaro massacre dos camponeses de Canudos; o massacre do Contestado; a repressão dos camponeses do Pau de Colher, do Caldeirão, no Ceará, indo proliferar-se com o cangaceirismo do Nordeste. Estes movimentos, apesar de serem considerados como movimentos de banditismo, todos eles, ao contrário, tinham características de mudanças sociais.

Mais recentemente surgiram novas formas de luta por parte dos trabalhadores do campo, principalmente a partir dos anos 60, com o surgimento das ligas camponesas do Nordeste e alguns sindicatos que foram esmagados pela repressão do Estado autoritário que se instalou no golpe de Estado de 64. Mesmo assim, não se evitaram novos conflitos, como o que aconteceu na fazenda Japora, no município de Canindé, no Ceará, nos primeiros anos da ditadura do governo Médici, quando os trabalhadores rurais foram vítimas de um despejo perverso movido pelo comerciante e latifundiário César Campos, com a conivência da justiça e da polícia. Ainda assim, o César Campos, de posse do mandato fraudulento de despejo, recorreu a métodos violentos, usando da força, acimado de jagunços, partiu para a expulsão dos lavradores, botando abaixo cercas, arrombando agudes, destruindo plantações, matando animais domésticos e, por fim, com a tentativa de destruir as casas dos camponeses, recebendo como resposta uma violenta resistência, dando-se aí um conflito armado, com a debandada de todos os jagunços. Com a notícia do conflito, a polícia vem em socorro do latifundiário para expulsar e prender os trabalhadores, sendo recebidos à bala pelos camponeses. No final do conflito, todo o batalhão havia sido morto, inclusive o delegado Martins, comandante da tropa, que teve a sua cabeça decapada por um violento golpe de foice manejado por um camponês de 63 anos de idade.

TRES MORTOS

Neste conflito morreram três camponeses, mas o restante dos trabalhadores se apossou de todas as armas do destacamento policial sobre o comando do líder camponês Pio. Este trabalhador havia promovido um trabalho de educação e conscientização da classe para resistir ao despejo. Este conflito teve grande repercussão no meio dos trabalhadores de outras regiões que se solidarizaram com os camponeses da fazenda Japora, garantindo-lhes alimentos, armas e participação na luta.



Estratégicamente, os camponeses em armas se refugiaram nas caatingas e prometeram resistir caso fossem atacados novamente. Este episódio teve repercussão internacional na época, sendo noticiado na imprensa europeia e nos Estados Unidos, menos no Brasil, por causa da censura draconiana de então.

O governo deu vários ultimatos e a própria Igreja interferiu, sem nenhum resultado, pois os camponeses exigiam a retomada da posse da terra, a suspensão do despejo, a não prisão dos que participaram no conflito e, por fim, só dariam armas se tivessem garantia de vida, de moradia e de liberdade. Nestas circunstâncias, o governo, para evitar um conflito de grandes proporções, tomou medidas que atendiam às reivindicações dos camponeses de Japora, como seja, a posse da terra pelos camponeses dentro de 24 horas, a partir de um Decreto-lei.

Logo após este conflito, houve outro de menor dimensão, localizado entre os municípios de Boa Viagem e Quixeramobim, que limitam com o município de Canindé, onde ocorreu a luta da fazenda Japora. Esse conflito se verificou no arreal de Mata Fria, entre os camponeses desta localidade e o general-de-Exército Wicar de Paula Pessoa, que tentou, por todos os meios, tomar as roças e as terras dos trabalhadores rurais desta localidade. Daí surgiu o conflito armado entre os capangas do general e os trabalhadores, com a liderança de Alfredo Inácio, culminando com a morte de dois jagunços do general.

Também no mesmo período, na propriedade da irmã do general Wicar — localizada no norte do Estado do Ceará — foram mortos três jagunços da proprietária, em conflito com os trabalhadores de sua fazenda. Culminando mais tarde com o assassinato do seu sobrinho, o ex-deputado e capitão Euclides Wicar de Paula Pessoa, filho do general Wicar, por questões de terras.

Estes conflitos de terras entre proprietários e camponeses se estenderam durante a década de 70 por quase todo o país, sendo de maior envergadura a guerrilha do Araguaia, embora este movimento tenha se caracterizado por uma diversificação ideológica autoritária, muitas vezes sem a real participação dos trabalhadores e a tentativa de um dirigismo político por parte de grupos estranhos à classe camponesa, com o fim único de buscar o poder.

contudo, a partir de 1977, após vários fracassos da luta camponesa por lutas cegas, ou seja, sem a conscientização e a educação, partiu-se para novas formas alternativas de luta. Estas alternativas vêm sendo desenvolvidas através de sindicatos combativos delegacias sindicais, associações livres, agrupamentos independentes, que buscam afastar-se da interferência do Estado. Por outro lado, os proprietários, sentindo medidas também mais coarctivas, com o apoio do Estado. Mais isso não amedrontou os trabalhadores, ao exemplo do que vem ocorrendo no vale da Ribeira em São Paulo, onde os trabalhadores criaram novas associações livres, desatrelando-se do Estado e da delegada e buscando fortalecer-se pelo apoio mútuo entre a classe, embora, ainda confusos, quando aparecem os reformadores, prometendo-lhes a tão sonhada reforma agrária (velho jargão de políticos inescrupulosos). Quando deveriam dar um passo mais seguro, autogestionando os seus problemas, ocupando as terras coletivamente, evitando a intromissão do aparelho de Estado, dos reformistas, dos políticos etc., fortalecendo-se através do federalismo e da cooperação.

Germano, secundado pelo delegado local, coronel Elísio Rebouças. Na Belém-Brasília, os conflitos entre os trabalhadores e grileiros, principalmente na região de Ribeirãozinho e Ribeirão da Rocha, onde 3 mil trabalhadores foram vítimas de uma ação do Estado, na pessoa do juiz Edgar Alves Carvalho, beneficiando o latifundiário Ivete Rodrigues.

Em Naviraí, Mato Grosso do Sul, 300 trabalhadores travam conflito com os proprietários que querem expulsá-los de suas lavouras. A 600 Km da capital, Cuiabá, 200 trabalhadores estão vivendo sob uma semiescavidão, de baixo do taço da colonizadora Aguapé.

Na Jari, os trabalhadores se insurgem contra a exploração e maus tratos da companhia, pois os patrões não cumprem sequer as leis trabalhistas em vigor, já não são nada boas. Assim, a Jari só paga Cr\$ 2.600, a cada trabalhador rural, exigindo-lhes em média 10 a 13 horas por dia. A empresa Ema vem fazendo o mesmo com 3 mil trabalhadores rurais.

Em Pernambuco, no município de Pesqueira, a fábrica de derivados do tomate Peixe entrou em conflito com 500 famílias de trabalhadores rurais, que vive em do plantio do tomate, aviltando os preços da produção.

O sindicato dos trabalhadores rurais de São Mateus do Espírito Santo denunciou os grupos Aracruz Celulose, do grupo Souza Cruz, e os proprietários Barcos Duário, José João Torres e a empresa Botiguara, de manterem os trabalhadores rurais em estado de escravidão.

Nos garimpos, os conflitos se sucedem. Só no mês de março deste ano foram mortos 5 trabalhadores, a soldo dos comerciantes de ouro.

Em Rondônia, a crise no campo é grave. Mil e 270 trabalhadores enviaram um abaixo-assinado ao presidente João Figueiredo, denunciando os proprietários grileiros que ameaçam do morte os trabalhadores daquela região. No mesmo abaixo-assinado, os trabalhadores denunciam o poder público de Porto Velho que já dá parecer favorável aos grandes proprietários. Presseguindo, eles afirmam, textualmente: "Estes poderes nos acusam de invasores, nós que trabalhamos de sol a sol em nossas lavouras para produzir alimentos para toda a nação, e somos ti-



dos como malfetores por essa gente que nem sequer conhece o que é lavoura. Incapaz de plantar um grão com suas próprias mãos e, como se isto não bastasse, recebe todo apoio do Estado". No mesmo documento, os trabalhadores denunciam a colonizadora Calama, na região de Ji-Paraná, de perseguir os trabalhadores. Na mesma região, o capitão Domingos Sensão, que reside no sul, dono da gleba Prosperidade, em Cocal, vem impondo terror aos trabalhadores.

No Paraná, nos municípios de Marmeleiro e Francisco Beltrão, ocorrem conflitos e intrigas entre trabalhadores e proprietários, embora o governo tenha partido para a desapropriação, mas deixou clara a sua conivência com o sistema explorador do solo, protegendo esta gente maldita, "que nem sequer planta uma cova de feijão" e vive especulando com a terra.

Os trabalhadores rurais de Minas Gerais e Goiás, denunciam as tentativas de contratos que ora o Estado tenta fazer junto a companhia Japan International Agency, que exige do governo brasileiro um contrato agarrancando 500.000 Km quadrados, ou seja, 50.000.000 de hectares, ameaçando deixar milhares de trabalhadores daquela região sem terra.

Do Acre vem a notícia de que os trabalhadores estão sendo vítimas de repressão pelos proprietários, acostumados a antigas explorações desalmadas, como fizeram no passado com os nordestinos, na área exploração dos seringais. E a crise recrudescer, com o assassinato do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, ocorrido no dia 21 de julho de 1980, a mando dos proprietários que se acham apoiados pela polícia e a justiça daquele Estado. E os trabalhadores, revoltados pelo crime contra o companheiro e a impunidade, resolveram fazer justiça pelas próprias mãos, matando o capanga e administrador da fazenda Nova Promissão, Nilo Sérgio de Oliveira, pois dizia claramente que se livraria do líder sindical e, após uma investigação rigorosa, dos trabalhadores comprovaram a sua conivência no crime.

APELO DO ARAGUAIA

Em Conceição do Araguaia, os trabalhadores rurais fazem um apelo a todos os companheiros para que enviem mensagens de apoio à luta que travam naquela região, somando 80 graves conflitos entre posseiros e proprietários, envolvendo um total de 25 mil famílias de trabalhadores. Essas mensagens podem ser endereçadas à Caixa Postal 749, Goiânia.

No Paraná, surgiu um novo movimento dos pequenos plantadores de café que se insurgem contra o Estado pelo confisco do produto a exemplo dos pequenos produtores que plantam soja no Sul do País.

No Maranhão, há pouco tempo, surgiu um novo conflito de 1500 famílias de trabalhadores que fizeram um protesto público pela expulsão e queima de suas casas pelo proprietário e grileiro Rupert Macleira, que, acimado por uma empresa agrícola, tenta expulsar todos os trabalhadores daquela região. Em Santa Luzia, no mesmo Estado, vêm acontecendo graves conflitos entre grandes proprietários e trabalhadores.

As notícias mais recentes do rio Araguaia dão conta que surgiu uma nova forma de luta dos trabalhadores do campo. Em vez de ocuparem as terras devolutas como faziam no passado, agora ocupam fazendas bem instaladas, até mesmo por proprietários do sul. O sindicato dos trabalhadores rurais de Santa Terezinha, na região de São Félix, no Mato Grosso do Norte, informou que 30 famílias de trabalhadores ocuparam a fazenda Sul Missu, do grupo Likiferm. Quarenta famílias de trabalhadores rurais ocuparam as fazendas Piraguapu e Frenova, dos grupos Yamaha, cartórios Medeiros e Topetes. Cinquenta famílias ocuparam as fazendas Codeara e Topiraguaiá, do Banco de Crédito Nacional. Cem famílias ocuparam as terras da Serape. Um grupo de trabalhadores não estimado, ocupou a fazenda São José, de proprietários mineiros. 150 famílias ocuparam a fazenda da família Goulart e 300 famílias ocuparam as terras da fazenda Canabrava. E os conflitos não param aí. No Maranhão, no município de Pio XII, diversas famílias estão sendo ameaçadas de expulsão pelos proprietários, com a conivência do Estado na pessoa da Juíza Maria Cecília Penha Silva.

Na Bahia, os trabalhadores rurais têm sido vítimas de sérios conflitos agrários, como no caso da morte do advogado Eugênio Lira, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria da Vitória. O conflito de Aqu, a greve dos trabalhadores de Vitória da Conquista. Novo conflito ainda na Bahia, na tapera do Lima. Na mesma região, no município de Branquinho, estão havendo conflitos com os trabalhadores rurais. No vale do São Francisco, pelo deslocamento perverso dos trabalhadores devido à barragem do Sobradinho. E ainda na região açucareira da Bahia, onde milhares de trabalhadores que emigram de outros Estados do Nordeste vivem em subempregos ou mesmo desempregados, padecendo de toda sorte de misérias.

CONTRA O CORONEL

O Rio Grande do Sul não foge a regra. No município de Canguçu, região de Rincão das Matas, 300 famílias de trabalhadores rurais entraram em conflito com o coronel Almeida, que se diz proprietário das terras, embora exista trabalhador que tem título de posse com mais de 80 anos de registro.

Em Pau Brasil, em Belo Horizonte, está havendo um conflito entre os trabalhadores rurais e o latifundiário

ESTADO PROTELA

No Tocantins, se alastram os conflitos por questões de ocupação de terras. Em Goiás, no município de Tocantinópolis, correm graves conflitos. Em Itaipu, os trabalhadores se revoltam e acampam próximo das instalações da empresa, pelo descaço do Estado que protela, as suas indenizações, pagando-lhes ainda muito abaixo do valor real. Além do mais, trazendo grave problema ecológico para aquela região pela extensão de águas que futuramente serão represadas, despovoando uma imensa área, outrora tão produtiva. Além disso, estas barragens faraônicas serão no futuro soterradas pelas erosões dos rios e ali ficará apenas um deserto.

Em Propriá, Sergipe, ocorrem graves conflitos entre os trabalhadores e as aristocracias rurais. Assim, se alastram os conflitos por questões de terra pelo país inteiro, envolvendo posseiros, arrendatários, meeiros, pequenos proprietários, diaristas e bóias-frias.

Este grave problema da terra tem sido tema de quase todos os cientistas (sociólogos, economistas, sindicalistas etc.), para encontrar uma saída ou, pelo menos, um sinônimo correto de como usar a terra num sentido social completo, que viesse atender toda a problemática que a mesma envolve. Alguns apontam a reforma agrária, como solução e, por outro lado, os conservadores e burocratas do Estado, querem uma colonização autoritária, orientada por tecnocratas do Estado, aproveitando terras pobres ainda não utilizadas para plantios, a exemplo dos cerrados e dos tabuleiros do Nordeste. Temos exemplos fortes para não aceitar este programa ilusório sobre o uso da terra. A terra não deve ser propriedade de quem quer que seja. Ela é um bem coletivo, doado pela própria natureza que nos criou.

A reforma agrária é o prato saboroso das esquerdas autoritárias, e de setores mais liberais do capitalismo, e de políticos inescrupulosos e carreiristas, que fazem dela seu porta-estandarte político. Ora, lançar este mito na cabeça dos trabalhadores rurais e dos trabalhadores em geral, é pura ilusão. É calcar e estimular o reforço da propriedade privada e egoísta, incapaz até hoje de resolver as crises sociais do país. Nem, tampouco, o propalado monopólio estatal da terra, defendido furibundamente pelos marxistas tupiniquins. Nada disso resolverá o problema agrário brasileiro.

E como fazer para acabar com todas estas ilusões? É muito simples: no estágio atual, a saída para os trabalhadores em geral é a ocupação da terra coletivamente e não ficar no compasso de espera dessas vãs promessas de políticos, de partidos, de reformistas e de oportunistas, que se intrometem como vanguardeiros da classe trabalhadora. Nada mais eles querem do que o poder para se tornarem uma nova classe exploradora.

A terra deve ser livre para o uso coletivo de toda a comunidade, isento do velho direito de herança, tão pernicioso à coletividade como também é a tão propalada coletivização forçada dos chamados Estados socialistas, que mascaram a nova forma de exploração.

Essa dinamização nova terá que ser assentada no apoio mútuo entre aqueles que se dedicam ao trabalho produtivo e coletivo da terra.



Agora, como harmonizar as múltiplas e diversas trocas do fruto do trabalho coletivo? Através da própria classe, sem intermediários. Contando como alternativas os sindicatos livres, os conselhos livres as ligas livres, as associações livres, as federações livres, as comissões livres, confederações livres, para, em assembleias livres, poder trocar idéias sobre a troca da produção com outras categorias de produtores. Ficando claro que isso só será possível com a nova gestão livre.

CORAÇÃO DOS OPRIMIDOS

Como então gerir estes novos agrupamentos de base dos trabalhadores? Quando houver a participação direta de toda a classe trabalhadora conscientizada e educada, para evitar os privilégios de chefia de cargos e de remunerações. Quando houver necessidade de escolha de delegados para representar a classe onde houver necessidade, terão de ser votados em assembleias gerais e escolhidos no meio da classe, pelo bom senso sem insinuações de pessoas que não pertençam à mesma categoria de trabalhadores. Fica entendido que estes representantes da classe podem ser revogados a qualquer hora e a qualquer instante pela vontade soberana da assembleia da classe. Além disso, fica entendido, também, que nenhuma forma destas alternativas, aqui sugeridas, poderá, em hipótese alguma, ser gerida pelo Estado ou por qualquer instituição que tenha o propósito perverso de impedir a livre iniciativa da classe trabalhadora. Mesmo o chamado Estado proletário. Pois o Estado é um Leviatã monstruoso, que impede a criação livre do homem e inculca na cabeça dos trabalhadores o sistema egoísta e anti-social da propriedade estatal e individualista, gerando conflitos incontroláveis, internos ou com outros Estados.

Ora, em toda a história humana a propriedade funcionou sempre em detrimento da liberdade coletiva e nem mesmo dois proprietários morando de lado a lado se harmonizam, quanto mais quando estes proprietários atingem a casa dos milhões.

Sabemos que nestes dois últimos anos têm havido centenas de encontros e desencontros da classe trabalhadora em busca de uma saída libertária, embora atropelados a cada passo pelas patrulhas ideológicas, que procuram desviar a classe trabalhadora da sua luta emancipadora. Estes grupos, que se dizem representantes dos trabalhadores, por trás de cada um deles estão os incondensados interesses de classe, e ficam a apregoar boatos de que os trabalhadores não estão organizados em "partidos", em grupos "ideológicos" etc. Digo a estes grupos que em cada coração de um oprimido pulsa a força da liberdade. A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.

Os dados deste artigo foram colhidos de cartas, denúncias de trabalhadores, de sindicatos de trabalhadores rurais, de federações, associações, boletins sindicais, abaixo-assinados e, até mesmo, de reportagens de revistas como a "Isto É". Esclero o leitor que deixei de narrar centenas de pequenos conflitos por falta de tempo e espaço.

Algumas críticas

Artigo enviado por Nelson Serathiuk
(Lausanne, Suíça)

Amigos,

Atraído pelo título exposto em uma banca de revista do Recife, comprei o exemplar N. 10 de "O INIMIGO DO REI". Qual não foi meu entusiasmo ao constatar que no fundamental, o jornal expressa posicionamentos idênticos aos que venho desenvolvendo pessoalmente desde algum tempo. Isso se dá especialmente no que diz respeito à defesa da organização dos trabalhadores pela base, da Autogestão social baseada no Federalismo que garante a autonomia dos organismos de base e impede sua atomização, na crítica à esquerda pequeno-burguesa que luta para dirigir as massas criando uma relação de dominação que só pode levar, como acontece nos países ditos socialistas, ao poder de uma minoria, a uma ditadura sobre o proletariado e não do, como dizem, e na denúncia do caráter pequeno-burguês dos movimentos pela anistia que não se preocupam com as arbitrariedades cometidas todos os dias contra milhares de filhos do povo marginalizados por esse sistema capitalista opressor. Por outro lado, tenho algumas discordâncias e questionamentos de pontos levantados em trabalhos do jornal e que passo a citar por achar que o debate é vital para o encontro dos caminhos corretos a seguirmos:

mentalidade no máximo social-democrática". Eu pergunto: E como se desenvolve a consciência de Classe? É necessariamente das lutas que os trabalhadores travam em torno dos seus interesses por mais imediatos que sejam. E a grande importância das greves não está tanto na conquista de um percentual maior ou menor de salário e sim no que ela representa para o despertar de consciência da classe operária: ela rompe com a disciplina capitalista da fábrica, discute e toma decisões conjuntamente nas Assembléias, nos comandos, etc., cria organismos de base; organiza-se a solidariedade de classe como se viu nas campanhas de solidariedade aos metalúrgicos em todo o País quando de sua última greve no ABC paulista. Além disso as greves atuais estão desmascarando a propalada "abertura" do regime. Agora que a burguesia procura canalizar os movimentos grevistas em seu favor, que grupos políticos procuram canalizar conforme seus interesses as lutas das massas, é verdade. Isso deve ser combatido dentro da luta e não evitando-a.

3) — Considero um erro grave classificar de "fascismo proletário" os métodos do pessoal da "Hora do Povo" e do Stalinismo. No caso da "HP" trata-se de facismo pequeno-burguês e no caso do Stalinismo trata-se desde sua origem de facismo de burguesia de Estado.

4) — Está excelente o trabalho "NEM DEUS, NEM ESTADO, NEM PATRÃO — AUTOGESTÃO", mas não precisava a negação de Deus. Porque fazendo isto está se afastando das grandes massas brasileiras que acreditam em Deus em vez de contribuir para sua conscientização e vejam que as comunidades de base da Igreja estão contribuindo enormemente para desenvolver no povo oprimido uma consciência anticapitalista e libertária.

Sem mais, saudações anárquicas,
N. M. H.

— Aguarde notícias da gente (N. R.)

Dops persegue OVNI

Prezados amigos e leitores do INIMIGO DO REI,

Ontem (dia 17 de julho) à noite (aproximadamente às 21:00 hs.) fui preso em frente ao Palácio das Convenções do Anhembi, com mais dois amigos que vendiam livros e posters. Depois de sermos presos fomos levados para uma delegacia e logo em seguida para o DOPS. Ficamos muito cansados, pois tivemos que esperar muito tempo até que tudo ficasse resolvido. O show era do conjunto "Faíces de América". Somente às 4:00 hs. (da madrugada) fui liberado.

Particularmente não fui agredido fisicamente pelos policiais, porém fiquei muito cansado após tudo. No DOPS tive que assinar um Termo de Declaração sobre o que faço e outros dados pessoais. Sofri de fato uma certa pressão psicológica para que desista de escrever o "OVNI" ou "Informe OVNI" ou pelo menos evite falar de política. Depois da visita papai esperava que o governo fosse tornar-se mais tolerante para com a imprensa e a liberdade de pensamento. Se de fato o governo deseja democratizar o Brasil não deveria agir fazendo

Inclusive, no jornal d'"O INIMIGO DO REI" (n. 11), deparei com uma notícia que os jornais aqui do Rio pouco destacaram: a morte do companheiro Argus M. Paholsky que, coincidentemente estudava na mesma faculdade em que eu curso atualmente a carreira de Jornalismo (FACHA — Faculdade Hélio Alonso). No dia de sua morte (suicídio) aconteceu um fato estranho: perturbado com a morte de um colega que nem conhecia, o impacto que causou no restante dos colegas, fez com que, ao chegar em casa, eu dedicasse um poema a esse companheiro que, mais tarde vim a saber, colaborava com a imprensa libertária também.

Peço, portanto, que publiquem meu poema como uma forma de colaborar com vocês e me disponho, desde já, a trabalhar pela divulgação aqui no Rio, sempre que me for possível.

Gostei bastante da posição tomada pelos integrantes dos Grupos de Afinidade Anarco-Sindicalista (Espanha), que se propuseram a "atualizar" alguns conceitos do que é Anarquismo, hoje em dia. Sim, porque não podemos nos limitar a repetir e aplicar teorias que foram elaboradas há quase um século atrás; precisamos adaptá-las no momento presente e este é o objetivo do Movimento Comunista Libertário e outros de Grupos de Afinidade Anarco-Sindicalista.

E para finalizar, quero parabenizá-los pelo excelente jornal que é "O INIMIGO DO REI", que possui matérias bem analisadas e escolhidas, suplantando muitos jornais considerados bons aqui da Região Sudeste.

(Quero comunicar também que já providenciei a minha assinatura do jornal, enviando um Vale Postal no passado dia 14/7).

Sem mais para o momento e aguardando notícias, despeço-me enviando saudações libertárias,

Rui M. P. Andrade

Eis o poema:
A. M. J.

Argus Mário Paholsky

O companheiro que eu não vi
Morrendo, um pouco, todos os dias
Calu, hoje, como o sol em agonia
Ao descobrir o sentido que inexistia
No vazlo das nossas vidas

Eu, você, e mais alguém
Trazemos escondido, também
Um Argus cadente e angustiado
Que renasce a cada dia tragado

Aqui, ali, e mais além
Val caindo os versos que contém
Os sonhos de um jovem destroçado
Sem futuro, presente ou passado.

Rio, 1-4-80.



Serão aceitas, para publicação, cartas de até duas laudas (60 linhas de 70 toques — duas laudas), desde que acompanhadas de nome, endereço e identificação. Não querendo aparecer pelo nome, mande um apelido, pseudônimo ou iniciais.

Quem não teve carta publicada aguarde, por favor, uma resposta pessoal da gente.

CARTAS

1) — Percebi duas referências ao marxismo que considero incorretas (talvez seja pouco conhecimento de minha parte). Uma é no artigo de A. C. Pacheco "Afganistão: Vietnã dos Russos". Concordo plenamente com a análise, mas discordo quando ele fala dos "estrategistas marxistas russos". Para mim os estrategistas russos nada têm de marxistas. Sua estratégia é fundamentalmente imperialista e está a serviço da burguesia de Estado que domina a União Soviética. Marx jamais defendeu a invasão de uma nação por outra nem para instalar nela o socialismo "quanto mais simplesmente para defender interesses de grande potência como é o caso da invasão russa no Afeganistão. Outra é na resposta do Líder ao Nicolau quando em certo momento ele combate a metodologia "marxista" desenvolvida pela pequena-burguesia pretensamente revolucionária que "casa o socialismo com estruturas organizativas de luta de burguesia (Partido, Estado, Polícia secreta, etc.)". Mais uma vez Marx nada tem a ver com essa aberração pequeno-burguesa. Ele defendeu a destruição do Estado capitalista e o estabelecimento de relações socialistas de produção e tinha claro que só quem poderia fazer isso era o proletariado organizado. Inclusive Marx nunca defendeu que a revolução proletária se daria sob a direção do "Partido" e sim pela Associação Operária, como mostra muito bem o francês Claude Berger em seu livro "Marx, a Associação, o Anti-Lenin". O certo é que as aberrações organizativas da pequena-burguesia corretamente combatidas por Liper vêm do Leninismo e não do Marxismo. A concepção leninista de Partido é que é a base dos desvios e erros organizativos da esquerda.

2) — Em sua resposta Liper diz: "Há momentos... que o mais importante é a consciência da classe e não um festival de greves para aumentar o salário de um proletariado ainda adormecido por 16 anos de ditadura e com uma

Bom; eu sou bancário e inclusive participo da Oposição Sindical em Pernambuco; gostaria de tornar-me um participante ativo do jornal, vendendo-o por aqui e tudo mais, mas por enquanto não posso assumir isto. Gostaria de saber se mesmo assim posso ficar escrevendo e mandando notícia do movimento operário e popular de Pernambuco e estados vizinhos. Não sei o sistema de assinatura como é. Estou mandando um cheque de Cr\$ 150,00 (anual) e espero ficar recebendo normalmente o jornal. Se vocês acharem por bem publica esta carta, gostaria que colocassem um pseudônimo qualquer por questões de conveniência.
Um abraço.

Luiz Pernambuco

Notícias catarinenses

Oi pessoal! estou escrevendo porque gostaria de distribuir "O INIMIGO DO REI" aqui em Florianópolis. Quando estive no Rio, por ocasião do encontro da SBPC, entrei em contato com alguns companheiros. Eu trouxe alguns exemplares do jornal (16), e distribuí aqui na Universidade e no bairro onde moro.

Aqui em Florianópolis só temos um jornal desta linha, publicado aqui mesmo, é o "Afinal". Em 79 trouxeram alguns exemplares de "O INIMIGO DO REI", não sei quem os trouxe, só sei que foi bolcado pelo Diretório, pois quando destruímos tal Diretório (DACEB), encontramos os jornais escondidos em um armário.

Temos interesse, principalmente o C. A. de Filosofia, que este jornal circule aqui em Florianópolis. Peço que me enviem urgentemente uma resposta de como poderíamos fazer para que pudéssemos distribuir este jornal aqui.

pressões deste modo contra os livreiros da noite, poetas e vendedores de posters e outros jovens que apenas estão tentando fazer algo para a cultura e a arte no Brasil. Estamos fazendo algo de positivo em prol da cultura no Brasil e não roubando, nem matando ninguém.

Sou Intérprete Simultâneo de Inglês, Português e procuro emprego desde agosto de 1977, quando iniciei também a escrever o "Informe OVNI" ou "OVNI". Se vocês puderem me ajudar ficarei muito grato, para que o OVNI continue e para que consiga também um emprego.

Através desta carta desejo fazer um apelo ao governo e ao povo em geral para que apoiem o nosso trabalho cultural, para que de fato cheguemos o quanto antes a uma verdadeira democracia. Não é prendendo intelectuais, jovens escritores que se chegará à tão almejada democracia que o povo brasileiro deseja.

Desde já agradeço pela publicação desta neste jornal.

Sinceramente do leitor e amigo,
Luiz Rebouças Tôres — OVNI, Caixa Postal 2178, 01000, São Paulo, Capital.

Homenagem a Paholsky

Aos companheiros d'"O INIMIGO DO REI":

Ao participar dos debates do Congresso da SBPC no Rio, tive a maior satisfação ao contactar, finalmente, com um órgão da imprensa libertária: "O INIMIGO DO REI". Adquiri também, no recinto da UFRJ outro exemplar anarquista, o "Barbárie", também de Salvador (BA).

NATUREZA

Vítima da ganância e desumanidade

Guimarães (Bahia)

Destruída a ferro e fogo como em uma ocupação militar de território inimigo, quase toda as nossas florestas estão sendo devastadas impiedosamente.

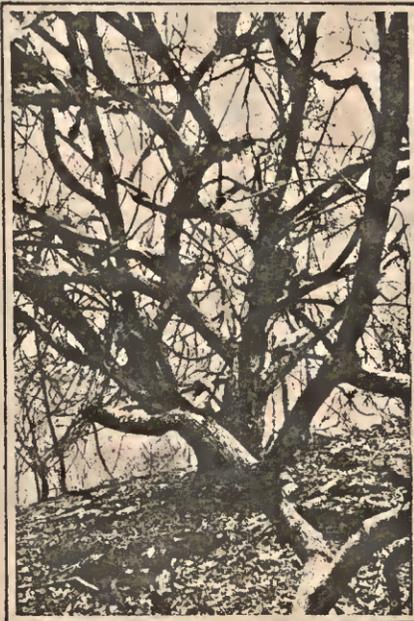
A Floresta de Araucária, no Paraná, não passa agora de uma pequena migalha, restando apenas algumas poucas reservas florestais. E da nossa grande floresta Amazônica, ao que tudo indica, não restará muito para os brasileiros. Podemos até comparar com um araquá em que os parasitas devoram-no vorazmente até mesmo antes do fruto amadurecer. E, quanto ao futuro, que iremos respirar?

Se medidas de reflorestamento, e conservação do que ainda resta, não forem tomadas urgentemente, no futuro só restarão desertos ou coisa semelhante. Um dos maiores problemas ecológicos da humanidade é o desenvolvimento tecnológico, às vezes desordenado, que exige um consumo cada vez maior de matéria-prima, levando o homem a devastar os seus recursos naturais, às vezes sem nenhuma espécie de controle, é o que vem acontecendo com a Amazônia.

Com o devastamento em massa das nossas florestas, surge um outro grande problema. Os rios, que são as grandes vítimas do progresso, uma vez tirada a vegetação dos seus leitos, ficam sem proteção, o que vai repercutir sobre o lençol freático que alimenta os mesmos nas estiagens e faz crescer, também, o índice de poluição que suas águas recebem. O rio São Francisco, situado quase todo ele em uma região ecológicamente perigosa, progride para tornar-se um rio temporário, sujeito a grandes enchentes, o que

já vem ocorrendo nos últimos dois anos e esvaziamento total na época seca.

As análises das águas dos nossos rios pela comissão de controle de poluição revelam que dentre os 29 principais cursos de água, 28 são inteiramente poluídos; isto em 1975. Mas a morte dos rios não se constitui apenas, um problema continental, mas também oceânico. Nos seus estuários (desaguadouros) desovam numerosas espécies de fauna marinha. Quando poluídos esses estuários



não oferecem maior condições de sobrevivência para a vida aquática e toda a fauna marinha se recente.

Portanto, para acabar com esse impasse ecológico, é preciso uma conscientização global, ou seja, o povão se conscientizar da criminosa devastação da flora, existente não só no Brasil, mas em todo o continente. E, no momento, dispensarmos toda atenção à nossa Amazônia, porque ela é dos brasileiros.

Lésbicas em ação

Em reunião geral realizada no dia 17 de Maio/80, o Grupo de Ação Lésbico-Feminista separou-se do Grupo SOMOS. Assumimos esta posição com base em experiências concretas de um ano de trabalho e através das quais acreditamos hoje poder afirmar que:

1º) a participação de lésbicas em grupos mistos tem impedido o desenvolvimento de uma consciência feminista, essencial, a nosso ver, para o próprio Movimento Homossexual.

Dada a especificidade da discriminação que sofremos, enquanto mulheres e homossexuais, consideramos o processo de afirmação somente possível em reuniões separadas das dos homens. As mulheres não podem descobrir o que têm em comum a não ser em grupos só de mulheres.

2º) é falsa a idéia de que um grupo homossexual precise de lésbicas para levar a questão feminista.

Sempre nos colocaram a necessidade de existirem mulheres no grupo para ensinar feminismo e apontar atitudes machistas. Achamos que a conscientização, embora em níveis diferentes para homens e mulheres, se dá da mesma forma, isto é, por meio de leituras, pesquisas e da reflexão contínua sobre a reprodução dos papéis heterossexuais de masculinidade e feminilidade. Acreditamos ainda que qualquer grupo, realmente interessado em feminismo, pode iniciar uma discussão sobre o tema independente da participação de mulheres. Inclusive, a presença de lésbicas não só não implica numa postura feminista, como tampouco serve como uma estratégia de combate ao machismo que todos reproduzimos.

3º) os grupos formados exclusivamente por lésbicas ou bichas não dividem o Movimento Homossexual, pelo contrário, podem enriquecê-lo apontando novas propostas da direção de um verdadeiro crescimento da consciência homossexual.

Temos a oferecer, para troca de informações, uma prática de atividade, efetuadas desde Maio de 1979, que inclui contatos com outros grupos discriminados (Grupos Feministas) e um processo efetivo de aglutinação de mulheres homossexuais.

G. A. L. F. — Caixa Postal: 293 São Paulo, Capital

My best friend



Carlos Quêbec

O meu melhor amigo é insuperável com meu melhor amigo eu vou pra escola.

Pra economizar gasolina uma semana ele vai no meu carro na outra eu vou no carro dele.

Também fazemos isto pra ir ao ginásio de esportes: eu jogo vôlei o meu melhor amigo também joga vôlei

uma semana eu vou no carro dele na outra ele vai no meu carro pra economizar gasolina.

Eu moro na mesma rua que meu melhor amigo desde pequeninos nós somos grandes amigos.

Na sexta-feira à noite a gente sai juntos no mesmo carro pra pegar mulheres economia de gasolina e de tempo pegamos as mulheres e trepamos

no mesmo apartamento: economia de lugar.

No sábado a gente toma porres homéricos conversamos sobre tudo e qualquer coisa entre um chopp e outro falamos de nós e trocamos impressões sobre o mundo.

O meu melhor amigo é o melhor papo do mundo. Ontem não sei o que me deu na cabeça eu resolvi dar uma cantada...

no meu melhor amigo, com quem sempre peguei lindas mulheres...

leve um soco na cara... no meio do bar.

Em compensação, agora é de manhã e estamos num motel na periferia da cidade eu escrevo estas linhas na cama...

redonda a cama, cheia de água.

O soco valeu à pena. Descobri que meu melhor amigo é também o meu melhor amante.

POETA

Nelson Tangerini (Rio)

Cansado de dar com a cara na porta, cansado do desemprego, resolvi assumir o poeta.

Só assim estaria criando. Só assim não estaria sendo ordenado pelo patrão, rezando pelo bem do patrão,

ou fazendo o jogo das multinacionais. Para ser poeta, não é preciso usar

terno e gravata, andar de barbinha feita, cabelos curtos e roupinha de burguês.

Mas... e a família? A tradicional família? Eles querem que eu entre no esquema,

que eu seja um rapaz de bem, para que os vizinhos e os outros parentes não fiquem me chamando de vagabundo.

Eles querem que eu seja um rapaz fino e educado, que eu tenha uma conta respeitável no banco,

para que eu possa gastar em boates, champanhes e uísques importados.

Ah tradicional família! Eles querem que eu seja um cidadão respeitável e,

que eu coopere com o nosso belo quadro social. Lembro até uma música de Raul Seixas.

DOR

DOR NO PEITO,
DOR DE JEITO,
DOR COM JEITO,
DOR SEM JEITO,
DOR - DEFEITO.
MINHA MUSA
ME DEIXA ASSIM.

Nelson
Tangerini
1980



A eles a espera inútil

Luiz Sérgio de Viveiros (SP)

A eles a espera inútil de um dia nascer
A eles a espera inútil de Brilhar o sentido
O centímetro, o geral, o amargo
Que o melífluo fugiu — banido.

A eles a espera inútil de molhar-se em água
A eles a espera inútil de contar zumbi

Rock, Coca, nervos, prantos, agonia
Que o martírio de ver — que viu, que vi.

A eles a espera inútil de voar
A eles a espera inútil de Cantar

O automóvel, o móvel, motel,
love and sound

Que a inocência já se fô
— ventos, mar...

CANTAR ATÉ O ÚLTIMO INSTANTE

(Continua no número 13)

... A música é uma nascente de vida, força e calor. A marca de nossas vivências e uma porção de outras coisas mais; rimadas pela criação, liberdade, intuição e sensibilidade de cada um.

Através de fusões dialéticas, sincréticas, naturais ou eletrônicas fazendo da música uma verdadeira explosão anárquica de libertação do homem oprimido, seus criadores e cantores brincam de poetas e dançam na magia fecunda de uma produção universal.

Zelito Miranda, é um desses novos valores que desponta agora com um trabalho que está amadurecendo, não só pela beleza e encanto, mas muito mais, pela força e renovação de nossas raízes musicais.

Lídio Barros, Tonho Starteri e Zelito assistidos por Marcelo transaram um papo e o resultado é mais ou menos este...

Zelito Miranda é natural de Serrinha — Ba., começou artisticamente fazendo teatro em 74 quando chegou a Salvador. Em 75 o grupo fez uma excursão pelo Brasil, graças ao incentivo de pessoas como João Augusto e ele continuou fazendo teatro e ao mesmo tempo desenvolvendo seu potencial musical... "João Augusto, eu gosto muito de frisar isto, foi um cara que sempre me deu toques pedia pra eu fazer músicas, inclusive porque eu tocava e cantava ele deixava os personagens musicais para mim".

Em 77 o Teatro Livre da Bahia fez uma oficina de teatro patrocinada pelo Icba, local onde a peça foi apresentada. Direção de João Augusto que entregou a direção musical a Zelito... "Foi minha primeira experiência musical, eu fiquei completamente maluco, mas terminei fazendo a trilha sonora da peça "Oficina Pombas Bahia", com um medo danado. Correu tudo certo e me dei bem... Ainda em 77 fez um show com Helson Hart e Carlos Keixo — Grupo Fôgo Pagô apresentaram-se no Senac: "Foi um show meio maluco e o grupo acabou porque só tinha compositor, não tinha instrumentista..."

Em 78 o encontro com Bráulio Tavares (está no Rio atualmente), fazem juntos "Oxenite, Gente Cordel": "Foi um trabalho bem mais do Bráulio do que meu". Em 79 faz a trilha sonora da peça "Nóis Vai de Jegue", aí pára o seu trabalho em teatro e continua como compositor: "Eu toco, mas não é bem meu caso". Formou juntamente com outros músicos uma cooperativa e participa do Projeto Mutirão como também de várias amostras de som nas escolas da UFBA... em 1980 participa da Feira Pixinguinha com duas músicas e classifica uma. Começa uma temporada de shows em agosto, primeiro no Restaurante Universitário e depois no TCA, passando antes pelo circuito universitário encerrando-se após o carnaval.

Lídio Barros — Existe em suas composições a presença muito forte de elementos naturais como plantas, animais... a natureza fala com uma força incrível. A que se deve isto?

Zelito Miranda — Aí vem a transa de minhas influências de onde eu nasci. Eu nasci na roça (no mato), dos 12 aos 17 anos eu fui pra Serrinha, depois Salvador. O legal disso tudo é que eu sinto uma relação incrível com o que minhas letras refletem, embora use muita metáfora. Na música "Lenda da Mãe d'Água", falo de um sonho que tive um dia: o homem junto com um exército de cabojos, traídas e crumatas, com peixes, passarinhos da mata, bem-te-vi, cabocos tudo em pé-de-guerra lutando junto a Mãe d'Água com a terra do Bem-Virá. Você tá entendendo? É uma miscelânea, que inclusive, muitas pessoas até me disseram que eu estava fomentando o misticismo na cabeça dos outros. Eu disse "velho", ser místico é importante. Aliás eu sou espiritualista pra burro ou melhor sou humanista pra burro e estou imbuído de uma série de coisas que está ligado no meio do canto dos pássaros, do homem, do berro de boi, do pio de corujas... em suma no movimento dos ventos, acho tudo isso incrível... a poesia gritando sempre mais alto, porque eu acho assim que o grito maior do homem é a poesia, é a forma maior de expressão... a poesia é tudo!

L. B. — Vamos ao outro lado da moeda, você tem alguma formação musical? Já estudou música?

Z. M. — Eu passei um tempo na Escola de Música — UFBA., um ano e meio, e sai porque a escola tinha um grilo, não tava atendendo aos meus interesses. Eu estava querendo aprender música popular, tocar coisas que tavam fluindo de mim. Coisas que eu tinha vivenciado e a escola ficava me falando sobre ruidos, efeitos, coisas aleatórias; que é também uma visão de música, mas que não é a minha. Eu defendo mesmo é a música popular...

Tonho Starteri — Eu também acho que é uma proposta de música, desde quando a Escola de Música e Artes Cênicas, tem como especificidade a música. Você tem que transar realmente com música, mas de forma abrangente.

Em acredito também, que a Escola de Música não oferece condições para tal. Ela oferece essa música de vanguarda, porque tem pessoas como o Smetack e o Lindenberg e muitos outros, sem dúvida nenhuma isso é muito bom. Agora falta também aquelas pessoas que deveriam estar lá ensinando música popular, que é a música que o povo brasileiro consome e que é discriminada por lá...

Z. M. — Quando lá cheguei, eu gostava e gosto ainda de tocar ritmos nordestinos, embora procure dar uma nova roupagem a eles, por exemplo: o côco, o xaxado, o galope a beira-mar, o martelo agalopado, o mourão voltado; estes ritmos são de origem nordestina, criados por cá e que "neguinho" hoje conhece o que? — Baião e xote que são coisas corriqueiras, todo mundo toca. Mas tem ritmos que estão aí socados como o maracatu e tem outros, que "nego" não toca... quando eu cheguei na Escola de Música



«... então estrela brilhe sobre o meu caminho avoe como os passarinhos vou te esperar pra despedida...»
«Estrela do Norte» — Zelito Miranda

um dos problemas que me afastou dela, foi esse, gozavam muito de mim, davam rizadas e me chamavam de "Zé Forró". Porque eu tocava muito forró colegas e as vezes alguns amigos meus, faziam isto. Ficou aquele negócio esquisito, Zelito com uma viola de 10 cordas na mão pra estudar música erudita...

L. B. — Como foi a sua participação na Feira Pixinguinha?

Z. M. — Foi uma coisa engraçada. Eu nunca acreditei em nenhuma forma de competição nem em festival, fazer arte é um negócio livre, eu deixei de estudar Arquitetura pra fazer música e não me arrependo. O lance mais sério é que a Feira Pixinguinha estabeleceu competição, eu não ia participar dela, quem me botou na cabeça pra entrar foi Helson e Carlos Keixo. Eles foram me apanhar em casa para eu gravar a fita, eu disse que não tava a fim e eles acabaram fazendo minha cabeça com tanta insistência, acabei gravando a fita com duas composições e fui selecionado; eles ficaram de se inscrever no dia seguinte e acabaram esquecendo-se (mas não foi intencional, esqueci mesmo) e eu fiquei na fogueta. Eu não estava acreditando muito e como estávamos em pleno verão balano arrumei as coisas e fui pra Arembépe descansar um pouco. Na semana do carnaval voltei e minha mulher me falou que estava na Feira e que o pessoal tava me procurando, só tinha uma semana para ensaiar. Resultado, das duas músicas classificadas uma entrou na final e no disco, "Nos Olhos da Onça".

O resultado do disco eu não gostei, foi muito mal gravado quase inaudível; ficou um péssimo cartão de visitas. A única preocupação dos representantes da Funart (principal promotora) era de gravar o disco de qualquer jeito, não houve um cuidado especial nem interesse de se fazer uma boa produção da Feira, como também da gravação, bem ou mal a finalidade, o objetivo era gravar o disco. O resultado é que a Feira acabou se transformando num festival insignificante, sem divulgação nenhuma. Inclusive os discos estão encaalhados na Fundação Cultural da Bahia e as rádios baianas só tocam quando a gente telefona e pede. Além disso houve pressões por causa da denúncia que fizemos, devido à falta de organização.

Eu não fui pra competir mas para participar, embora tenha classificado uma música na final, foi uma coisa muito importante para mim. Porque tinha muita gente boa, excelentes compositores e eu consegui chegar lá mostrar meu trabalho, ficando até o fim. Isso dá uma força maior ao meu trabalho fazendo com que ele melhore e que eu aumente a seriedade que emprego nele, ao mesmo tempo em que ocupo de fato um espaço dentro do cenário artístico na música popular baiana e brasileira.

Isto é apenas uma parte do bate papo, algumas coisas não entraram na matéria por questão de espaço.

Valeu pelo tentar, gostaria apenas que vocês prestassem atenção ao nome Zelito Miranda pois ele merece toda atenção.
Lídio Barros

TEATRO DO OPRIMIDO

Maísa (Bahia)

A passagem meteórica de Augusto Boal com o seu Teatro do Oprimido pela Bahia poderia, indiscutivelmente, servir desde já como marco de uma nova década.

Boal há 12 anos foi gentilmente "convidado" a deixar o Brasil. Após isto circulou por países do Cone Sul, indo finalmente fixar raízes na Europa, mais precisamente na França, onde encontrou farto material humano, financeiro e ambiente próprio ao estímulo e renascimento do Teatro do Oprimido formando o atual "Groupe Boal", composto por 12 franceses (entre eles um professor da Sorbonne).

Tive a feliz oportunidade de participar do estágio e uma das novidades (?) trazidas pelo grupo foi o "Tea-

tro Imagem", que se caracteriza basicamente pela criação fixa de uma imagem que retrate uma situação opressora (homossexualismo, racismo, desemprego) ou de condição política qualquer na realidade atual do país visitado.

Foi-nos mostrado pelo "Groupe" imagens que se fizeram marcantes da conjuntura atual de vários países do mundo, tomou-se a imagem de uma família reunida ao redor de uma mesa e todos com os olhos fixados numa cadeira vazia, que simboliza um familiar que fora cassado, exilado, ou até mesmo morto por forças ditatoriais e fascistas.

Esta é a única imagem que não se referia a nenhum país em especial, mas simultaneamente a todos aqueles que violam os Direitos Humanos; no momento é a imagem viva da Bolívia.

Quando nos foi proposta a imagem da família brasileira, deu-se o seguinte:

Uma mesa virada, família numerosa (alguns filhos agachados), 13 filhos, o pai com os bolsos para fora, braços abertos, ar desalentado, mulher grávida com dois filhos nos braços, olhar faminto. Eis a imagem da tradicional família cristã brasileira.

A marca da família norte-americana, via-se na imagem todos aglomerados diante de um aparelho de televisão.

Ao ser inquirido sobre possível retorno (definitivo) ao Brasil, Boal respondeu com a história do cidadão exilado e casado no exterior, que ao ler nos jornais acerca da "abertura", disse para a mulher e os filhos reunidos:

— Finalmente acabou meu exílio, vamos voltar.
— Acabou o dele, mas vai começar o nosso — disse um filho ao outro.

AVE SOLITÁRIA

Sobre os prédios

Signos
Mentes
Tiros
Lutas
Guerras
Farsa

Sobre sistemas

Dilemas
Cinemas
Fonemas
Esquemas

Sobre o aço, ácido

Palácios
Homens
Palhaços

E o elevador

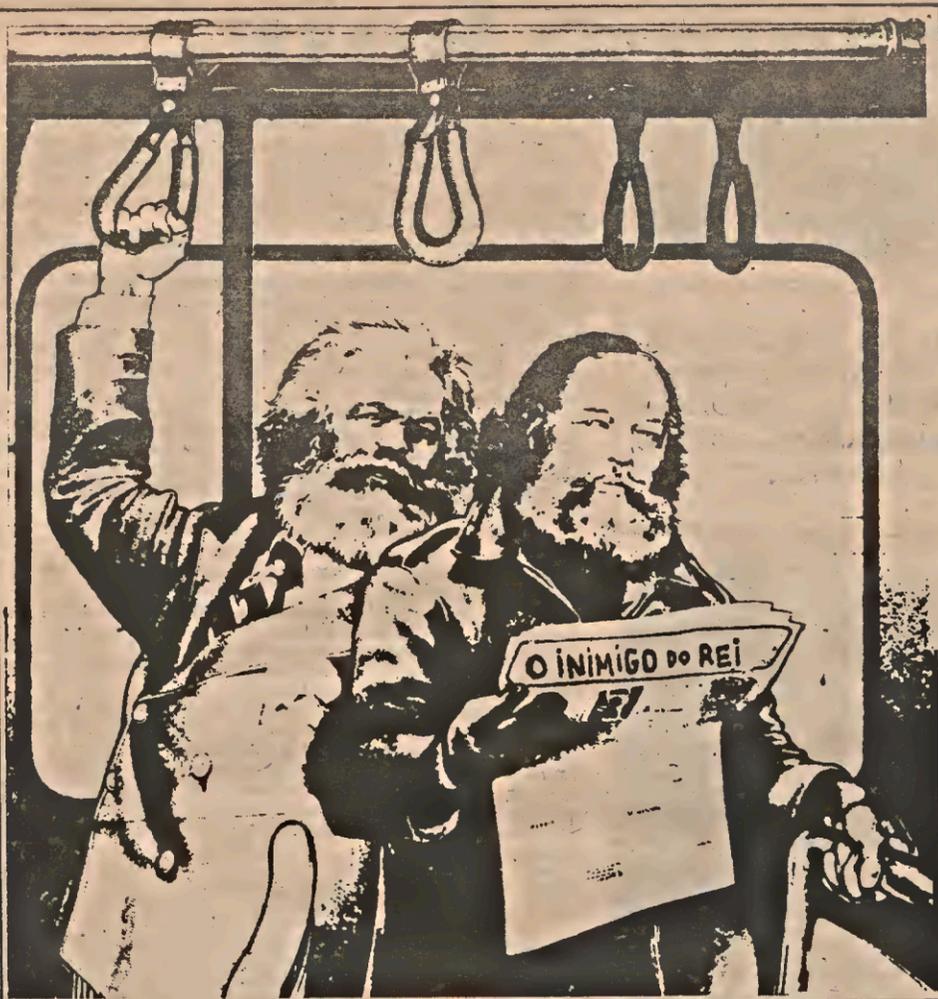
Conta corrente
Amor?
Piscina
Água quente
Carro

Possante
Rei
Poderoso
Amante
Dinheiro
Valioso

Sobre o nosso pequeno espaço
Sempre acima dos desejos

Desvirtudes
Conceitos
Conflitos
Atitudes
Sempre só, sobre vai.
Ave.





Não aja como Karl Marx (à esquerda): não leia «O Inimigo do Rei» de tabela. Faça como Bakunin: assine «O Inimigo do Rei» por apenas Cr\$ 220, (1 ano) ou Cr\$ 400, (2 anos).

Se você quiser sua assinatura grátis, basta fazer com que quatro (4) amigos seus assinem «O Inimigo do Rei»: mande as quatro no mesmo envelope e a sua é de graça.

Obs.: só aceitamos Vales Postais (compráveis em qualquer agência dos Correios) em nome da Editora e Livraria «A», Caixa Postal Nº 2540, Salvador, Bahia, CEP 40.000.

assinatura

O INIMIGO

DO REI

NOME:
 ENDEREÇO:
 CEP: CIDADE: ESTADO: UM JORNAL ANTIMONARQUISTA

COMPRE JÁ!

1) «Libertários?!», de Nicolas Walter. Editora «A»; 102 pp.; Cr\$ 100; Porto Alegre 1980.

— este livro está à venda na Livraria Literarte, em Salvador. Para outros Estados, pedir à Caixa Postal: 10.563; CEP 90.000; Porto Alegre (RS).

2) «Organismo Econômico da Revolução (A Autogestão na Revolução Espanhola)», de Diego Abad de Santillán (prefácio de Maurício Tragtenberg). Livraria Brasiliense Editora; 234 pp.; Cr\$ 380; São Paulo 1980.

— em todas as livrarias do país.

3) «Um Ensaio sobre a Revolução Sexual», de Danien Guérin. Livraria Brasiliense Editora; 192 pp.; Cr\$ 290; São Paulo 1980.

— em todas as livrarias do país.

BIBLIOTECA

Leitura Libertária

- 1) "Autogestão", revista libertária. Caixa Postal: 19.241, CEP 01.000, São Paulo (SP), Brasil.
- 2) "Barbárie", revista de cultura libertária. Caixa Postal: 2454, CEP 40.000, Salvador (BA), Brasil.
- 3) "Burocracia e Ideologia", de Maurício Tragtenberg. Editora Ática, "Ensaio 9"; 228 pp.; São Paulo 1974.
- 4) "Deus Vermelho", de Edgar Rodrigues. Editora Mundo Livre (Rio); 124 pp.; Porto (Portugal) 1978.
- 5) "Nacionalismo & Cultura Social — 1913-1922", de Edgar Rodrigues. Gráfica Editora Laemmert; 462 pp.; Rio 1972.
- 6) "Trabalho e Conflito — Pesquisa 1906-1937", de Edgar Rodrigues. Edição do autor; 378 pp.; Rio 1976.
- 7) "Novos Rumos — Pesquisa Social 1922-1946", de Edgar Rodrigues. Editora Mundo Livre; 478 pp.; Rio 1978.
- 8) "Alvorada Operária", de Edgar Rodrigues. Editora Mundo Livre; 358 pp.; Rio 1979.
- 9) "Socialismo, uma visão alfabética", de Edgar Rodrigues (endereço para correspondência: Caixa Postal 1.124, CEP 20.000, Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Editora Porta Aberta; 306 pp.; Rio 1980.
- 10) "Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro — 1890-1920", de Sheldon Leslie Maram. Editora Paz e Terra; 180 pp.; Rio, 1979.
- 11) "Autogestão: uma mudança radical", de Alain Guillerme & Yvon Bourdet. Zahar Editores; 230 pp.; Rio 1976.
- 12) "Os Despossuídos", de Ursula & Le Guin. Editora Nova Fronteira; 284 pp.; Rio 1978.
- 13) "Homenagem à Catalunha", de George Orwell. Edições "Livros do Brasil" (Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa, Portugal); 268 pp.; Lisboa.
- 14) "A Revolução dos Bichos", de George Orwell. Editora Globo; 136 pp.; Porto Alegre 1975.
- 15) "1984", de George Orwell. Cia. Editora Nacional; 278 pp.; São Paulo 1978.
- 16) "A imprensa operária no Brasil, 1880-1920", de Maria Nazareth Ferreira. Editora Vozes; 188 pp.; Petrópolis 1978.
- 17) "O Anarquismo e a Democracia Burguesa", de Malatesta, Bakunin, Knopitkin, Engels e Guérin. Global Editora; 126 pp.; São Paulo 1979.
- 18) "A Sociedade contra o Estado", de Pierre Clastres. Livraria Francisco Alves Editora; 152 pp.; Rio 1978.
- 19) "A Comuna", de Louise Michel. Editorial Presença (Av. João XXI, 56-1, Lisboa, Portugal) e Livraria Martins Fontes (Praça da Independência, 12, Santos, Brasil); 218 pp. (Volume I) e 234 pp. (Volume II); Lisboa, Santos 1971.
- 20) "Marx & Marx", de Luís Alfredo Galvão. Editora Ática; "Ensaio 25"; 174 pp.; São Paulo 1977.
- 21) "Sacco e Vanzetti: o protesto brasileiro", de Clóvis Moura. Editora Brasil Debates; 80 pp.; São Paulo 1979.
- 22) "Sacco e Vanzetti: um erro irreparável", de Katherine Anne Porter. Salamandra Consultoria Editorial; 90 pp.; Rio 1978.
- 23) "Sacco e Vanzetti", de Howard Fast. Distribuidora Record; 192 pp.; Rio.
- 24) "Antologia do Socialismo Libertário", de Bakunin, Rucker, Castoriadis, Malatesta, Tomasi. Edições Mundo Livre; 52 pp.; Rio 1979.
- 25) "Lenin", de Daniel Guérin. Edições Mundo Livre; 32 pp.; Rio 1979.
- 26) "O Anarquismo", de Daniel Guérin. Editora Germinal; 176 pp.; Rio 1968.
- 27) "O futuro pertence ao Socialismo Libertário", de Daniel Guérin. Edições Proa (Caixa Postal: 10.563, Porto Alegre, Brasil); 158 pp.; Porto Alegre 1969.
- 28) "A luta de classes em França na Primeira República, 1793-1795", de Daniel Guérin. Edições "A Regra do Jogo" (Rua Sousa Martins, 5-2º Dto., Lisboa, Portugal); 286 pp.; Lisboa 1977.
- 29) "Marx, Proudhon e o Socialismo Europeu", de J. Hampden Jackson. Zahar Editores; 148 pp.; Rio 1963.
- 30) "Conversações com Stalin", de Milovan Djilas. Editora Globo; 162 pp.; Porto Alegre 1964.
- 31) "A Nova Classe", de Milovan Djilas. Livraria Agir Editora; 290 pp.; Rio 1971.
- 32) "Além da Nova Classe", de Milovan Djilas. Livraria Agir Editora; 266 pp.; Rio 1970.
- 33) "Os Mestres Pensadores", de André Glucksmann. Publicações Dom Quixote; 256 pp.; Lisboa 1978.
- 34) "A Cozinheira e o Canibal", de André Glucksmann. Editora Paz e Terra; 194 pp.; Rio 1978.
- 35) "Humanismo e Ciência Moderna", de Piotr Kropotkin. Cooperativa Editora Mundo Livre; 210 pp.; Rio.
- 36) "Erros e contradições do Marxismo", de Varlan Tcherkesoff. Editora Mundo Livre; 138 pp.; Rio.
- 37) "Ação Direta", de José Oiticica. Editora Germinal; 286 pp.; Rio 1970.
- 38) "Viagem Involuntária à Sibéria", de Andrei Amalrik. Edição "Livros do Brasil"; 398 pp.; Lisboa 1972.
- 39) "Uma questão de loucura", de Zhores e Roy Medvedev. Editora Artenova; 182 pp.; Rio 1972.
- 40) "O Mito do Partido", da Federation of Libertarian Students & Grupo Orobófi Fernandez. Editora "A" (Caixa Postal: 10.563 Porto Alegre, Brasil); 36 pp.; Porto Alegre 1979.
- 41) "Nova Ética Sexual", de E. Armand. Editora Germinal; 166 pp.; Rio 1960.
- 42) "A Grande Revolução", de Piotr Kropotkin. Livraria Progresso Editora; 334 pp. (Volume I) e 332 pp. (Volume II); Salvador 1955.
- 43) "Anarquismo", de Edgard Leuenroth. Editora Mundo Livre; 236 pp.; Rio 1963.
- 44) "O Anarquismo", de Piotr Kropotkin. Livraria Progresso Editora; 184 pp.; Salvador 1954.
- 45) "O Diário do Dr. Satan", de Roberto das Neves. Editora Germinal. 272 pp.; Rio 1954.
- 46) "As Idéias Absolutistas no Socialismo", de Rudolf Rucker. Editora Sagitário; 148 pp.; São Paulo 1946.
- 47) "A Insuficiência do Materialismo Histórico", de Rudolf Rucker. "Organização Símbios" Editora; 104 pp.; Rio 1956.
- 48) "O Anarquismo", de George Woodcock. Editora Meridiano (Rua da Misericórdia, 57, Lisboa-2, Portugal); 522 pp.; Lisboa 1971.
- 49) "A Verdade sobre Cronstadt", de S.M. Petritchenco. Edições "A Batalha"; 48 pp.; Lisboa 1975.
- 50) "Autogestão, gestão operária, gestão direta", de Maurice Joyeux. Edições "A Batalha"; 48 pp.; Lisboa 1975.
- 51) "Que Sindicalismo?"; Edições "A Batalha"; 48 pp.; Lisboa 1975. Endereço de "A Batalha": Apartado 5.085 — Lisboa 1702 Codex, Portugal.
- 52) "O que é o Anarquismo", de Caju Túlio Costa. Livraria Brasiliense Editora; 124 pp.; São Paulo 1980.
- 53) "O povo em armas (Buenaventura Durruti e o anarquismo espanhol)", de Abel Paz. Assírio & Alvim Sociedade Editorial (Rua Passos Manuel, 67-B, Lisboa-1, Portugal); 254 pp. (Volume I) e 262 pp. (Volume II); Lisboa 1976.
- 54) "A emancipação dos trabalhadores, é obra dos próprios trabalhadores", de Manuel Rodrigues. Edições Afrontamento (Apartado 532, Porto, Portugal); Porto 1975.
- 55) "Anarquistas e Anarquismo", de James Joll. Publicações Dom Quixote; 368 pp.; Lisboa 1977.
- 56) "Deus e o Estado", de Mikhail Bakunin. Assírio & Alvim Sociedade Editorial; 170 pp.; Lisboa 1976.
- 57) "Conceito de Liberdade", de Mikhail Bakunin. Rés-Editora; Porto.
- 58) "A Nova Sociedade", de Proudhon. Rés-Editora (Rua Lima Júnior, 54, Porto, Portugal); 320 pp.; Porto 1976.
- 59) "O que é a propriedade?", de Proudhon. Editorial Estampa; 248 pp.; Lisboa 1971.

A Igreja: ontem e hoje.

Edgar Rodrigues (Rio)
PRIMEIRA PARTE

A Igreja lembra alguma coisa impenetrável, que nunca se conhece totalmente e que jamais se virá a conhecer o suficiente para uma análise mais profunda.

Sua sede é a Cidade do Vaticano. Ocupa uma área de 0,44 quilômetro quadrado e tem uma população de pouco mais de um milhão. Fica em Roma, na capital da Itália. É cercada por enormes muralhas e guardada por um destacamento de 600 homens armados sob o comando do «Ministério do Exército», sempre um cardeal da confiança do Papa. O Papa não recebe ninguém sem que passe primeiro através das 12 antecâmaras e preste os devidos esclarecimentos ao camarista (agente secreto) da corte, que encaminha os visitantes, sempre escondido atrás do pseudônimo de copeiro.

Cada sala tem um piquete permanente de serviço (guarda palatina) com espingarda e baioneta calada. As sentinelas prestam continência em sentido à passagem dos cardeais, e ajoelham-se à passagem do Papa.

A única pessoa que não precisa de pedir audiência ao 264º Pontífice, é uma simpática irmã Pasqualina, sua criada. Seus principais secretários são os ministros do «Exército» e dos Negócios Estrangeiros do Vaticano. Seus armazéns pontificais são abastecidos de produtos americanos e de outros países e, os seus órgãos de propaganda oficiais são: a rádio, a televisão e o jornal.

Seus crentes — segundo se afirma — andam entre 400 e 600 milhões de fiéis, e sua história é longa, impenetrável no seu todo, mas do que tem vindo a público, guardando fatos interessantes.

UM

A Igreja tem entre os seus filhos mais diletos Moisés, que para fazer acreditar ao povo de Israel que havia falado com «Deus», mandou matar 23 mil pessoas. Filhos da Igreja foram também os instigadores e autores da guerra religiosa desencadeada por motivo de suplício de João Huss e Jerônimo de Praga, na qual perderam a vida 15 mil pessoas.

As Cruzadas contra o imperador Gregório 7º é atribuída a morte de 300 mil seres humanos como nós. O Cisma do Ocidente (Século 14) redundou em 50 mil mortes. As guerras entre bispos e religiosos das diversas seitas, sacrificaram 20 mil vidas. A imperatriz Teodora, viúva de Teófilo, em cumprimento da penitência do seu confessor, fez massacrar 120 mil maniqueus. Nas guerras religiosas, por ordem do Papa Martinho 8º (Século 16) morreram 2 milhões de seres humanos. Cinquenta mil vidas foram exterminadas por ordem do cristianíssimo Carlos 5º. Cinquenta mil por ordem do não menos cristão Felipe 2º, O Inquisidor. Trezentos mil pereceram na revogação do Edito de Nantes. Cinco milhões morreram na Guerra dos 30 Anos (Século 17). Quinze mil índios foram passados pelas armas, no México, por ordem dos portadores da batina. Cem mil pessoas pereceram nas Cruzadas dos frades cavaleiros que devastaram as terras marginais do Báltico. Cem mil vidas foram ceifadas nas Cruzadas contra o Languedoc.

Filhos da Igreja foram os matadores de 60 mil protestantes, na Noite de S. Bartolomeu, em França (24 de agosto de 1572), à ordem do Papa Gregório 8º. Filhos da S. Madre foram os autores do maior auto de fé em Espanha (9 de setembro de 1559), onde perderam a vida mais de 200 mil protestantes. Catequizados na mesma sacristia, foram os autores da guerra entre os Guefos e Gibelinos que, durante mais de um século, arruinaram a Itália.

A Igreja é Simão de Montfort, que enterrou num templo 50 mil cadáveres de desafetos. A Igreja é Arnald de Allaric, o suposto representante do «Deus, do Amor e Paz», que dizia aos seus soldados: «Matai, matai que Deus saberá reconhecer os inocentes!» A Igreja é o ensaiador dos milagres de La Sallet na pessoa do padre Duperrier. É a santa milagreira, na pessoa da religiosa Constança Saint-Pierre de La Marlière. A Igreja é também o cardeal Bonald, que publicou um pastoral contra esse milagre (19 de setembro de 1846). Filho legítimo da Igreja é o padre Fernando da Costa, prior de Trancoso-Portugal, pai de 275 filhos, 200 dos quais do sexo feminino e 75 do masculino, concebidos por 54 mulheres: com 29 afilhadas (97 filhas e 37 filhos), com 5 irmãs (18 filhos e filhas), com 9 comadres (56 filhos e filhas), com 7 amas (33 filhos e filhas), com duas escravas (29 filhos e filhas), com uma tia (3 filhos), e com a própria mãe (2 filhos). Este processo encontra-se na Torre do Tombo-Portugal, arquivado no armário n. 5, maço n. 7, referente ao ano de 1487.

Filho da Igreja foi S. Domingos, inventor das fogueiras da Inquisição, que tirara a vida a mais de 500 mil seres humanos. Servidores de Roma foram os matadores de 12 milhões de americanos (segundo o bispo

A GRANDE NEGOCIATA DO CATOLICISMO

No momento em que a Igreja Católica avança inexorável sobre as organizações populares, é necessário que os trabalhadores saibam quem é esta nova «aliada».



Perfeita união: Igreja Católica dá comunhão a Pinochet.

espanhol Las Casas) e os carrascos dos 400 mil japoneses que pereceram por não acreditar na Igreja de Roma. A Igreja é o padre Francisco Deville e Manuel Fernandes que deportaram D. Afonso 6º, rei de Portugal para que sua mulher, Maria Francisca Isabel de Sabóia, casasse com seu cunhado D. Pedro 2º, de quem se tinha feito amante.

Obra da Santa Madre Igreja são as seguintes medidas: proibição da leitura dos livros de Física e Química e até da própria Bíblia, assim como da dissecação dos corpos humanos pelos estudantes de Medicina, medidas aprovadas respectivamente, nos concílios de Tours (1163), de Paris (1231), e de Toulouse (1229). Foram seus autores os Papas Bonifácio 8º, Alexandre 3º e João 21. Obra da Igreja é a excomunhão e a perseguição a todos os inventores, desde Franklim (para-raios) até Addour (alambique). Da Igreja são Jacques Clemente e Ravallac, matadores dos reis da França Henrique 3º e Henrique 4º. Deste último, existe uma carta datada de 17 de agosto de 1595 em resposta ao pedido do Papa para autorizar que os jesuítas continuassem na França, onde se lê: «Acerca do pedido de V. Santidade respondi ingenuamente ao legado que, se tivesse duas vidas, daria uma de boa vontade para satisfazer Sua Santidade, mas como tenho só uma, preciso poupá-la». Apesar desta precaução o monarca francês não escapou ao punhal da Igreja!

Filho da Igreja foi o Papa Paulo 5º que afirmava ser a Inquisição o «baluarte da Santa Sé», provocando tanta indignação com suas afirmações que, em 18 de agosto de 1559, o povo se revoltou e mutilou a estátua do seu antecessor, Paulo 4º. Da Igreja foi Eugênio 4º, filho do Papa Gregório 12 e de uma tal Beneditina, que dirigiu aos cardeais, antes de morrer, estas palavras: «Reconheço ter cometido grandes crimes durante o meu pontificado. Depois de mim elevai a cadeira do Apostolado um santo padre, que faça reinar a probidade em vez do roubo e do assassinio, que há tantos séculos estabeleceram a sua corte no Vaticano». (do «Almanaque Humanidade», Porto-Portugal, 1930).

Da Igreja é a aprovação no Concílio de Erford: «Os bispos reunidos em concílio, declaram que Deus autorizou os reis a matarem povos que não lhes possam ou não queiram pagar o dizimo» (10 de março de 1073). Filho da Igreja é o padre Manuel da Nóbrega, que, à sua chegada ao Rio de Janeiro, ensina o carrasco a matar no cadafalso o francês João Bolés. E filho legítimo da Igreja foi o Papa João 22, que extorquiu mais de 50

milhões de florins-ouro em taxas da chancelaria apostólica para absolvição de todos os tipos de crimes:

a) «O eclesiástico que cometer o pecado da carne, quer com freiras, sobrinhas ou afilhadas, ou quaisquer outras mulheres será absolvido pela importância de 67 libras e 12 soldos. O padre que deflorar virgem pagará mais 2 libras e 8 soldos;

b) A mulher adúltera que pedir absolvição para estar ao abrigo de toda e qualquer perseguição e ter larga dispensa para continuar as suas relações pagará 87 libras e 3 soldos. Em caso semelhante, o marido submeter-se-á à mesma taxa;

c) Absolvição e segurança contra toda e qualquer perseguição, pelos crimes de rapina e incêndio, custará 131 libras e 7 soldos;

d) A absolvição do assassinio, cometido sobre um secular, é taxada em 15 libras, 4 soldos e 3 dinheiros. Se o assassino matar muitos homens no mesmo dia não pagará mais nada». (dados extraídos do livro do historiador Maurice Lachatre, «Os Crimes dos Papas, Reis e Rainhas», 2º vol., pág. 255).

A clareza das obras da Igreja de ontem dá origem à Igreja de hoje que vamos enfocar na sua abertura para a conquista de novas fontes de renda e novos domínios, destacando-se:

a) A participação aberta do Vaticano nas multinacionais em busca de lucros;

b) A exploração dos «milagres», das «figurinhas santas» e das marcas comerciais com nomes «santos» em nome da ignorância e do temor;

c) A criação de uma vanguarda de padres operários e de infiltradores católicos (J.O.C. e outras) e de operários treinados nas sacristias para liderar operários e camponeses visando neutralizar movimentos revolucionários de transformação social, anestesiarem os famintos e esfarrapados e fazê-los acreditar nas soluções governamentais, em feroz concorrência com os bolchevistas e os anarco-sindicalistas.

DOIS

Da participação aberta do Vaticano nas multinacionais e de sua fortuna, quem primeiro ouvimos foi a revista inglesa «The Economist» que garante que a fortuna da Igreja de Roma anda na casa dos «22 bilhões de marcos-ouro, equivalente a 9 bilhões de dólares». Indo um pouco além da «pobreza» do Vaticano, a revista americana «Time», avaliou-a «em 20 a 25 bilhões de dólares» enquanto o economista Nino Lo Bello (autor da obra «The Vatican Empire»), depois de acuradas pesquisas e apoiado em provas, garante que «o Vaticano possui valores alienáveis iguais às reservas de ouro e de divisas da França».

Seus negócios são controlados por 60 escritórios e diversos organismos e serviços responsáveis pelo «tesouro de Deus neste nosso mundo materialista». A participação do Vaticano aparece às claras umas vezes e outras escondida nos Estados Unidos, na França, na Itália, no Canadá entre outros países de sua preferência. Em Itália o «tesouro de Deus» compõe-se de «1.500 hectares de terras».

Segundo a revista da Alemanha Ocidental, «Der Spiegel», o Vaticano penetrou, investe e participa de quase todos os setores da economia, tornando-se acionista de numerosas companhias, que se ocupam da venda de bens imobiliários, indústrias de matérias plásticas, dominam a eletrônica, tratamento do aço, cimento, participam das empresas têxteis, de produtos químicos, entre outras.

Em 1962, quando o governo italiano resolveu nacionalizar a eletricidade, descobriu que o Vaticano, em nome da casa especial de créditos «La Centrale», possuía uma carteira com 8.235 ações (valendo \$24801600) na Selt Valdarno; 8.417 ações (valendo \$25153600) na «Romana di Eletricita»; e em nome da «Bastogi», o Vaticano possuía 10.265 ações (valendo \$13836400), na «Societá Meccanica Elettrica»; 6.407 ações (valendo \$8441600), na «Finanziaria Adriatica»; 5.385 ações (valendo \$1214600), na «SGES»; 4.013 ações (valendo \$10038400), na «Dison»; 1.137 ações (valendo \$2659200), também na «Selt Valdarno».

Pela mão firme dos cardeais Egídio Vagnozzi, presidente da Prefeitura para Assuntos Econômicos e de Giuseppe Caprio, da Administração do Patrimônio da «Santa Sé», o Vaticano investe em armas de guerra enquanto o novo Papa se dá ao luxo de reclamar dos governos belicistas!

Da mesma forma que a «Padaria N. S. de Lourdes» rouba no peso do pão sob a «proteção de um nome divino», o Papa pede «a paz aos homens de boa vontade» e seus banqueiros investem no fabrico de armas de guerra!!!

(Continua no número 13)

A VOLTA DA PRIMEIRA INTERNACIONAL

Secretariado Internacional

Circular nº 1

Madri, abril de 1980

A todos os companheiros, núcleos, grupos e publicações afins do mundo.

Estimados companheiros,

Por acordo do último congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, celebrado em Paris, em abril de 1979, o Secretariado Internacional foi transferido para Espanha e fixou a sua residência em Madri, por acordo da Confederação Nacional do Trabalho.

Desta nova sede, este secretariado propõe-se como primeira missão, o estabelecimento de relações com todos os companheiros do mundo, pondo em execução os acordos do XVI Congresso da AIT, em que assinala este momento como o do relacionamento e expansão da nossa internacional.

Queremos restabelecer os laços que existiam com o anterior secretariado associando-os ao nomeado recentemente para tentar dar um grande impulso a todo o movimento anarco-sindicalista mundial. Temos de unificar esforços e coordenar o trabalho para fazer chegar a voz da AIT a todos os lugares da Terra onde haja um explorado.

Pedimos para que vos ponhais em comunicação com este secretariado o mais rapidamente possível. Temos de reconhecer a verdade de nossa força da mesma forma que conhecemos a razão da nossa alternativa à sociedade atual. Necessitamos para isso que nos enviem informações da situação individual e coletiva da região onde vivem. Desejávamos ter informações atualizadas, ao iniciar a edição do Boletim da AIT, coincidindo com o 1º de maio e como homenagem ao Internacionalismo Libertário, na mais genuína festa, e para isso necessitamos da contribuição e colaboração de todos, pois pretendemos fazer uma boa publicação.

Junto enviamos a nossa direção postal e telefone, esperando que cheguem prontamente notícias:

AIT — Apartado de Correos 14.836

MADRI — ESPANHA

Telefone 227.4024 (das 7 às 9:30 p.m., de segunda a sexta-feira).

Chegamos ao secretariado com vontade de trabalhar e desejávamos poder contagiar todos os anarco-sindicalistas do mundo. A grande família libertária tem de se agrupar e pôr-se em marcha, se possível com mais ímpeto, uma vez que depois do fracasso de todas as opções políticas, somente fica a nossa alternativa: o comunismo libertário, limiar da anarquia.

Recebam as nossas mais profundas e fraternas saudações, Vossos e do Internacionalismo anarco-sindicalista.

O Secretariado da AIT.

(Extraído de «A Batalha», julho de 1980 — jornal de Portugal).

SUL MARAVILHA?!

Um "roteiro turístico" desde 1964

Quatro ou cinco sacos com a mudança, um punhado de filhos nos braços, e até na barriga. Perambulando de cidade em cidade, onde sempre se amontoam em barracos, precariamente construídos, ou morando em condições ainda piores, em choupanas perdidas no meio do mato. Assim é a realidade brasileira, e não pense que é só no Nordeste que acontece isto. O que vão ler a seguir é um depoimento de uma família de retirantes catarinenses. Eles vieram de cidade em cidade, num roteiro nada turístico, pelo Sul Maravilha até o Rio Grande do Sul, onde moraram no interior, no litoral e agora vivem numa vila (clandestina) de Porto Alegre.

Esta história começa quando o pai, que trabalhava nas minas de Criciúma (SC), e que foi posto pra rua no golpe militar de 1964. Desde então, "foi que nem cigano", quem dá este depoimento é a filha, e com a ajuda da mulher do mineiro: "O trabalho na mina era normal, que dizê, puxado, né? O pai saía de madrugada, às cinco da manhã, voltava meio-dia, daí o trabalho de tarde, lá até tarde. A mina não era perto de casa tinha que pegar caminhão, que era da mina mesmo, mas lá era bom, tinha casa, eles davam casa pra gente morar. Lá ele ia muito bem... E dava aquelas greve, te lembra, mãe?. De vez em quando dava greve, quando o Brizola caiu, tinha até um pessoal lá na mina que era uns dos grande, lá na mina, eles queriam prender andaram fugindo. Eu me lembro, o pai falava em casa, a polícia andava atrás deles. Tinha até um tal de Pedrinho... mas eu tava falando das greve, tinha greve sim, mas ele não participava, só quando era pra pedir aumento, era comum, não iam dois, três dias, e o sindicato pedia aumento. Mas as greve de política, negócio da troca de presidente, de troca de político e não sei o que mais, não. Tô dizendo greve como a que fizeram quando deu esta revolução que entrou o Castelo Branco. Cavalo Branco, não sei bem... daí botaram ele pra rua. Ele não recebeu nada Se lembra, mãe?... Mas espera aí, tem uma coisa que aconteceu antes disso, ele se acidentou, é que dois carro de carvão prensaram ele, veio um daqui um dali e prach... pegaram ele de cheio greve morreu, veio pra casa carregado num daqueles trol, nem falava, quase que morre, daí três mês depois deram alta pra ele, ele tava enfalxado e tudo, tava até com o seguro do sindicato. Deram alta ele foi trabalhar, mas não guentô. Então ele foi pra rua... Enrolaram ele, sabe? Queriam que ele assinasse uns papel, papel em branco, daí ele disse que não assinava sem sabê o que tava escrito em cima, depois disseram que o pai era comunista, que era isto e aquilo. Pegaram o pé dele, daí quando teve a revolução, essas coisa, puseram ele na rua. O médico, o que assinou a alta pro pai, esse médico o pai queria matá... ficou loco. Loco da vida! Junto com ele, foram uns quantos pra rua. A mãe tinha um guri, que hoje tem dezessete ano, naquela época era pequeninho, nenê. Tu vê, tudo pequeno, eu era a mais velha, tinha uns onze ano, o que é que ele podia fazê? Ele ainda tentô botar questão, mas lá eles tapearam ele de novo. Esse médico, mais um advogado, lá no sindicato, sabe? Quando teve a revolução, mudô todo o pessoal antigo do sindicato... ele trabalhô uns doze ano lá na mina, ele até tinha um cargo lá no sindicato antigo, de representante, né, mãe? Ele até conseguiu uma vez que um companheiro de trabalho desse fosse trabalhar de novo, ele falou que conseguia e conseguiu. Daí, sem dinheiro ele teve que vender tudo o que tinha, meu avô até gostou, tava preocupado com as idéias do pai, ele queria matá o médico do sindicato, mesmo. Vendeu tudo, o que não cabia na carroça, ele deu. Era uma destas carroça antiga, com roda de ferro e madeira, se fosse destas de pneu, era mais cômoda, né? Com dois cavalos secos e nós tudo. Sempre de carroça, quando cansava um, nós parava e trocava, tinha dias que a gente parava e tinha que dormir no meio da estrada, na beira da estrada, viajemo uma semana, os cavalo cansava, nós tinha que vim a pé até cansá, depois, parava pra descansá, os mais pequeno vinham na carroça. A gente vinha parando. Viemo até Araranguá (SC), daí uns do cavalos consou mesmo e ele trocô por uma égua. Fez uma volta com o dinheiro que ele ganhou vendendo mais umas coisa, que ainda tinha, depois viemo até Sombrio, ali nós ficamos uns quatro mês, o pai pescava, mas não dava pra vivê. Lá deram uma casa pra gente morar, depois ele comprô, a troca de nada, era uma casinha pequena, um rancho, né? Isto tudo foi em Sombrio, onde ficamos, esse tempo, depois ele montou um lavanderia, não deu dinheiro também. Daí nós se mudemo, fomo pra Santa Rosa, moramo mais uns quatro mês por lá, também não deu certo; então apareceu um negócio, cortá mato, lá em Ouro Verde, na serra, nós viemo até Ouro Verde, era pra cortá pinheiro. Nós viemo em oito família, num caminhão só, tudo pequeno... lá nós ficamos seis mês, a mãe engravidou, de novo, do outro, que veio ganhá em Tramandaí. Por isto não deu mais pra ficá por lá, não tinha nada perto, nem farmácia, nem nada perto, tudo longe, longe mesmo. Aqueles bicho mordida a perna da mãe, elas ficavam inchadas, cheias de feridas, e ela barriguda, o pai quiz levá ela no médico e o homem que dava ordem pra deixar ir de caminhão, não quiz dar a ordem, o pai já quiz briga com ele, era o capataz, um homem ruim... era um acampamento onde nós tava, um acampamento de cortar mato. Daí nós paguemo e viemo pra Montenegro (RS), que dizê, não primeiro a gente ficou ali pertinho de Monte-

Grupo de Porto Alegre

negro, em Portão, não sei se tu conhece... ali nós ficamos um tempo, mas também não dava, a mãe ainda grávida do guri, ela não podia trabalhá por que a barriga tava muito grande já, e eu e meus irmãos, nós era muito pequeno pra pegá no pesado. Então fizemo tudo de novo, pai vendeu mais umas coisa se tinha sobrado e viemo com o que sobrou, sobrou uns quatro cinco saco de coisa, peguemo o ônibus e viemo pra Tramandaí. Em Tramandaí, nós alugamo uma casinha por oito cruzeiro por mês, naquele tempo era uma cidadezinha, né? Era na bira da praia, o pai conseguiu a casa de um pescador, que tinha uma outra casa no centro de Tramandaí. Ah! Eu tava esquecendo, ainda quando a gente morava em Montenegro, dava uns ataque no pai, ele quebrava tudo, uma vez, lá em Ouro Verde, também dava lá, uma vez ele teve um destes ataque nele, ele quebrô a cama, quebrou tudo, ninguém dormiu, a mãe apavorada, quando dava estes ataques, ele ficava todo roxo, não falava. Foi desde a mina, quando caiu aquele negócio em cima dele, uma galeria, desabou uma galeria em cima dele, quase que mata, depois ele ficu as-

ça em um ano, um ano e meio. Então viemo pra Porto Alegre, eu vim na frente, pra trabalhá, fiquei dois ano aqui e casei, daí o pai também veio pra trabalhá, a gente veio aqui pra vila, a vila naquele tempo não tinha quase ninguém, bem pouca gente. Não tinha metade das casa que tem agora, era tudo banhado, lá pra baixo, era tudo banhado, só esse pedacinho era seco, seu José aterrou. Era bem pior que lá em Tramandaí, lá era uma vila mais povoada, era mais suave, e terreno seco, com grama e tudo, era no campo de aviação. E perto do cemitério, só não tinha luz e água encanada. Aqui na vila, é diferente, tem água, mas só um pedaço, até ali em cima. Porque dali, até a ponta do beco, não tem. Porque o homem lá, botou a casa no mei da rua e não tirou, o do armazém pra botar água direito. Com a casa no mei da rua, o DEMAÉ (Departamento Municipal de Água e Esgoto de Porto Alegre) continuar os canos, e nós que se ralamo, tem que pegar a água de manjeira. O pessoal do DEMAÉ, não faz mais nada, já tive lá uma três vez, ele andaram medindo o terreno. Pra que isto? Eu não sei pra que é... se ele botam relógio, todo mundo se rala aí ninguém dá mais água



Aristides, sua mulher e uma das filhas num roteiro nada recomendado pelas agências de turismo

sim, nunca mais prestou. Diz que tem uma veia dilatada no coração, dilatô, ele tirô chapa, deu pra vê. Agora ele tá bom, se curô mesmo, nunca mais ele teve um destes. Mas como eu tava te falando, uma vez, lá em Ouro Verde, ele teve um ataque, quebrô... tinha um destes barraco de pinho, barraco, mesmo, polegada de pinho, ele dava pontapé nas tábuas, que onze homem, uns empregado, não conseguiram segurá ele. Saiu correndo assim por uma estrada, que ia lá pra cima, pros pinheiral. Ele ia correndo, correndo, o Valdenor, meu irmão, saiu correndo atrás dele, os homem não alcançaram, então esse meu irmão, pequeninho, pegou meu pai pelas pernas, e derrubô ele. Daí chegaram e agarrô ele, dava toda noite, esses ataques. Mas em Tramandaí, nós ficamos uns dez, onze anos, sempre morando nas vilas em volta da cidade, mas uma vez, ele tinha uma casa, boa mesmo, ele trocô por uma fubica (camioneta Ford antiga), que não dava nada, o que ele ganhava ela comia na oficina, daí ele trocô esta fubica por uma carroça, a carroça ele trocô por uma gaita (sanfona) ha, ha, ha... daí ele pegô e fez um rancho de tiririca, essa palha de junco, perto de Barro Preto (bairro de Tramandaí). Um dia chegou um cego e ele trocô a gaita por uma dúzia de taquara e quatro galinha, daí uma semana o cego ia levá as galinha, ele tá esperando até hoje as galinha do cego. Até um cego lograva ele, a mãe ficava tão braba, brigava tanto, tanto que nem sei... Araranguá, Sombrio, Santa Rosa, Ouro Verde, Montenegro e Tramandaí. Sete mundan-

pra nós. Como é que vai sê, temo casa que dá água pra quatro casa. Qué dizê no caso eu gasto pouca água, mas vou ter que pagá pelos que gastam muita. Daí vai ser aquilo, né? Ah, se vier um relógio, eu corto a minha, faço um poço. Mas eles falaram que não iam fazer nada, enquanto não lotear, não sei mais o quê. Viu, quanto gastam? Mas eles dizem que vão medir quem tem e quem não tem água, já pagamos um milhão e pouco) mil e poucos cruzeiros). Pra mim, eles não botaram foi de preguiça. A gente tem que pegá a água de mangueira, pra lavá roupa, a loja, eu não uso muita, o pior é que não tem banheiro. É, nós já passamo pro coisa, mas agora até que não tá tão ruim, também meu pai... aí, ele não adquiria nada, nunca, tudo que ele adquiria, passava adiante; como a fubica, a gaita, ele botá tudo fora. Tu vê, ele vendeu uma casinha aqui, por vinte e cinco mil cruzeiro, uma casa bem direitinha, a casa, que o terreno não era dele. Um mês depois, o homem que comprô a casa, vendeu por sessenta mil, vê quanto ele não ganhou com isto. Porque aqui a casa era melhor quando era do pai, era pintadinha, arrumadinha, ele era, é muito crapichoso, cuidava das coisa, quando tinha. Como a gente se lembra das coisa, mas acho que não fazia nada de novo, é meio besteira passá fome e ficá se lembrando, agora tu vê, lembrança do tempo em que se passava fome. E se ele tivesse aqui, ele lhe contava toda a história, contava sim".

Junho de 1980.

Colaboraram todos do grupo de apoio do Inimigo do Rei em Porto Alegre; Adir tirou as fotos, Zezinho e Lia montaram o texto.

ANARQUISMO

Antônio da Costa (Rio)

É de fato um grande compromisso moral dizer-se anarquista. Isso implica em perseguição, encarceramentos, que nem todos estão dispostos a enfrentar.

Lendo o "Caderno Especial" do "Jornal do Brasil", de março de 1980 sobre os 80 anos de Gilberto Freire em qualquer

lugar ali ele se afirmava um "anarquista construtivo", que eu não entendo qual o seu significado ou a analogia que tem com aquele anarquismo defendido por seus grandes luminares, cujas vidas, honrarias e fortunas fossem em constante holocausto àquela doutrina.

Chaplin também se afirmou anarquista (mas tendo um amor doentio pela riqueza), afirmou-se também o belo poeta

Carlos Drummond de Andrade, cuja vida burocrática foi uma constante e suas crônicas e poesias, só de leve, é que nelas se vislumbra algo que se confunde com anarquismo.

Quando analiso a vida agitada e coerente que tiveram os grandes vultos do anarquismo, sinto vergonha de afirmar-me sempre desejando que todos os meus atos fossem pautados pela sua doutrina.

Há, em verdade, anarquista de rua e de gabinete; de ação e de pregação; de luta de greve nas ruas e de debates nos sindicatos. Mas quase sempre a família

nos amolece e as lágrimas das mães nos esmagam e nos destroem...

Mas o anarquismo é algo de belo, como um brilhante sem jaça: é um evoluir constante à vida plena; não se detém; não se estratifica em partidos com programas rígidos, como canga em nosso peçoço; não tem idolatria por homens por idéias. Em Bakunin, o anarquismo tem várias faces, sempre procurando o "élan" que forna a vida mais humana, mais evolutiva, mais livre, mais feliz! É a tocha iluminando o futuro, deixando para trás as trevas do passado...

O anarquismo é a vida e a beleza em renovação constante da vida.

SOVIETS OU DITADURA "DO" PROLETARIADO?

Rudolf Rocker

Artigo enviado por Nelson Serathiuk
(Lausanne, Suíça)

Acreditam talvez que o título contém um erro? Que o sistema dos soviets e a ditadura do proletariado são uma só e mesma coisa? Não, se trata de dois conceitos muito diferentes que, longe de se completar, excluem-se reciprocamente. Somente uma lógica malsã de partido pode admitir uma fusão onde, na realidade, existe uma oposição muito clara.

A idéia dos "soviets" é uma expressão definida daquilo que nós entendemos por revolução social; corresponde à parte inteiramente construtiva do socialismo. A idéia de ditadura é de origem exclusivamente burguesa e não tem nada em comum com o socialismo. É possível vincular artificialmente as duas noções, porém o resultado será sempre uma caricatura da idéia original dos soviets, que prejudicará a idéia fundamental de socialismo.

A idéia dos soviets não é em absoluto uma idéia nova, nascida da revolução russa, como se costuma pensar. Nasceu no seio da ala mais avançada do movimento operário europeu, no momento em que a classe operária saía da crisálida do radicalismo burguês para voar com suas próprias asas. Era o momento em que a Associação Internacional de Trabalhadores realizou seu grande intento de agrupar numa só e vasta união, os operários de diferentes países e abri-los o caminho da emancipação. Se bem que a Internacional tivesse fundamentalmente o caráter de uma vasta organização de uniões profissionais, seus estatutos estavam redigidos de maneira que permitisse a todas as tendências socialistas da época, que estivessem de acordo com o objetivo final, poderem ocupar um lugar em suas fileiras.

No começo, as idéias da grande Associação estavam longe de terem a clareza e a expressão acabadas que alcançaram naturalmente no Congresso de Genebra, em 1866, e no de Lausanne, em 1867. Quanto mais a Internacional se fazia madura internamente e se estendia como organização de luta, mais claras se faziam as idéias de seus membros. A ação prática na luta cotidiana entre o capital e o trabalho conduzia, por si mesma, a uma compreensão mais profunda dos princípios fundamentais.

Depois que o Congresso de Bruxelas (1868) houvera se pronunciado em favor da propriedade coletiva do solo, do subsolo e dos instrumentos de trabalho, criou-se uma base para o posterior desenvolvimento da Internacional.

No Congresso de Basiléia, em 1869, a evolução interior da grande Associação operária alcançou seu ponto culminante. Juntamente com as questões do solo e do subsolo, das quais o Congresso voltou a se ocupar, foi especialmente a questão das uniões operárias a que passou para primeiro plano.

Um informe sobre essa questão, apresentado pelo belga Hins e seus amigos, provocou um grande interesse: as tarefas correspondentes às uniões operárias e à importância que oferecem, foram expostas pela primeira vez, de uma perspectiva totalmente nova, semelhante, de certa maneira, às idéias de Robert Owen. Em Basiléia se proclamou aberta e claramente que a união profissional, a Trade-Union, não é uma organização normal e transitória que somente tem razão de existir no seio da sociedade capitalista e que deve desaparecer com ela. O ponto de vista do socialismo estatal, que pensa que a ação das uniões operárias deve limitar-se a um melhoramento das condições de existência dos operários, dentro dos limites do assalariado, e que ali conclui sua tarefa, viu-se profundamente modificado.

O informe de Hins e de seus companheiros demonstrou que as organiza-

ções de luta econômica operária devem ser consideradas como células da futura sociedade socialista e que a tarefa da Internacional é educar estas organizações para fazê-las capazes de cumprir sua missão histórica. O Congresso adotou esse ponto de vista, porém hoje sabemos que muitos delegados, especialmente alguns dos representantes das organizações operárias alemãs, jamais quiseram levar a cabo o que essa resolução implicava.

Depois do Congresso de Basiléia, o especialmente depois da guerra de 1870, que levou o movimento social europeu por um caminho totalmente diferente, apareceram duas tendências bem diferenciadas no seio da internacional, tendências que depois entraram em clara oposição entre si e conduziram a uma divisão da Associação. Pretendeu-se reduzir estas lutas intestinas a querelas meramente pessoais, em especial à "rivalidade" Mijail Bakunin e Karl Marx e o Conselho Geral de Londres. Nada mais falso e infundado do que esta idéia procedente de um total desconhecimento dos fatos. É certo que as considerações pessoais desempenharam um certo papel, como quase sempre ocorre em casos semelhantes. Foram sobretudo Marx e Engels que atacaram Bakunin na medida do humanamente possível; fato que nem o biógrafo de Marx, Franz Mehring, pôde esquecer. Porém, seria um grave erro ver nessas enfadonhas polêmicas a verdadeira causa da grande oposição entre esses homens. Na realidade, se chocavam duas concepções diferentes de socialismo e, sobretudo, dos caminhos que devem conduzir a ele. Marx e Bakunin se limitaram a ser os mais destacados nesta luta por alguns princípios fundamentais, porém o conflito teria existido igualmente sem eles, pois não se tratava de uma oposição entre duas pessoas, mas de uma oposição entre correntes ideológicas, que tinha e que segue tendo agora sua importância.

Os operários dos países latinos, onde a Internacional encontrou seu principal apoio, desenvolveram seu movimento a partir de algumas organizações de luta econômica. A seus olhos o Estado era somente o agente político e o defensor das classes possuidoras; consequentemente não tendiam tanto à conquista do poder político quanto à supressão do Estado e de todo poder político, sob qualquer forma, pois não viam nele mais do que um prelúdio à tirania e à exploração. Assim sendo, não queriam limitar a burguesia fundando um novo partido político, origem de uma nova classe de po-

líticos profissionais. Seu objetivo era apoderar-se das máquinas, da indústria, do solo e do subsolo; viam com clareza que tal objetivo os distanciava totalmente dos políticos radicais burgueses que o sacrificam inteiramente pela conquista do poder político. Entenderam que com o monopólio da posse deve cair também o monopólio do poder; que a totalidade da vida da sociedade futura deve estar baseada em conceitos inteiramente novos. A partir da idéia de que a "dominação do homem sobre o homem" soçobrou, planejaram persuadir-se da idéia da "administração das coisas". Substituíram a política dos partidos no seio do Estado por uma política econômica do trabalho. Entenderam que a reorganização da sociedade numa direção socialista deve ser realizada na própria indústria, e deste conceito nasceu a idéia de "conselhos" (soviets).

Estas idéias da ala antiautoritária da Internacional foram aprofundadas e desenvolvidas de maneira especialmente clara e precisa nos Congressos da Federação del Trabajo2 espanhola. Ali se introduziram os termos **Buntos e Consejos del Trabajo**3 ("Comunas operárias" e "Conselhos operários").

Os socialistas libertários da Internacional entenderam perfeitamente que o socialismo não pode ser ditado por um governo, mas que deve desenvolver-se de maneira orgânica de baixo para cima; entenderam que são os próprios operários que devem assumir a organização da produção e do consumo. E opuseram esta idéia ao socialismo de Estado dos políticos parlamentares.

No decorrer dos anos seguintes houve feroces perseguições contra o movimento operário dos países latinos; o sinal de partida foi dado pelo esmagamento, na França, da Comuna de Paris; depois as repressões se estenderam à Espanha e à Itália. A idéia dos "conselhos" ficou para um segundo plano, pois estando perseguida toda propaganda aberta, nos governos secretos que os operários tiveram que formar, viram-se obrigados a utilizar todas as suas forças no combate à reação e na defesa de suas vítimas.

O sindicalismo revolucionário e a idéia dos conselhos

O desenvolvimento do sindicalismo revolucionário despertou esta idéia e a chamou a uma nova vida. Durante a época mais ativa do sindicalismo revolucionário francês, de 1900 a 1907, a idéia dos conselhos se desenvolveu sob sua forma mais clara e acabada.

Basta folhear os textos de Pouget, Griffuelhes, Monatte, Yvetot e muitos mais, para convencer-se de que nem na Rússia, nem em outro lugar, a idéia de conselhos se enriqueceu, depois, com nenhum elemento novo que os propagandistas do sindicalismo revolucionário não tivessem formulado quinze ou vinte anos antes.

Durante este tempo, os partidos operários socialistas rechaçavam totalmente a idéia de conselhos; a grande maioria daqueles que são agora seus mais decididos partidários, sobretudo na Alemanha, consideravam então com maior desprezo esta nova utopia. O próprio Lenin, em 1905, dizia ao presidente do conselho dos delegados operários de Petersburgo que o sistema dos conselhos era uma instituição superada, com a qual seu partido não podia ter nada em comum.

Sendo assim, esta concepção de conselhos, cuja honra cabe aos socialistas revolucionários, assinala o momento mais importante e constitui a pedra angular de todo o movimento operário internacional. Devemos acrescentar que o sistema dos conselhos é a única instituição capaz de conduzir à realização do socialismo, pois qualquer outro caminho seria equivocado. A "utopia" se mostrou mais poderosa que a "ciência".

É negável também que a idéia dos conselhos se depreende logicamente da concepção de um socialismo libertário, lentamente desenvolvida no seio do movimento operário, em oposição à de Estado e a todas as tradições da ideologia burguesa.

A "ditadura" do proletariado, herança da burguesia.

Não se pode absolutamente dizer o mesmo da idéia de ditadura. Não procede do mundo dos conceitos socialistas. Não é produto do movimento operário, mas uma triste herança da burguesia, que, para sua sorte, foi dada ao proletariado. Está estreitamente unida à aspiração ao poder político, que é, igualmente, de origem burguesa.

A ditadura é uma certa forma que o poder do Estado toma. É o Estado submetido ao estado de sítio. Como os outros partidários da idéia estatal, os defensores da ditadura pretendem poder impor ao povo — como medida provisória — sua vontade. Esta concepção constitui em si mesma um obstáculo à revolução social, cujo próprio elemento vivo é precisamente a participação construtiva e a iniciativa direta das massas.



Ilustração extraída e adaptada da revista libertária "Bicicleta" (Espanha)

A ditadura é a negação, a destruição do ser orgânico, do modo de organização natural, de baixo para cima. Se alega que o povo ainda não é adulto, que não está preparado para ser seu próprio dono. Se trata da dominação sobre as massas, de sua tutela por uma minoria. Seus partidários podem ter as melhores intenções, mas a lógica do poder os levará sempre a entrar no caminho do mais extremo despotismo.

A idéia de ditadura tem sido adotada pelos nossos socialistas-estatais do partido pequeno-burguês dos jacobinos. Tal partido qualificava de crime qualquer greve e proíbia, sob pena de morte, as associações operárias. Saint-Just e Couthon foram seus porta-vozes mais enérgicos e Robespierre atuava sob sua influência.

A maneira falsa e unilateral de se imaginar a grande revolução, típica dos historiadores burgueses, influenciou fortemente a maioria dos socialistas e contribuiu grandemente em outorgar à ditadura jacobina uma força que não merecia, e que o martírio de seus principais comandantes não fez mais do que aumentar. A maioria está sempre propensa ao culto dos mártires, e isso a faz incapaz de um juízo crítico sobre suas idéias e seus atos.

Conhecemos a obra criadora da revolução: a abolição do feudalismo e da monarquia os historiadores a glorificaram como a obra dos jacobinos e dos revolucionários da Convenção, e com o tempo disso resultou uma concepção totalmente falsa de toda a história da revolução.

Hoje sabemos que esta concepção está baseada numa ignorância voluntária dos fatos históricos e em especial da verdade que a autêntica obra criadora da grande revolução foi realizada pelos camponeses e pelos proletários das cidades, contra a vontade da Assembléia Nacional e da Convenção. Os jacobinos e a Convenção sempre combateram vivamente as inovações radicais, até que se chocaram com fatos consumados e já era inútil resistir. Sendo assim, a abolição do sistema feudal se deve unicamente às incessantes rebeliões camponesas, ferozmente perseguidas pelos partidos políticos.

Em 1792 a Assembléia Nacional seguia mantendo o regime feudal, e somente em 1793, quando os camponeses começaram energeticamente a conquistar seus direitos, a Convenção "revolucionária" sancionou a abolição dos direitos feudais. O mesmo ocorreu com a abolição da monarquia.

As tradições jacobinas e o socialismo

Os primeiros fundadores de um movimento socialista popular na França provinham do campo jacobino, e é totalmente natural que sobre eles pesasse a herança do passado.

Quando Babeuf e Derthey criavam a conspiração dos "Iguais" queriam fazer da França, através da ditadura, um Estado agrícola e comunista. Como comunistas, entendiam que, para alcançar o ideal da grande revolução, era necessário resolver o problema econômico; porém, como jacobinos, acreditavam que seu objetivo podia ser alcançado através da força do Estado, dotado dos mais amplos poderes. A crença na onipotência do Estado alcançou nos jacobinos seu grau superior; estavam tão profundamente imbuídos dela que já não podiam imaginar outro caminho a seguir.

Babeuf e Derthey foram levados à guilhotina, mas suas idéias sobreviveram no povo e acharam um refúgio nas sociedades secretas dos babovistas, sob o reinado de Luís Felipe. Homens como Barbés e Blanqui atuaram no mesmo sentido, lutando em favor da ditadura do proletariado, destinada a realizar os objetivos comunistas.

E outros, como Marx e Engels, herdaram a idéia da ditadura do proletariado, expressa no **Manifesto Comunista**. Não entendiam com ela outra coisa senão a instauração de um poderoso poder central cuja tarefa consistiria em romper, mediante radicais leis coercitivas, a força da burguesia, e organizar a sociedade no espírito do socialismo de Estado.

Estes homens chegaram ao socialismo vindos da democracia burguesa; estavam profundamente imbuídos das tradições jacobinas. Além disso, o movimento socialista da época não estava tão desenvolvido a ponto de abrir seu próprio caminho e viver mais ou menos sobre as tradições burguesas.

Tudo pelos conselhos!

Foi unicamente com o desenvolvimento do movimento operário na época da Internacional que o socialismo se sentiu capaz de livrar-se dos últimos vestígios das tradições burguesas e de voar totalmente com suas próprias asas. A concepção dos conselhos abandonava a noção de Estado e da política de poder, sob qualquer forma que se apresentasse; se chocava assim, diretamente, com qualquer idéia de ditadura; esta, efetivamente, não somente quer arrancar o instrumento de poder das forças possuidoras e do Estado, como também quer desenvolver o mais rapidamente possível a sua própria força.

Os pioneiros do sistema de conselhos viram perfeitamente que junto com a exploração do homem pelo homem. Entenderam que o Estado, a potência organizada das classes dominantes, não pode converter-se em instrumento de emancipação para o trabalho. Pensavam igualmente que a destruição do antigo aparato do poder deve ser a tarefa mais importante da revolução social, para tornar impossível toda nova forma de exploração.

Que não se nos objete que a "ditadura do proletariado" não pode comparar-se com outra ditadura qualquer, pois se trata da ditadura de uma classe. A ditadura de um classe não pode existir como tal, pois se trata sempre, no fim das

ses e a deportação por ordem administrativa do czarismo russo reapareceram com estes singulares defensores da "democracia".

É certo que esses homens citam a cada momento sua constituição, que assegura aos bons alemães todos os direitos possíveis; porém esta constituição existe somente no papel; ocorreu o mesmo com a famosa constituição republicana de 1793, que jamais foi aplicada pois Robespierre e seus adeptos disseram que não podia ser posta em prática quando a pátria estava em perigo. Mantiveram portanto a ditadura, e esta levou ao 9 Thermidor, à vergonhosa dominação do Diretório e finalmente, à ditadura do sabre napoleônico. Na Alemanha, já estamos no Diretório; falta somente o homem que desempenhe o papel de Napoleão.

É certo que sabemos que a revolução não pode ser feita com água de ro-

ameça introduzir na concepção de conselhos muitos elementos estranhos, que não têm nada em comum com suas tarefas originais e que devem ser eliminados como perigosos para seu desenvolvimento posterior. Entre estes elementos estranhos, o primeiro lugar corresponde à idéia de ditadura. Nossa tarefa deve ser a de prever este perigo e precaver nossos camaradas de classe contra experiências que não podem acelerar, mas sim, atrasar a emancipação social.

Assim sendo, nossa ordem continua sendo: "Tudo pelos conselhos! Nenhum poder acima deles!" e esta ordem será ao mesmo tempo aquela da revolução social.

Nota sobre o autor: Rudolf Rocker é um dos pensadores libertários mais interessantes e menos conhecidos. O artigo "Sistema dos soviets ou ditadura do

«A revolução não se faz na servidão, mas sim em liberdade».

BUENAVENTURA DURRUTI



contas, da ditadura de um determinado partido que se arroga o direito de falar em nome de uma classe. Assim é com a burguesia, em luta contra o despotismo, falava em nome do "povo"; nos partidos que nunca estiveram no poder, a aspiração ao poder se torna extremamente perigosa.

Os novos ricos do poder são ainda mais repugnantes que os novos ricos da propriedade. A Alemanha nos serve, a este respeito como instrutivo exemplo: vivemos agora sob a poderosa ditadura dos políticos profissionais da social-democracia e dos funcionários centralistas dos sindicatos. Nenhum meio lhes parece brutal e suficientemente vil contra os membros de sua própria "classe" que se atreva a entrar em desacordo com eles. Estes homens se desembaraçaram de todas as conquistas da revolução burguesa que asseguram a liberdade e a inviabilidade da pessoa; desenvolveram o mais horrível sistema policial até o ponto que podem apoderar-se de qualquer pessoa que os aborreça, e faz-la inofensiva por um tempo determinado. As famosas "lettres de cachet" dos déspotas france-

sas; sabemos também que as classes possuidoras não abandonarão tão facilmente seus privilégios. No dia da vitória da revolução, os trabalhadores devem impor sua vontade aos atuais possuidores do solo, do subsolo, e dos meios de produzir-se por si próprios do capital sopele será feito se os trabalhadores apoderarem-se por si próprios do capital social e, em primeiro lugar, se derrubarem o aparato da força política, que até agora tem sido, e que continuará sendo a fortaleza que permite enganar as massas. Para nós este ato é um ato de liberação, uma proclamação de justiça social, totalmente alheia à idéia meramente burguesa de ditadura.

O fato de que grande número de partidos socialistas tenha aderido à idéia de conselhos, própria dos socialistas libertários e dos sindicalistas, é uma confissão; reconhecem com ela que a tática seguida até o presente tem sido errônea e que o movimento operário deve criar para si mesmo, nestes conselhos, o único órgão que lhe permitirá a realização do socialismo. Por outro lado, não devemos esquecer que esta repentina adesão

proletariado" foi publicado em um órgão libertário Yiddish de Nova Iorque em 1920 e naquele mesmo ano apareceu na revista comunista libertária francesa **Les Temps Nouveaux**.

Notas do texto:

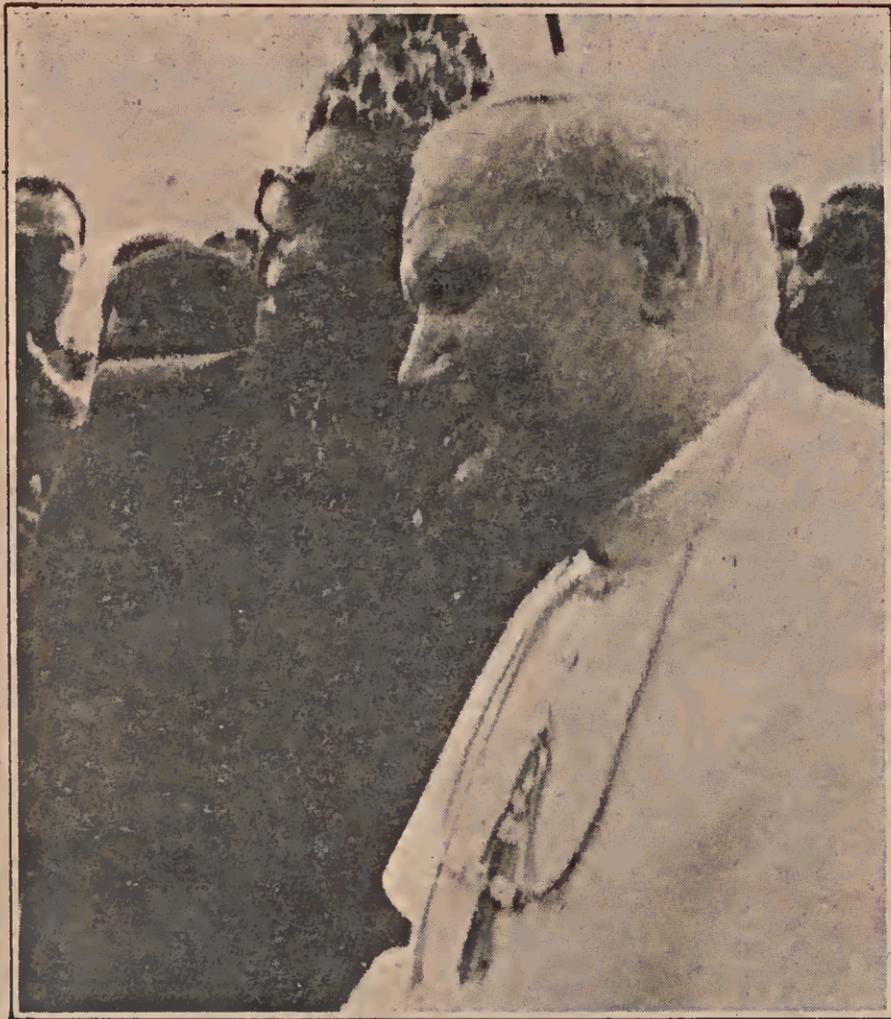
1 — Nota da Redação de **Temps Nouveaux**: "Reproduzimos o artigo publicado pelo nosso camarada Rudolf Rocker sob este título no diário **Freie Arbeiterstimme** de Nova Iorque, órgão anarquista em yiddish, no número de 15 de maio de 1920. Durante muitos anos Rocker foi o redator-chefe do "Arbeiterfreund" de Londres, publicado igualmente pelos nossos camaradas, em língua yiddish. Alemão, foi internado na Inglaterra no começo da guerra; voltou a seu país quando estorou a revolução alemã e agora vive em Berlim".

2 e 3 — Em castelhano no original (Nota do Tradutor)

4 — Análise premonitória! (Nota do Editor Espanhol).

A VOLTA DO

BOBO DA CORTE



Mobutu Sese Seko, ditador do Zaire, e João Paulo II.



Imperialistas aos beljos: Carter (EUA) e Brejnev (URSS).

SÓ GENTE MUITO BOA



Encontro de generais: Pinochet (Chile) e Médici (Brasil).

Mais generais: Videla (Argentina) e Figueiredo (Brasil).

